ANO VI — NS. 71, 72 E 73 — JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 1932

14

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA
INSPÉTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

SUMARIO

A nossa Revista. — Test prime, por *Helena Antipoff* e *Maria Luiza de Almeida Cunha*. — Atividades escolares (Extratos de relatorios fornecidos pelo Corpo Tecnico de Assistencia ao Ensino). — Experiencias em uma classe de educação especial (classe D), por *Benedicto Mello* — Afecções parasitarias mais comuns nas Escolas, pela *Inspétoria Médica Escolar*. — Um estudo dos povos primitivos (Traduzido da Revista "The Instructor").

BELO-HORIZONTE — ESTADO DE MINAS-GERAIS

ANO VI — N.º 71, 72 E 73 — JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 1932

REVISTA DO ENSINO

ORGÃO OFICIAL DA
INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 210
Data 20-10-77
BIBLIOTECA

A NOSSA REVISTA

O problema educativo, em todos os países do mundo, vai atraindo a atenção dos governos, cada vez com maior solicitude, não só pelo dever primordial que lhes incumbe de formar as gerações, como tambem em razão de varios fenomenos politico-sociais que reclamam solução, e que envolvem a propria segurança dos Estados.

Em Minas-Gerais o movimento se orientou no sentido de remover obstaculos, impecilhos e dificuldades na obra educativa e para isso o governo fez não pequenos sacrificios.

A "Revista do Ensino" tem sido o veículo de propagação das idéas da escola nova e o instrumento de que o governo se tem servido para a divulgação dos conhecimentos indispensaveis á cultura dos professores.

Varias circunstancias impediram que a Revista circulasse com a pontualidade indispensavel a uma publicação que não comporta delongas e retardamentos.

Para que possa exercer uma ação constante no meio educacional de Minas-Gerais e realizando um plano do Sr. Dr. Noraldino Lima, Secretario da Educação, a Revista passará a circular duas vezes por mês, embora com menor numero de paginas. Para o exito dessa iniciativa do Sr. Secretario da Educação, de incalculaveis frutos para o ensino, cumpre que os srs. Professores nos enviem sua preciosa colaboração, ventilando, preferentemente, assuntos palpitantes de metodologia, experiencias, tentativas, observações colhidas no campo de suas proficuas atividades.

Não raro, ensinamentos preciosos e lições salutares deixam de produzir todos os seus beneficos efeitos por falta de divulgação.

Esperamos, pois, que o professorado mineiro mande para a Revista a sua preciosa colaboração, afim de que possamos estabelecer um intercambio de idéas para a renovação da escola, em que repousa a grandeza de Minas-Gerais.

TEST PRIME

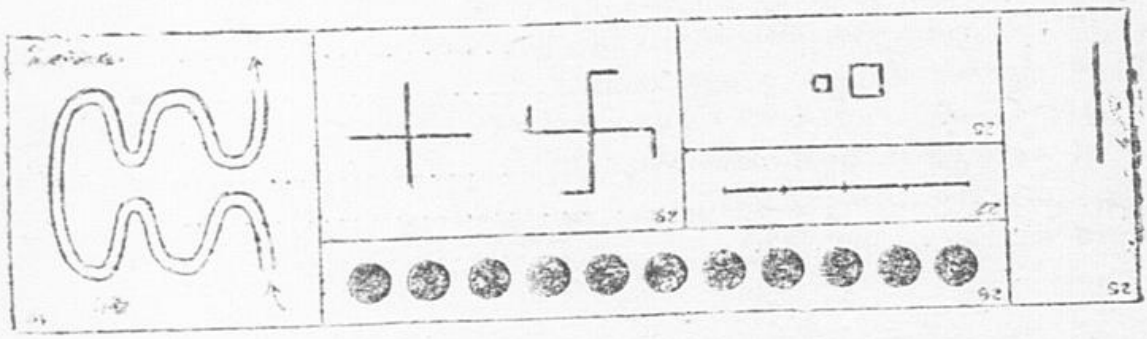
POR HELENA ANTIPOFF E MARIA LUIZA DE ALMEIDA CUNHA

Indice :

	Pag.
O que é Test Prime	4
Resultados de Belo-Horizonte	10
» do Interior de Minas	10
» dos varios Grupos da Capital	18
Resultados dos meninos e das meninas	21
Evolução mental entre 6;9 e 8;3 através do Test Prime	38
Nivel mental segundo a idade e a cultura	41
Noção do coeficiente mental	49
Apendice	55

O QUE E' O TEST PRIME

O test Prime é uma nova adaptação do Test de Vocabulario e Inteligencia do dr. Simon, elaborada de acôrdo com as observações colhidas em 1931 após o exame da primeira revisão, feita pelo Laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento (Vide «Revista do Ensino» Ns. 57 e 58, 1941) artigo de Helena Paladini: (*Test de Voc. e Inteel. do Dr. Simon*).



TEST PRIME — ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO BELO-HORIZONTE — 1932

Nome .....
Data do nascimento ..... Idade ..... Data do test .....
Profissão dos pais ..... Tipo da classe .....
Grupo Escolar ..... Professora .....
Numero de pontos ..... Perc. ..... Hora do inicio do test ..... do fim .... T. ....
Observação do experimentador (Nome: .....)

. 1. De que côr é o leite ? (branco) .....
. 2. Esta pena é velha, esta é....? (nova) .....
. 3. De que côr é o sangue ? (vermelho) .....
. 4. Que é isto ? (sapo) .....
. 5. Esta fazenda é fina, esta é....? (grossa) .....
. 6. Mostre a mão direita .....
. 7. Mostra os dedos polegares .....
. 8. Quando uma calça não é cumprida, diz-se que ela é ...? (curta) .....
. 9. Quando um objeto não está quente, diz-se que ele está...? (frio) .....
. 10. De que é feito este pauzinho ? (madeira) .....
. 11. Mostre a orelha esquerda .....
. 12. 1 Que é isto ? (papagaio) .....
. 13. 2 Que é isto ? (besouro) .....
. 14. Repita direitinho o que vou dizer: o gato preto correu atrás da bolinha e caiu no chão .....
. 15. Quem é que vende os remedios ? (farmacia ou farmaceutico) .....

16. Quando uma pessoa não está alegre, diz-se que ela está ....? (triste).....
17. Estenda os braços para a frente.....
18. Mostre seus ombros (os dois).....
19. De que é feita esta agulha? (de aço).....
20. Uma velhinha deixou cair a bolsa. Si você passasse perto, que faria: diria obrigado, ajudaria apanhar a bolsa ou começaria a rir? (ajudaria apanhar a bolsa).....
21. Você ganhou quatro tostões; comprou dois tostões de balas; com quanto você ficou? (dois).....
22. Quando uma pessoa está muito doente, que deve fazer: chupar muitas balas, tomar remedio, ou brincar? (tomar remedio).....
23. Eu ganhei tres laranjas, depois mais duas; quantas laranjas ganhei ao todo? (cinco).....
24. Escute bem o que vou dizer: Lucia foi á escola pela primeira vez; ninguem a conhecia, então a professora perguntou-lhe: Como você se chama? — Que respondeu a menina? (Lucia).....
25. Desenhe ao lado dessa linha, uma linha maior.....
26. Você vai contar estas bolinhas; conte com o dedo, e em voz alta (onze).....
27. Faça uma rodinha bem no meio desta linha.....
28. Este quadrinho é pequeno, este é....? (menor).....
29. Desenhe nesta cruz o que falta para ficar igual a esta figura.....
30. Faça com o lapis um traço bem fino no meio deste caminho, começando aqui (mostrar, e acabando aqui (mostrar); faça bem direitinho sem sair fóra das linhas.....

NOTA—As perguntas não poderão ser alteradas. Escrever á direita das perguntas as respostas das crianças. Marcar á esquerda do numero de cada pergunta o sinal mais ou menos, segundo a resposta fôr exata ou errada.

Damos abaixo o formulario individual do novo test.

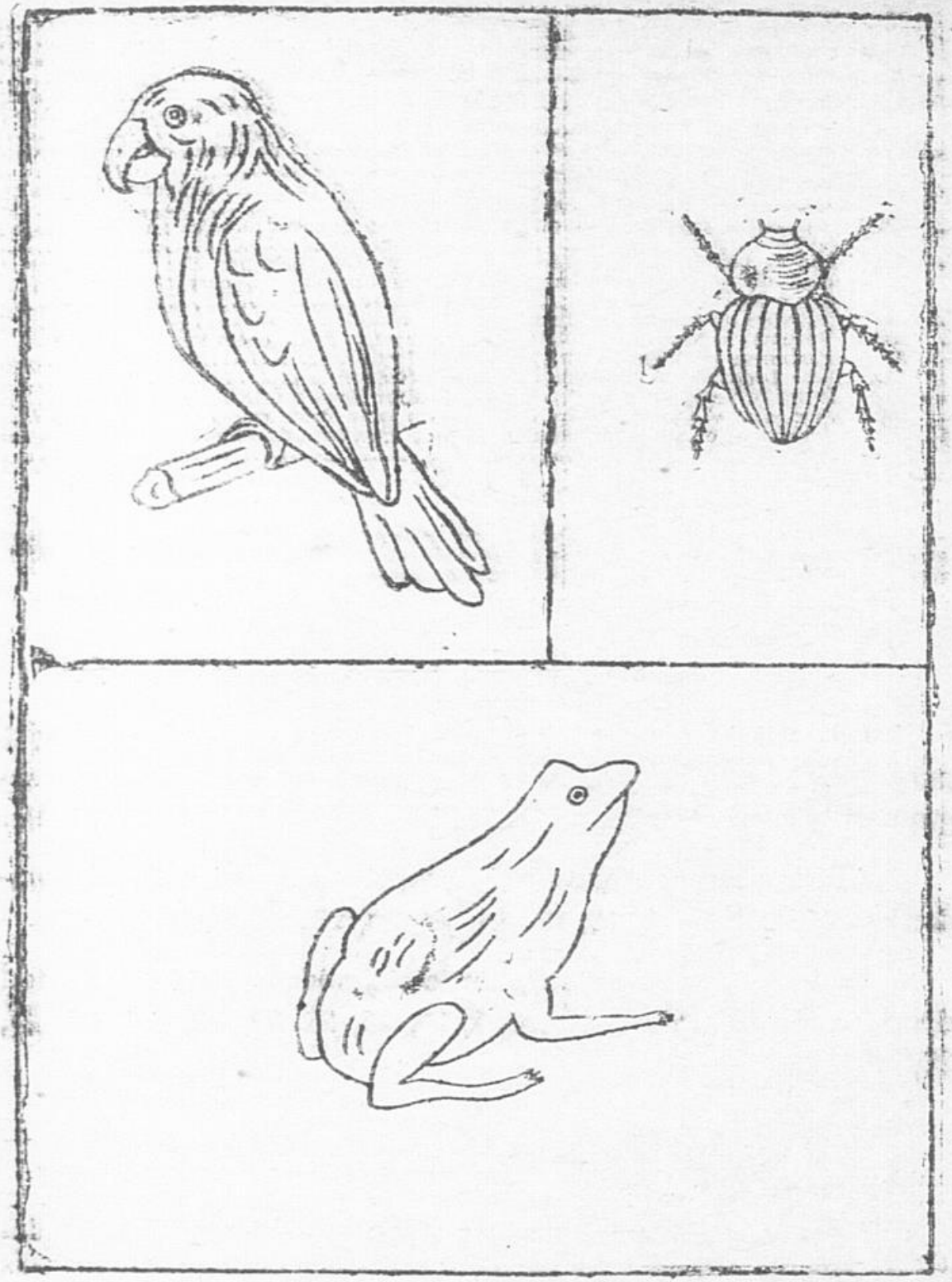
Foram conservadas, tais como na sua primeira aplicação pelo Dr. Simon, as ordens e perguntas sob os numeros seguintes, do presente test: Ns. 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 15, 16, 17, 18.

As seguintes pertencem á adaptação e extensão elaboradas em 1931: Ns. 11, 12, 13, 14, 19, 26, 28.

Enfim as doze outras foram introduzidas em 1932, no test denominado test Prime: Ns. 6, 7, 10, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 30.

A SERIAÇÃO DAS QUESTÕES

A seriação dada ás questões visou estabelecer, tão rapidamente quanto possivel, o contato da criança com a pessoa que aplica o test. A criança novata se anima com as perguntas faceis que lhe são feitas; por isto, as seis primeiras, alcançando as percentagens maiores de respostas certas (em 1931) foram colocadas no inicio do test.



INSTRUÇÕES PARA A APLICAÇÃO DO TEST PRIME

Ao iniciar o teste, o primeiro cuidado da experimentadora deve ser o de tornar sua atitude accessivel á criança, procurando, pelos modos,

pelas palavras e até pela voz, conquistar-lhe a confiança, de sorte que o aluno se sinta inteiramente á vontade.

Si a criança se nega a responder a todas as questões, não se deve insistir muito, mas adiar a aplicação do test para outro vez, podendo-se, assim, conseguir mais espontaneidade.

Em tom de conversa, a experimentadora indagará o nome da criança, e lhe dirá depois que lhe vai fazer algumas perguntas muito faceis, que poderão ser respondidos até pelos meninos muito pequenos.

Iniciará então o test, pronunciando bem os palavras e frizando o sentido, afim de prender a atenção da criança, e não se esquecendo de estimulá-la, ás vezes, principalmente se notar desinteresse ou timidez.

As perguntas do test não poderão ser alteradas, mas podem ser repetidas uma vez, excelo as de ns. 14 e 24, anotando-se, porém, esta particularidade por meio de um traço vertical | e escrevendo-se depois dele a resposta da criança; com exeção das respostas perfeitamente exatas como: branco, vermelho, sapo, dois etc., todas as outras que oferecerem ocasião a diferentes interpretações, bem como respostas cuja pronuncia e expressão apresentarem originalidade deverão ser escritas ao lado direito das questões.

A' esquerda de cada pergunta ha um ponto, sobre o qual devem ser marcados os sinais mais ou menos, conforme as respostas forem certas ou erradas.

Si a criança se corrige sem a intervenção da professora, considera-se bôa a resposta.

E' necessario fazer a atenção em não facilitar questões, completando-as com o olhar ou com o gesto, principalmente nas perguntas n°. 6-7, 11, 17, 18 e 27.

Nas perguntas n°. 2, 5, 8, 9, 16, e 28 a interrogação não deve ser feita imediatamente depois da ultima palavra, mas deve-se observar bem o valor da reticencia.

A experimentadora procurará anotar suas observações sobre o modo de agir da criança, sua atitude á frente das diversas perguntas, seu estado fisico, observando se a criança, apatica ou, é pelo contrario, é excitada, etc. etc.

Anotará tambem a hora do inicio do test, juntamente ao começar a primeira pergunta, e a hora em que a criança acabar de responder a ultima questão.

O *material* consiste em:

— Uma pena velha e uma pena nova presas em um cordão.

— Um pedaço de fazenda grossa (flanela, casemira) e outra de fazenda fina (seda, voile) sendo ambos, si possivel, da mesma côr.

— Um páu de fosforo, que deverá ser tomado pela cabeça, ao fazer a experimentadora uso dele, de modo que a criança não veja o fosforo propriamente dito.

— Os desenhos do papagaio, sapo e bezouro serão fornecidos pelo Laboratorio de Psicologia.

TECNICA PARA CORREÇÃO DO TEST PRIME

Exata si a resposta fôr:

1°. — Branco.
2°. — Nova.

3º. — Vermelha.
4º. — Sapo, rã, gia, perereca.
5º. — Grossa.
6º. — Si a criança mostrar de qualquer modo a mão direita.
7º. — Si a criança mostrar um ou dois dedos polegares.
8º. — Curta.
9º. — Frio.
10. — Madeira ou de madeira; falso, si a criança disser de pau.
11. — Si a criança mostrar a orelha esquerda.
12. — Papagaio, periquito, maitaca, arara; as respostas passarinho, louro, cravo não são aceitas; si a criança disser louro ou cravo, perguntar qual o outro nome do «louro», do «cravo»; só aceitar, si responder papagaio, ou periquito, ou maitaca ou arara.
13. — Bezouro.
14. — Si a criança repetir *exatamente toda* a sentença.
15. — Farmacia ou farmaceutico.
16. — Triste.
17. — Si a criança estender os dois braços para a frente; inexata si estender um só, ou estender ambos para os lados ou para trás.
18. — Si a crianças levantar ou mostrar os *dois* ombros.
19. — Aço ou de aço; não aceitar de ferro.
20. — Ajudaria a apanhar.
21. — Dois.
22. — Tomar remedio.
23. — Cinco.
24. — Lucia; si a criança responder: o «nome dela», perguntar: qual é o nome dela? só valerá a resposta si a criança responder o nome exato.
25. — Si a criança traçar uma linha visivelmente maior.
26. — Si a criança contar exatamente onze bolinhas.
27. — Si a criança fizer a bolinha justamente no meio da linha.
28. — Menor.
29. — Si a criança executa exatamente.
30. — Si a criança faz sem transpor a linha uma só vez.

Para maior rapidez e uniformidade da correção, os seguintes sinais poderão ser adotados em seguida ás questões, em vez de escrever por inteiro as indicações:

O , em lugar de silencio.
V , em lugar de não sei.
— , em lugar de resposta dada depois da segunda pergunta.
+ , para as respostas exatas e — para as inexatas.

O IMPRESSO

Os experimentadores que aplicaram o Test Prime acharam unanimemente que o impresso do test está nitido e de facil manuseio, (vide o modelo reduzido p. ...)

Ha no dispositivo do teste uma rubrica: « Observação do experimentador. Analisando o modo pelo qual essa rubrica foi preenchida, verifica-se que uma bôa quota de conhecimentos referentes á criança póde ser adquirida nos poucos minutos (em media 10) que dura a sua aplicação. Nesse espaço se indicam: o estado somatico da criança, atenção, verbosidade, defeitos de pronuncia, mutismo, atitude geral, etc. Todas essas indicações são de rial valor para a apreciação exata do resultado do teste.

O Laboratorio de Psicologia distribuio, a pedido, ás professoras técnicas de Belo-Horizonte e do Interior os impressos do test para cada criança novata do I ano. Além do test, uma folha mimeografada contendo as instruções indispensaveis para uniformidade de técnica e de correção. (vide abaixo) *Aplicação*. Como já foi dito, em média, a aplicação do test durou 10 minutos. Uma experimentadora assim se exprime quanto a sua aplicação: « O Test Prime é de aplicação rapida e suave» . Varias outras referem que a atitude das crianças é geralmente de satisfação, e que, por ser de experiencia individual, facil se torna o contáto com o examinando.

A QUEM FOI APLICADO

O test Prime foi aplicado em fevereiro de 1932 a todas as crianças novatas de primeiro ano de Belo-Horizonte. Este ano o numero foi aproximadamente de 1606 alunos.

Do Interior chegaram ao Laboratorio de Psicologia dados referentes á aplicação de 2.741 tesis. Sobre 5.000 impressos mandados a pedido, recebemos, pois, um total de 4.347 tesis aplicados diretamente ou sob imediata direção das professoras técnicas, diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento.

RESULTADOS COLHIDOS NOS GRUPOS DE BELO HORIZONTE

1	Grupo Afonso Pena	96 cr.
2	» Bernardo Monteiro	98 »
3	» Barão Macaúbas	192 »
4	» Barão Rio Branco	187 »
5	» Caetano Azeredo	76 »
6	» Cesario Alvim	38 »
7	» Classes Annexas E. Ap.	21 »
8	» Francisco Salles	46 »
9	» Henrique Diniz	50 »
10	» João Pessoa	33 »
11	» José Bonifacio	57 »
2	» Lucio dos Santos	89 »
13	» Mariano de Abreu	29 »
14	» Olegario Maciel	86 »
15	» Pedro II	65 »
16	» Sandoval Azevedo	20 »
17	» Silviano Brandão	129 »
18	» Thomaz Brandão	68 »
19.	Fóra dos grupos	38 »
	Total	1243

RESULTADOS MANDADOS DO INTERIOR

São João D'el Rey	103 cr.
Itabirito	78 »
Montes Claros	127 »
Frutal	61 »
Pedro Leopoldo	66 »
Abaeté	130 »
Araxá	160 »
Carmo do Rio Claro	68 »
Santa Barbara	42 »
Lagoa Santa	53 »
Tres Corações	83 »
Palmira	77 »
São Gotardo	20 »
São Lourenço	55 »
São João Nepomuceno	94 »
Mariana	33 »
Lavras	239 »
Botelhos	66 »
Barbacena	107 »
Conceição do Serro	46 »
Itabira	67 »
Viçosa	85 »
Itauna	119 »
Joiz de Fora	697 »
Total	2.741 cr.

Este material não poude, infelizmente, ser todo computado em nossas estatisticas por causa das dificuldades ainda encontradas este ano para execução do decreto 10.133 referente ao Registro Civil e á apresentação obrigatoria para a matricula escolar do certificado do nascimento. Porem, já no primeiro ano da sua aplicação, a percentagem de crianças que justificaram a sua idade mediante um documento oficial em Belo Horizonte chegou a 78% das crianças matriculadas no 1.º ano escolar.

OS RESULTADOS

Damos a seguir uma serie de tabelas e graficos elucidativos quanto aos resultados do test Prime em Belo-Horizonte e no Interior.

Tabela n. 1 — Distribuição dos resultados das crianças de 6 a 12 anos, matriculadas no 1.º ano dos Grupos de Belo-Horizonte.

Tabela n. 2 — Idem para as crianças do Interior.

Tabela n. 3 — Comparação dos quartis e do mediano para as crianças regulares (de 6 a 8 anos) de Belo Horizonte e do Interior.

A tabela n. 1 nos mostra que o numero dos meninos e das meninas é sensivelmente igual: 643 meninas contra 605 meninos, com excedencia das primeiras apenas de 38 pessoas.

Quanto á idade das crianças novatas que entram nos Grupos da Capital pela primeira vez no 1.º ano escolar, 22,5% tem 6 anos; 61,6% — 7 anos; 9,6% — 8 anos, 3,9% — 9 anos; 1,8% 10 anos; 0,8% — 11 anos e 0,4% — 12 anos, sobre um total de 1.248 crianças.

Comparando a idade das crianças novatas de Belo Horizonte com as de fora, podemos notar que no Interior (vide tabela n. 2) elas tem a tendencia de entrar para o Grupo mais tarde. Aos 6 anos só entraram 9,3% aos 7 anos — 45%, aos 8 — 25,1%; aos 9 anos — 8,5%; aos 10 anos — 4,2%; aos 11 anos — 3,2%, aos 12 anos — 2,4%, emfim a 13 e 14 anos — 0,8%.

A maioria das crianças, tanto em Belo Horizonte como no Interior, entram para os Grupos aos 6-7 anos; somente na Capital essas duas idades são representadas por 84%, ao passo que fóra da Capital elas constituem apenas 54,3% de crianças novatas.

A tabela n.º 2 nos revela os resultados medianos no test Prime alcançados pelas crianças de varias idades. De 6;9—12 anos nota-se um ligeiro, mas continuo progresso no numero das respostas totais do test Prime:

Test Prime: Numero de pontos por sexo e por idade

CRIANÇAS NOVATAS DOS GRUPOS DE BELO-HORIZONTE

Tabela N.º 7

Pontos	6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos		11 anos		12 anos	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
0			1											
1	1		2		1									
2		2	1	1	1									
3	1	1	2	1										
4		2	1	2		1								
5	1		4		1	1								
6	3	1	4	1		1				1				
7	3	3	4	5			1							
8	2		7	7	1									
9	6	4	8	8	2	1		1						
10	3	2	14	11		1								
11	1	8	22	18	2		1	1						
12	6	3	9	11	3			1	2	1				
13	6	6	37	21	1	1	1	1		1	1			
14	7	14	11	19	3	2				2				1
15	6	12	22	31	3	2	1	1						
16	12	5	18	40	5	3	1	2		2				
17	12	18	24	28	2	3	1				1			
18	8	13	23	29	7	2	1	4		1				2
19	8	8	22	20	3	6	4	2		1				
20	15	5	22	29	7	13	2	2	1	1	1			2
21	8	4	17	23	2	4	2	2	1	1	1			
22	9	13	20	13	7	4		3		1	1			
23	6	3	23	22	4	6	2	1		3				
24	5	1	11	16	2	1		1	1		1	1		
25	6	7	20	15	2	1	2			1		1		
26	2	3	12	6	4	1	1	2					1	
27	4	2	8	10			2	2			1			
28	3		2	6	1					1		2		
29	1		1		2									
30			1	1		1						1		
Numero de crianças	141	140	363	396	65	54	22	26	5	17	7	5	1	5
	281		759		120		48		22		12		6	

Frequencia dos pontos obtidos no test Prime, no Interior

Tabela N.º 2

Numero de pontos	IDADES								
	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos
0									
1		2	1						
2	1	3	1						
3	3	3	2						
4		8	1			1			
5	3	10	6	1			1		
6	4	15	7	2					
7	6	23	7	2	2	1	1		
8	10	30	14	4					
9	10	45	14	1	2	2			
10	9	45	13	3	4	3	1		
11	11	77	24	6	2	3	1		
12	18	69	27	8	4	4			
13	19	64	24	8	3	2	2		
14	15	65	37	8	7	6	4	2	
15	12	86	53	11	6	4	2		
16	14	81	47	18	8	2	5	1	
17	22	103	50	10	5	5	3	1	
18	14	95	37	17	9	3	6	2	1
19	16	100	73	16	7	9	5	2	
20	19	88	37	15	7	4	3	2	
21	20	73	42	27	5	4	6		1
22	14	69	43	15	9	8	4	1	
23	9	57	26	22	12	12	1	2	
24	8	26	23	15	4	6	5	3	1
25	1	26	32	12	8	5	6		1
26	1	19	11	6	5	7	5	1	
27		9	8	4	5	4	3		
28		6	8	1	1			1	
29	1	2	2						
30		2							
Numero de crianças	259	1 201	690	232	115	95	64	18	4

N. B. — Os traços indicam os resultados que correspondem aos medianos para cada idade.

Tabela N.º 8

	6 anos		7 anos		8 anos	
	Belo-H.	Inter.	Belo-H.	Inter.	Belo-H.	Inter.
Quartil Superior	21	20	21	20	22	21
Mediano	17	16	17	17	20	18
Quartil Inferior	14	12	13	13	16	16
Desvio provavel	± 3,5	± 4	± 4	± 3,5	± 3	± 3,5
Numero de pessoas	281	250	759	1.201	120	690

Padrão Percentilado do Test Prime (1932)
Belo-Horizonte

Tabela N.º 4

	6 anos		7 anos		8 anos		Criança de 6 anos	Criança de 7 anos	Criança de 8—12 anos
	M	F	M	F	M	F			
100	29	29	30	30	29	30	29	30	30
90	25	23	25	24			25	25	26
80			23	22			23	23	23
75	21	20	22	21	22	22	21	21	22
70			21	20			20	20	22
60			19	19			18	19	21
50	18	17	17	17	19	20	17	17	20
40			16	16			16	16	19
30			14	15			15	15	17
25	14	14	13	14	15	17	14	13	17
20			12	13			13	13	16
10	6	10	10	11			12	10	12
0	1	2	0	2	1	4	1	0	0
Numero de pessoas	141	140	363	364	66	54	281	757	208

De 16 pontos a 6 anos; 17 a 7; 18 a 8 anos e de 20 a 9 anos — este ultimo numero fica mais ou menos estavel para as idades superiores de 9 a 12 anos.

Apesar de ter uma idade cronologica tão diferente, essas crianças que entraram para o Grupo pela primeira vez diferem em media relativamente pouco no seu desenvolvimento mental, linguagem e inteligencia.

O mesmo se verifica para as crianças de Belo-Horizonte: Dos 6 aos 9 anos a diferença é insignificante, apenas de tres pontos, no mediano.

Dentre as crianças que entram no Grupo ha uma natural seleção de inteligencia — os pequenos são geralmente precoces e mais vivos (por isso que eles entram mais cedo para o Grupo); nos maiores, nos de 9 - 12 anos encontra-se um certo numero de crianças anormais e atrasadas, (por isso tambem é que elas não entraram mais cedo, na idade regular, para o Grupo. Os pais, notando este atraso, deixaram mais tempo os filhos em casa, esperando cada ano que o nivel do seu desenvolvimento fosse mais elevado).

Dentre as crianças maiores ha, de certo, tambem tais cuja entrada para o Grupo foi impedida sómente por causas extrinsecas, como viajens, moradia fora dos perimetros escolares, doenças dos pais, trabalhos em casa, etc. — Essas não são atrasadas no sentido das primeiras, mas os fatores de origem social, na maioria, foram os impecilhos para que elas fossem submetidas ao regime escolar e á cultura intelectual. "A idéa de uma inteligencia sem cultura não pode ser aceita" — assim se exprimiu Saffiotti na sua critica aos testes de Binet-Simon.

Nós proprios tambem já muitas vezes notamos essa dependencia no nivel mental e dos fatores mesologicos, da instrução e da educação quando reclamamos para a inteligencia, medida pelos tests, ditos de inteligencia geral, o termo de inteligencia civilizada.

O atraso quanto á idade cronologica na ocasião da entrada para o Grupo, o nivel baixo nos tests de Inteligencia

para muitas crianças do meio social inferior e crescidas fora da Escola — não prognosticam absolutamente o futuro atraso nos estudos, pois nesta idade o organismo ainda está bem plastico, e o cerebro — capaz de assimilar com grande rapidez e eficiencia os produtos da cultura intelectual.

Um ponto talvez, deve ser frizado a proposito destas crianças, crescidas de 10-12 anos, e analfabetas não por sua causa.

— Si elas terão que aprender os elementos dos conhecimentos escolares junto com os pequenos, os mestres não deverão esquecer de dar nos exercicios respectivos uma forma e um conteúdo um tanto diferente dos que vão receber os companheiros de 6 - 7 anos. Os interesses, as capacidades, a experiencia, a energia diferem bem mais nas crianças desses dois periodos que os numeros de pontos do test Prime.

Nos Grupos escolares numerosos, essas duas categorias de crianças formam classes a parte; nos pequenos, onde não ha possibilidade de formar varios tipos de classes deve-se pensar em agrupar as crianças dentro da mesma classe e dar a cada grupinho trabalhos e problemas adequados á experiencia e interesses de cada um.

A tabela n. 3—dá-nos os valores representativos (medianos e quartis), para as crianças regulares (6;9 a 8;11) de Belo-Horizonte e do Interior. Como se vê, ha uma muito grande semelhança dos resultados, sobre tudo na idade de 7 anos, onde os dados são mais numerosos. As crianças, ao entrar para o Grupo, diferem, para mesma idade, muito pouco na sua parte central, qualquer que seja o lugar onde o test foi aplicado. E' interessante notar que o mesmo fenomeno se observou o ano passado, não só com as crianças do mesmo Estado, mas com as de Pernambuco, onde o test Simon (revisão de Belo-Horizonte) foi aplicado, numa larga escala, por D. Quiteria Cordeiro.

Essa semelhança nos faz presumir que, na sua maioria, as crianças de uma determinada idade têm, apesar das diferenças da vida, de cultura, do meio social, algo de comum e de ca-

racteristico, cousa que já se fez admirar na ocasião da aplicação da Escala metrica de Binet-Simon ás crianças de varios paises do mundo e cujos resultados coincidem muitas vezes de um modo surpreendente.

—

A tabela n. 4—reune os resultados (percentilados) para as crianças de Belo-Horizonte, na idade regular para o primeiro ano. Os dados são apresentados primeiro para cada sexo, depois para os dois juntos.

Nós podemos ver por aqui que não ha, por assim dizer, diferença nenhuma entre os dois sexos, os resultados das meninas e dos meninos ficando bem proximos uns dos outros. Analisando mais profundamente, uma particularidade chama a nossa atenção; para a idade de 7 anos os meninos mostram uma certa vantagem sobre as meninas na zona superior, ao passo que as meninas são relativamente mais desenvolvidas na parte inferior. Isto parece dizer que os meninos inteligentes são superiores ás meninas as mais inteligentes, mas esta vantagem está compensada pelas meninas mais fracas de inteligencia que são mais fortes de que os meninos fracos. Se esta observação constituirá uma regra geral para a psicologia do sexo masculino e feminino ou se se trata de um puro acaso nós não saberemos dizer por enquanto. Vale a pena estudar as diferenças nos varios tests e ver si tal observação se verifica ainda.

—

TEST PRIME NOS GRUPOS DE BELO-HORIZONTE

Como no ano passado, com o test do Dr. Simon, assim este ano, com o test Prime, vamos estudar os seus resultados para as crianças novatas de cada grupo escolar onde foi aplicado, em numero suficiente, este test.

As respostas das crianças ás provas do test Prime dão idéa de que são seu nivel mental geral, seu modo de pensar, seus conhecimentos, sua linguagem, suas noções e representações de coisas, *que ela traz consigo de casa para a escola.*

Neste sentido os resultados do test são bem importantes, porque êles nos fornecem a possibilidade de avaliar, de um modo rapido, o cabedal intelectual com que a criança vai iniciar o seu trabalho escolar.

Assim a função do test não se limitará apenas a auxiliar a escola na organização de classes segundo o nivel mental das crianças, mas êle pode nos servir de ponto de partida para julgar do caminho que vai percorrer a criança sob a influencia direta da escola.

Com que interesse vamos seguir as crianças na sua marcha intelectual, nos seus progressos escolares, sabendo qual foi a carga que o meio familiar e as proprias forças da criança permitiam levar antes de ter o auxilio da educação escolar.

Com que cuidado o mestre vai amparar os fracos, os pobres, os ingenuos e com que generosidade ele vai procurar aumentar o magro dominio de coisas sabidas, pensadas, sentidas dessas crianças. A atitude do mestre será já bem diferente para as crianças que vieram para o grupo com mãos cheias, com espirito meio formado, com firmeza no julgamento, reto e sagaz. Este tesouro inicial crescerá na escola certamente como crescem as riquezas confiadas a um banco poderoso. Si não for assim, o país e o povo deveriam julgar a escola publica bem seriamente.

Não só pode ser conhecido o nivel inicial de cada criança que entra para o Grupo — mas o test nos dá a possibilidade de ter uma idéa do que cada Grupo Escolar representa, quanto ao material humano que ele recolhe. As medias dos resultados para cada ano, comparadas com as dos outros Grupos — mostraram o que foi tal ou outra turma que o grupo teve que educar, ou ainda, indiretamente, qual parte do povo e de que nivel mental foram os pequenos que lhe foram confiados.

Já vimos pelas nossas pesquisas anteriores, sobre os testis de inteligencia Dearborn e Ballard, como os resultados variam para cada Grupo. Mas essas diferenças nós não sabiamos a que atribuir: a fatores intrinsecos, á criança mesmo e a seu

Percentagem das boas respostas

Tabela N.º 5

PERGUNTAS DO TEST PRIME	Macaúbas	Afonso Pena	Pedro II	Olegario Maciel	Francisco Sales	Cesario Alvim	Caetano Azeredo	Tomáz Brandão	Bernardo Monteiro	Mariano de Abreu	José Bonifácio	Henrique Diniz	Lucio dos Santos	Rio Branco	Silviano Brandão	Media para as crianças de 6, 9-8, 3
N.º de crianças	159	83	56	71	28	28	64	55	50	27	49	37	68	118	98	
1	94,3	96,4	85,7	92,9	71,4	10,0	89,0	84,7	92,0	77,8	89,8	75,7	89,0	95,8	93,9	88
2	77	97	96,4	90,1	78,6	92,8	93,7	88,4	98,0	74,1	81,6	86,5	88,2	89,0	94,9	87
3	88,7	94,0	92,8	91,5	53,6	78,6	90,6	85,7	90,0	63,0	81,6	75,7	80,9	85,6	87,9	83
4	82,4	86,7	85,7	77,5	67,8	78,6	75,0	83,9	86,0	81,5	79,6	70,3	83,3	90,7	84,8	79
5	71,7	96,4	94,6	87,3	67,8	89,3	84,4	76,8	98,0	74,1	83,7	73,0	91,2	72,9	85,8	80
6	79,9	86,7	85,7	77,5	34,3	82,1	84,4	85,7	78,0	77,8	83,7	75,7	69,1	75,4	87,9	74
7	21,4	21,7	21,4	28,2	3,6	7,1	18,7	30,3	12,0	11,1	6,1	13,5	13,2	31,3	22,2	20
8	73,6	84,3	87,5	74,6	57,1	75,0	70,3	60,7	76,0	63,0	53,1	45,9	64,7	78,8	64,6	67
9	77,3	87,9	92,8	88,7	57,1	78,6	78,1	78,6	86,0	63,0	67,3	70,3	64,7	89,0	59,6	72
10	26,4	33,7	19,6	31,0	7,1	10,7	12,5	28,6	12,0	7,4	10,2	8,1	5,9	40,7	29,3	24
11	65,0	90,4	82,1	77,5	57,1	71,4	67,2	64,3	68,0	51,8	69,4	70,3	66,2	73,7	80,8	69
12	86,3	69,9	78,6	92,9	75,0	75,0	76,6	51,8	80,0	74,1	77,5	53,7	79,4	66,9	87,9	75
13	67,9	62,6	48,2	53,5	32,1	50,0	50,6	48,2	56,0	29,6	49,0	32,4	38,2	50,0	52,5	48
14	55,3	71,4	65,4	62,0	21,4	28,6	37,5	41,1	48,0	44,4	30,6	54,0	61,8	56,8	69,7	50
15	61,0	62,6	64,3	66,2	21,4	50,0	31,2	21,4	32,0	18,5	34,7	35,1	36,8	48,3	59,6	43
16	53,0	71,1	58,9	59,1	32,1	46,4	40,8	37,5	46,0	33,3	26,5	43,2	33,2	61,9	53,5	52
17	60,4	71,1	67,8	60,6	21,4	50,0	39,1	53,6	44,0	25,9	22,4	45,9	42,6	63,5	62,6	52
18	50,9	74,7	53,5	57,4	25,6	42,8	32,8	37,5	40,0	7,4	22,4	73,0	35,3	36,4	53,5	44
19	15,1	27,7	7,1	7,0	0	7,1	14,1	12,5	12,0	3,7	1,2	8,1	5,9	9,3	14,1	13
20	71,7	82,0	76,8	64,8	53,6	78,6	59,6	50,0	66,0	55,5	63,3	64,9	57,3	81,3	69,7	66
21	61,6	86,7	64,3	59,0	50,0	50,7	43,7	42,9	53,0	48,1	51,1	48,6	47,1	47,4	49,4	53
22	85,5	90,4	80,3	83,1	53,6	67,8	78,1	57,8	72,0	85,1	73,7	75,7	76,5	88,4	78,8	76
23	50,9	71,1	55,3	52,1	17,8	28,6	50	32,3	32,0	29,6	26,5	21,6	36,8	45,8	34,3	42
24	72,3	82,6	53,9	53,2	35,7	54,3	43,7	42,9	34,0	48,1	63,3	37,8	30,9	57,6	37,4	54
25	74,2	91,9	87,5	71,8	64,3	57,8	60,9	69,6	80,0	40,7	71,4	67,6	69,1	66,1	78,8	72
26	67,4	95,2	78,6	33,1	42,8	78,6	67,2	53,6	76,0	66,7	57,4	56,7	80,9	88,1	77,8	70
27	31,4	51,0	57,1	29,6	10,7	32,1	20,3	30,3	42,0	14,8	28,6	18,9	26,5	33,9	42,4	34
28	14,5	33,7	19,6	26,8	3,6	14,3	15,6	1,8	14,0	7,4	6,1	16,2	5,9	14,4	21,2	15
29	41,5	66,3	42,8	40,3	28,6	46,4	34,4	26,8	26,0	11,8	20,4	24,2	22,0	50,8	40,4	34
30	56,6	38,7	60,7	52,5	28,6	53,6	31,2	14,0	42,0	40,7	28,6	24,3	35,3	65,3	40,4	48
Média por Grupo em 1932	62,0	72,9	65,7	64,2	40,10	56,9	53,0	51,1	57,2	44,4	48,7	49,0	51,42	64,7	60,5	

meio, ou aos fatores extrinsecos, isto é, a influencia educativa de cada Grupo? — Os resultados dos tests de inteligencia geral, como dos tests escolares, terão todo o seu valor e interesse quando esses vão ser confrontados com os dados dos tests iniciais, tais como são, em particular, os do test Prime.

Vamos por isso apresentar no quadro n.º 5 os resultados pormenorizados de cada pergunta do test para cada um dos 15 grupos examinados. Veremos que nem todas as respostas são resolvidas por todos os grupos com a mesma facilidade, veremos tambem como os grupos se diferenciam no conjunto dos resultados.

Na tabela n.º 6 confrontamos resultados do test Prime em 1932 com os do test Simon em 1931, para os mesmos grupos escolares. O ano passado foram tiradas as medias para 25 crianças de 6;9 a 8;3 de cada grupo. Este ano, o numero foi geralmente maior, sendo a idade a mesma, mas com esta diferença: que só este ano a idade cronologica pode ser considerada com exatidão, ao passo que no ano passado muitas crianças de 5-6 anos se faziam passar por crianças maiores, fraudando assim o indice cronologico.

Tabela n.º 6

	Grupos:	Percentagem media das respostas exatas do Test Prime 1932	Test Simon 1931
1	Afonso-Pena	72,9	68,7
2	Pedro II	65,7	57,6
3	Barão do Rio Branco	64,7	56
4	Olegario Maciel	64,2	54
5	Barão de Macaúbas	62	61,5
6	Silviano Brandão	60,5	59,2
7	Bernardo Monteiro	57,2	51
8	Cesario Alvim	56,9	—
9	Caetano Azeredo	53	57,6
10	Lucio dos Santos	51,4	—
11	Thomaz Brandão	51,1	54,7
12	Henrique Diniz	49	—
13	José Bonifacio	48,7	57,6
14	Mariano Abreu	44,4	49,8
15	Francisco Sales	40,1	47,8

Como se pode ver entre os resultados dos dois anos, não houve grande coincidencia, a não ser para o Grupo Afonso Pena, Mariano de Abreu e Francisco Sales, que guardam exatamente os mesmos logares, o 1.º, 11.º e 12.º, respectivamente, isto é, o primeiro e os dois ultimos, dentre todos os grupos examinados. E os outros, será que receberam crianças de meios bem diferentes, ou que os tests não souberam guardar a constancia dos dados, devido á idade um tanto diferente da rial, ou tambem porque o numero de crianças estudadas o ano passado foi muito insuficiente (25 pessoas por grupo) o que não podia evitar o acaso.

ANALISE DAS RESPOSTAS A CADA PERGUNTA DO TEST

Para este estudo, que visa o conhecimento da criança á entrada para a Escola Primaria, separamos a documentação referente ás crianças de 6 anos 9 mêses a 8 anos 3 mêses, de Belo-Horizonte.

Esses documentos foram divididos em tres grupos, correspondentes á idade das mesmas:

1º grupo	crianças de	6 ; 9 a 7 ; 3	..... 721 cr.
2º "	" "	7 ; 4 a 7 ; 9	..... 264 "
3º "	" "	7 ; 10 a 8 ; 3	..... 102 "
		Total	..... 1087 cr.

Todas essas crianças foram acompanhadas de certificado de nascimento e, portanto, a sua idade cronologica está, nós esperamos, exata.

Já vemos por aí que a grande maioria das crianças do 1º ano novato se computou este ano entre as mais novas de 7 anos, dentre as crianças da idade regulamentar.

Tipos das respostas: Na analise dos tests colhidos são de grande interesse para conhecimento de nossos alunos não só as percentagens das respostas *exatas* a cada pergunta, como tambem a investigação das respostas anotadas com o

signal menos (—). Nessa rubrica encontramos quatro tipos de respostas:

1º. tipo: respostas que relevam incompreensão total da pergunta.

2º. tipo: respostas que relevam que a criança tem uma noção erronea a respeito do que se indaga.

3º. tipo: a criança responde: "não sei". Essa resposta corresponde a varias atitudes que se podem deduzir das observações do experimentador quando este anota com certo empenho. Assim o "não sei" é, em alguns casos, expressão de lealdade. A criança não sabe e o diz simplesmente. Outras vezes o encontramos como uma resposta amuada, e com a ligeira variante: "sei lá!".

4º. tipo: A criança solitada nada responde. E' o misterio para o investigador dos documentos mormente quando o experimentador deixa em branco a rubrica de observações. Como interpretá-lo? deficiencia auditiva, timidez, ignorancia?... Felizmente este tipo não é o mais frequente. Si o fosse, talvez fracassassem as nossas investigações de psicologia...

Analise das respostas.

1ª. pergunta: *De que côr é o leite?*

Retomamos ainda este ano a analise das respostas que já foram feitas com as crianças novatas de 1931, por ter atualmente mais certeza quanto aos dados cronologicos.

Esta pergunta obteve em cada um dos grupos, a que nos referimos, a seguinte percentagem:

1º. gr. (6;9 7;3) — 81 %. 2º. gr. (7;4 a 7;9) — 90 %. 3º. gr. (7;10 a 8;3) — 93 %.

Por esse indice se verifica que esta é das perguntas faceis para as crianças de 7 anos.

Dentre as respostas que revelam incompreensão encontramos a seguinte:

"é da gente beber"; uma outra revela uma feição displicente, acomodaticia: "póde ser de qualquer côr".

Mencioraram outras a côr amarela, alaranjada, que bem póde ser atribuida ao leite gordo quando fervido. Outras indicam a côr azulada, tambem podendo ser sobre tudo quando se trata do leite "batizado" que é fraudado com agua e polvilho.

Estas respostas podem denotar bem espirito observador e uma atitude de quem ainda não atingiu a generalização conconvencional de que *todo* leite é *branco*. O vermelho, entretanto, parece denotar falta de vocabulario ou de observação.

Dentre as respostas dadas pelas crianças de um de nossos bairros mais pobres, ha uma que na sua ingenuidade aperta o coração: "não sei, lá em casa não passa leiteiro". — Quanta deficiencia de alimentação entrevemos nessa frase tão simples! Que apenas isso revelassem os tests, que tantos combatem, e já concorreriam imensamente para orientar a ação de nossas escolas.

Tambem este ano, como na indicação feita em 1931, foi menor a percentagem alcançada no Grupo Francisco Sales. (72%).

2ª. *pergunta*: Esta pena é velha, esta é....? (nova)

A percentagem de respostas exatas foi para os 3 grupos, respectivamente, de 85%, 83%, e 93%.

Esta pergunta se enquadra no tipo dos tests de contrario tendo á vista o objeto. Verifica-se, facilmente, pelos erros mais frequentes, que os examinandos se influenciaram pelo aspéto do objeto e respondem «é pena mesmo», ou então se referem á côr, conforme seja ela «*dourada ou prateada*».

Outros se contentam em repetir o fim da frase «esta é....» provavelmente com a mesma inflexão da examinadora.

Concorre ainda que esta maneira de interrogar não é corrente. Provavelmente a percentagem subiria si fosse dada outra construção á pergunta.

Além disso já foi observada a influencia do treinamento da examinadora.

Comentario identico se adapta á pergunta nº. 5, que é do mesmo tipo e onde vamos enconirar percentagens inferiores a 90°/₀

3ª. *pergunta*: De que côr é o sangue?

Encontramos as seguintes percentagens de respostas justas: 76°/₀, 86°/₀ e 88°/₀.

Si fossem adultos os examinandos, diriamos que era ironia responder que o sangue é azul.... Foi esta uma das respostas erradas mais frequente, certamente trata-se da observação do colorido das veias superficiais através da pele clara. Além desta, foram ainda mencionadas o preto, branco, amarelo, côr de rosa, verde. Outros procuraram um ambiente em que estavam alguns objetos com que pudessem suprir o vocabulario falho dizendo «é da côr disto aqui», tendo sido nessas oportunidades indicada um papel côr de rosa.

A criança que havia respondido que o leite «pode ser de qualquer côr» se manteve nessa displicencia respondendo «é de qualquer côr tambem».

Outros declararam apenas «não sei a côr».

Não se trata, nest teste do reconhecimento de uma côr á vista como na série de Binet Terman, que dá o reconhecimento do vermelho aos 5 anos, mas antes do poder de retenção de um conhecimento adquirido, a representação visual, cromatica. A vista das cores, diz A. Descoeudres, que varios autores já viram crianças de 2 anos nomeá-las todas. Já verificaram alguns pesquisadores que essa aptidão é mais precoce nas meninas de que nos meninos.

4ª. *pergunta*: Que é isto? (sapo).

As percentagens de respostas justas foram as seguintes: 69°/₀, 81°/₀ e 87°/₀.

Este test bem como os de numeros 12 e 13 é de reconhecimento de gravura.

As suas percentagens bem como a analise dos erros mais frequentes nos induzem a repetir uma pergunta de A. Descoeudres: «Compreendem as crianças as gravuras»?

A maior frequencia de negativas a esta pergunta foi *não sei* — segue-se a resposta de que é um *cachorro*; depois passou o sapo por uma serie de metamorfoses inacreditaveis: primeiro, classificado como «bicho-feio», foi visto pelos examinandos sucessivamente como passarinho, sapo, pato, aranha, tatú, tartaruga, jacaré, porco, coelho, onça e até elefante!

Note-se, entretanto, que foi sempre reconhecido como um animal (test Binet — 3 anos).

5ª. *pergunta*: Esta fazenda é fina, esta é... (grossa)

As percentagens foram as seguintes 72 °/₀ — 80 °/₀ — 88 °/₀.

(Vide — comentario á pergunta 2). A anotação negativa mais frequente foi "não sei". Foram dadas como antonimo de fina: "forte", "duro".

As respostas "preta", "amarela", "verde", "flanela", "lã", "casemira", "veludo" denunciam que as impressões visuais e mesmo tacteis *puseram em 2º. plano a logica, a compreensão* da pergunta. Continúa ainda esta pergunta no grupo das faceis para crianças de 7 anos.

6ª. *pergunta*: Mostre a mão direita.

Porcentagens: 61 °/₀ — 79 °/₀ — 83 °/₀.

Pela escala de Terman a distinção entre mão direita e esquerda é um test de 6 anos. Influiu certamente na frequencia com que foi mostrada a esquerda o fato de haver muitas crianças 'canhotas". Apenas 3 vezes foram mostradas as duas mãos — e outros disseram claramente "não sei qual é a direita".

7ª. *pergunta*: Mostre os dedos polegares.

Porcentagens: 14 °/₀ — 22 °/₀ — 25 °/₀

Estes numeros já revelam quanto a pergunta é dificil para as nossas crianças de 7 anos. A sinceridade inata das

crianças as levou, numa grande maioria, a dizer "não sei" — "não aprendi as cousas".

Outra parte, naturalmente de indole mais ousada, aventuram a resposta, e nessa lista entraram sucessivamente todos os dedos ora de uma só mão, ora de ambas, a palma e as costas da mão; *foi entretanto sempre compreendido o plural.*

8ª. pergunta — Quando uma calça não é comprida, diz-se que ela é.....(curta)

Percentagens 62 °/₀ — 73 °/₀ — 67 °/₀.

Esta pergunta bem como as de nº. 9 e 16 são tests de contrarios sem que haja o objeto á vista.

Foram dados como antonimos os adjetivos: "pequeno", "apertada", "baixa", "bôa", "preta". Outras revelam total incompreensão, pois disseram que é "paletó", é "saco", é "cueca" e até mesmo é "botão".

Uma criança revelou bem seu temperamento timido dizendo "Mamãe é que sabe".

9ª. pergunta: Quando um objeto não está quente, diz-se que ele está.....(frio)

Porcentagens — 69 °/₀ — 80 °/₀ 69 °/₀

Comquanto seja uma noção bem dentro da experiencia infantil, os erros mais frequentes revelam incompreensão — pois encontramos — as respostas "branco", "curto".

Seriam estas respostas influenciadas pelo numero anterior? A resposta "apagado" faz pensar que o examinando se lembrou do fogo ao dá-la.

10ª. pergunta: De que é feito este pauzinho?...(madeira)

Percentagens — 19 °/₀ — 21 °/₀ — 33 °/₀.

Dentre as perguntas novas introduzidas neste test de vocabulario e inteligencia foi certamente o que logrou a maior diversidade de respostas anotadas menos (—). Provavelmente pelo fato de se haver empregado como material um páu de fosforo, mesmo tendo tido o cuidado preconizado na folha

de técnica, uma grande maioria respondeu "de fosforo" ou a sua corruptela "de fosque".

Verifica-se por aí o grau caracteristico no desenvolvimento que é o da definição pelo uso «de fosque»—apesar de vir explicita a interrogativa referente á materia. Dentre as respostas que revelam incompreensão, verificamos que alguns se referiam ao «instrumento» com que teria sido trabalhada a madeira empregada a construção «de faca», de «maquina que fez ele» pela construção com faca, etc.

Outros apelaram logo para N. Senhor—e responderam foi «N. Senhor que fez ele» etc. Quanto ao reconhecimento da propria materia, verificamos que a madeira foi tida como «barro», «pedra», «grude», «lata», «folha» e até «agua oxygenada».

A resposta «de pau» foi tambem muito frequente e pareceu-nos dever anotar tambem como *mais* a resposta «de lenha» porquanto o termo bem equivale a madeira.

Encontramos ainda frases inteiras e sugestivas que denotam insuficiencia de vocabulario, mas conhecimentos da procedencia: «de arvore», «de galho de arvore», «de mato», «nós que tiramos da arvore», «pau indireitado», «de pau que nasce no chão», «Quando o pau tá grosso a gente afina assim».

Nota—Lenha, madeira, pau.

Por estes tres nomes é conhecida vulgarmente toda a materia lignea, porem o uso tem fixado as seguintes diferenças: quando a materia lignea se considera com relação ao fogo, ao lume, de que é cevo, chama-se *lenha*, ou seja grossa ou miuda, em molhos ou rachada, de rojo, de carreto ou de balsa; quando se considera em relação a edificar e construir, ou fabricar moveis, chama-se *madeira*, e quando se atende especialmente ás diferentes qualidades que dela ha, e aos diferentes usos que dela se faz, não sendo para edificar, construir nem fabricar, chama-se pau. (Dicionario de sinonimos. Fonseca e Roquete).

Dadas essas subtilesas de vocabulario o Laboratorio formulará para esta investigação outra pergunta de resposta inequivoca.

Percentagem: 52 %—71 %—75 %.

Na escala de Binet-Simon o reconhecimento da orelha esquerda se faz aos 7 anos. A attitude de nossas crianças que não acertaram foi nitidamente distribuida em 4 grupos.

1°. crianças que mostraram a orelha direita.
2°. » que mostraram as duas orelhas.
3°. » que se calaram.
4°. » que disseram «não sei».

Esta pergunta, como podemos verificar cotejando-a com os resultados de 1931, continúa ainda entre as de dificuldade média para nossas crianças.

12ª. pergunta: Que é isto ?.....(papagaio)

Percentagens—65 °/o—75 °/o—85°/o.

Além das respostas já estudadas o ano passado, encontramos mais uma serie de denominações para esta ave. Foi tido mesmo por uma «violeta» e uma criança em que se percebe o temperamento do «convencido», confiante em si, respondeu «logo vi que era pavão!»

13ª. pergunta: Que é isto ?.... (besouro).

Percentagens: 45 °/o—51 °/o—49°/o.

Vemos, pelos numeros acima, que a figura foi de dificil reconhecimento.

Mais frequentemente foi considerado aranha, barata, caranguejo e escorpião.

Confundido com varios outros especimens da serie zoologica, foi até com objétos de uso habitual: «compoteira», «vaso de por flor», «pote», «bilha».

Uma resposta revela bem a imaginação e crendice do meio, pois afirmou que aquilo era um «lobishomem».

14.ª pergunta: Repita direitinho o que vou dizer: o gato preto correu atrás da bolinha e caiu no chão.

Percentagens: 49°/o—50°/o—50°/o.

Em relação aos resultados colhidos o ano passado, a percentagem de repetição exata foi menor.

O test congenere de A. Descoeudres dá 17 silabas para as crianças de 7 anos.

15.ª pergunta: Quem é que vende os remedios?

Percentagens 42°/₀ — 43°/₀ 45°/₀.

A grande maioria de nossas crianças atribue «ao doutor», ou ao medico essa função.

Encontramos além dessas respostas mais banais, como «Snr. Alonso», «Snr. Torquato», «o dono da Farmacia» outras que revelam elementos que se fazem sentir no nosso ambiente, «os turcos» já tão definidos no meio comercial e «o espirito». Esta bem mostra a infiltração do espiritismo.

16.ª pergunta: Quando uma pessoa não está alegre diz-se que está....? (triste).

Percentagens 40°/₀ — 53°/₀ — 64°/₀

Encontramos a resposta «alegre», que revela incompreensão total da pergunta e, depois, uma serie interessante de adjetivos e expressões adjetivas dada como antonimas: «nervosa», «com raiva», «doente», «ruim», «seria», «danada da vida», «com a cara ruim» «calada», braba», «boba», «está chorando», «de cara fechada», «aborrecida», e finalmente esta de uma perspicacia muito precoce: «está namorando»... Será possivel que já aos 7 anos observe uma criança a atitude apreensiva desse estado psicologico?

A porcentagem do grupo de crianças de 7,4 a 7,9 concorda com a que foi encontrada o ano passado. Este teste é portanto considerado como dificil para a idade.

17.ª *pergunta:* Estenda os braços para frente.

Percentagens: 46°/₀ — 56°/₀ — 54°/₀.

A. Descoeudres verificou que dentre os tests de compreensão de linguagem formulados como ordens a serem executadas, as que se referem aos movimentos dos braços são as ultimas compreendidas (aos 6 e 7 anos).

Na analise feita o ano passado a percentagem encontrada foi de 48°/₀.

Atribuiu-se isso ao fato de estar a pergunta colocada em 1°. logar — encontramos, portanto, a criança ainda desadaptada á

situação. Este fator não persistiu no presente test, pois que a temos colocada na segunda metade da serie.

A percentagem quasi não difére para o 1°. grupo — 1931 48°/₀ — 1932 46°/₀ crianças de 6,9 a 7,3 e se eleva acima de 50°/₀ em outros dois.

A analise dos erros mais frequentes mostra que ha, de fato, certa desorientação no espirito infantil, pois perguntam «este»? «como»? «para a frente»? ou então estendem os braços «para os lados», «para cima», «para baixo», «põem nas costas». Outras mostraram um só braço, quer esticado, quer dobrado — Foi, pòrtanto, tambem falha a compreensão do plural, ou melhor talvez inatenção para o numero.

18.ª pergunta: Mostre seus ombros.

Percentagens 41°/₀—43°/₀—49₀/°.

A mesma incompreensão do plural se observa nesta resposta, coincidindo isto com as observações do ano passado— Seguem-se os que mostrarem «as costas», «o cotovelo», «as fontes» e os que, reconhecendo a propria ignorancia, responderam «não sei onde está» ou «o que é ombro»?

19.ª pergunta: De que é feita esta agulha?

Percentagens — 10°/₀ — 10°/₀ — 21°/₀.

Algumas crianças responderam «a agulha é de metal». Conquanto não dêem a resposta precisa, denotam certo senso critico, pois reconhecem o genero de materia de que é feita a agulha, conquanto não lhe saibam dar o nome apropriado — A resposta «de ferro» foi a mais frequente. Dentre as respostas que revelam total ignorancia de materia, encontramos as seguintes: «madeira», «barro», «massa» «pedra», «osso», «pau» «terra» e até «algodão».

Tal como aconteceu com a pergunta 10 — "De que e feito este pauzinho", muitas ainda se mantiveram no nivel de definição pelo uso, apesar de ser bem explicita a interrogação, e responderam "de coser", de "costura", "de maquina"

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

A percentagem verificada o ano passado foi de 11 °/₀ para as crianças do 1.º ano. Corresponde exatamente aos nossos resultados atuais — pois o ano passado, sem a exigencia do R. Civil, as percentagens foram calculadas sobre um numero englobado das crianças regulares e não separadas por semestre, como o conseguimos agora.

20.ª pergunta: — Uma velhinha deixou caír a bolsa. Si você passasse perto, que faria: diria obrigado, ajudaria a apanhar a bolsa ou começaria a rir? (ajudaria a apanhar a bolsa).

Percentagens: 57 °/₀ — 71 °/₀ — 72 °/₀.

Esta pergunta bem como as de n.º 22 e 24 visam investigar o *bom senso*, pela escolha que o examinando faz da melhor resposta dentre as que lhe são apresentadas. Dentre as respostas inadequadas a esta pergunta a mais comum foi "começaria a rir" — Essa frequencia é bem natural numa idade tão tenra... em que a vida ainda não embotou a alegria.

21.ª pergunta: Você ganhou quatro tostões; comprou dois tostões de balas; com quanto você ficou?

Percentagens 51 °/₀ — 53 °/₀ — 52 °/₀.

Esta pergunta é como a pergunta 23 tambem nova no test — e pretende verificar que noção de numero a criança já traz ao iniciar a escolaridade.

As percentagens que encontramos elucidam bem o problema, pois ocilam entre 38 e 53 °/₀.

As respostas a esta pergunta se escalaram desde "1 só" até 9, havendo algumas crianças que responderam "nenhum".

Não nos ocorreu infelizmente, ao iniciar este trabalho, separar as respostas dadas pelas meninas e pelos meninos.

Fal-emos, talvez, mais tarde e assim teremos oportunidade de cotejar os resultados com a afirmativa de Gaupp — Diz-nos este autor que as representações quantitativas são mais frequentes no menino de 6 anos do que na menina da

mesma idade, mas que em compensação são mais bem dotadas para a expressão verbal.

22.ª *pergunta*: Quando uma pessoa está muito doente, que deve fazer: chupar muitas balas, tomar remedio, ou brincar? (Tomar remedio)

Percentagens — 70 % — 81 % — 76 %.

Dentre as respostas inadequadas, "chupar muitas balas", foi a que alcançou maior numero.

Algumas crianças deram tambem respostas que não eram as do test, denotando certa resistencia á sugestão e coêrencia com a pergunta foram "ir no doutor", "ficar em casa".

23.ª *pergunta*: Eu ganhei 3 laranjas; depois, mais 2; quantas laranjas ganhei ao todo?

Percentagens: 43 % — 38 % — 45 %.

Verificamos pelas percentagens que mais da metade das crianças, antes de iniciar a escolaridade, não efetuam operações de aritmetica — As respostas denotam tambem que ha apenas conhecimento "verbal" dos numeros, pois tantos respondem "4", como "7", "15" ou simplesmente "mais".

24.ª *pergunta*: "Escute bem o que vou dizer: Lucia foi á escola pela primeira vez; ninguem a conhecia; então a professora perguntou-lhe: "Como você se echama" — Que respondeu a menina? (Lucia)

Percentagens: 42 % — 53 % — 68 %.

Este test, a par da compreensão, investiga tambem a memoria imediata, exigindo a resposta «Lucia» para ser anotado mais. Si assim não fosse, teriamos que anotar uma quantidade consideravel de *mais* com a resposta «respondeu o nome dela». Denotam incompreensão total os que respondem «o pai», «uma mulher».

Uma boa parte respondeu «não sei»; seguiram-se as respostas de meninas que davam o *proprio nome*, revelando assim uma vez mais o tipico egocentrismo desta epoca de infancia e as respostas de meninos que deram o seu, mais

tambem um nome qualquer, segundo, provavelmente, as suas preferencias.

25ª, *pergunta*: Desenhe ao *lado* desta linha uma linha *maior*.

Esta ordem bem como as de numeros 27 e 30 foram introduzidas com o intuito de tirar ao test a feição exclusivamente verbal; objeção esta levantada por diversos autores americanos contra o test de Binet.

De fato a execução exata deste test nos dá indicações não só referentes á compreensão, como tambem referentes á coordenação, motora.

As percentagens verificadas: 42 °/₀ 53 °/₀ 68 °/₀ revelam sensivel diferença entre as crianças dos 3 grupos. Quanto aos erros, verificamos que foram mais frequentes os que dizem respeito ao *tamanho da linha* do que a sua posição.

26ª. *pergunta*: Você vai contar estas bolinhas — conte com o dedo e em voz alta.

Percentagens: 69 °/₀ — 82 °/₀ — 78 °/₀.

E', como o test de A. Descoeudres, uma prova verbal e motora, pois que a criança deve ir apontando as bolinhas á medida que as vai contando.

As observações das experimentadoras referentes ás respostas erradas concordam com as atitudes descritas por Binet e Simon e A. Descoeudres.

1º. Ignorancia da serie numerica.

2º. Falta de coordenação entre a palavra e o gesto.

E' um test que depende evidentemente do exercicio adquirido. O test de Binet estabelece para a idade de 6 anos a contagem até 13 em condições mais ou menos identicas (trata-se de contar ali treze tostões).

27ª. *pergunta*: Faça uma rodinha bem no meio desta linha.

Percentagens: 30 °/₀ — 31 °/₀ — 41 °/₀.

Examinando os tests, tem-se a impressão de que as crianças prenderam imediatamente a atenção á palavra *rodinha*, esquecendo a segunda parte da questão que se refere á *colocação bem no meio da linha*.

A rodinha foi encontrada em todas as posições possiveis em relação á réta: acima, abaixo, á direita, á esquerda, sobre o primeiro quarto, sobre o terceiro, sobre as extremidades.

28ª. *pergunta*: Este quadrinho é pequeno, este é ...., (menor).

Porcentagens: 12 °/₀ — 18 °/₀ — 16 °/₀.

Os resultados obtidos este ano confirmam os do ano passado, mantendo este test no grupo dos «muito dificeis» para as crianças de 7 anos.

A tecnica de correção estipulou até agora que só fosse aceita a palavra «menor» — Entretanto, a forma analitica do comparativo «mais pequeno», que foi frequentemente encontrada entre as respostas, deverá ser aceita em futuras aplicações do test, porquanto é correta e consentania com o espirito da nossa lingua.

NOTA: 1º. Maximino Maciel (Grammatica descritiva) pequeno — menor — minimo. «Ocorrem *igualmente* as expressões *mais pequeno*, mais máu ..., etc.

2.º João Ribeiro (Gram. portuguêsa) — As formas analiticas (do comparativo) mais grande, mais bom não são de uso. Pode-se contudo, dizer *mais pequeno*, mais máu — Já a lingua antiga depara: chus (plus) pequena.

A 2ª edição de Morais consigna o forma: «mais pequeno», que tambem se vê em varios autores de bons dicionarios. Para o futuro evitar-se-á esta dificuldade substituindo o adjetivo por grande, que só tem uma forma de comparativo — maior.

Um numero consideravelmente menor de crianças respondeu «é pequeno tambem»; — empregaram outros as formas «pequetitinho», «pequenininho», «miudinho», «pequeno mesmo», e alguns pretenderam corrigir a interrogação, dizendo: «não este é grande, este é que é pequeno».

29ª. pergunta: Desenhe nesta cruz o que falta para ficar igual a esta figura.

Percentagens: 34 % — 32 % — 52 %.

A tendencia mais comumente observada foi para colocarem na mesma posição as linhas nos ramos simetricos da cruz.

Parece isso indicar que a criança não olha para o modelo ao traçar cada linha — confirmando as observações, já debatidas, de que a criança desenha das cousas aquilo que sabe, ou o que imagina a respeito delas, e não o que observa durante seu trabalho.

30ª. pergunta: Faça com o lapis um traço bem fino no meio deste caminho — começando aqui (mostrar); faça bem direitinho sem sair fóra das linhas.

Percentagens: 43 % — 42 % — 50 %.

Esta prova se inspira nos tests de tipo labirinto. Realizando-a, a criança põe em evidencia a capacidade de manter algum tempo a continuidade da atenção a par de coordenação viso motora.

O grande numero de desenhos em que o traço sai para fóra das linhas denota a deficiencia dessa coordenação, e do «control» em geral, perfeitamente comprensivel em crianças inhabituadas ao manejo do lapis. Outras contornaram o labirinto impresso e foi menor o numero das que pararam em meio do traçado.

Tabela N.º 7

	Ns. das provas do Test Prime	IDADES 6; 9 7; 3	7; 4 7; 9	7; 10 8; 3	Média da porcentagem	
NS.		%	%	%	%	
1. De que côr é o leite?	1	81	90	93	88	muito faceis
2. Esta pena é velha, e esta é...?	2	85	83	93	87	
3. De que côr é o sangue?	3	76	86	88	83	
5. Esta fazenda é fina, esta é?	4	72	80	88	80	
4. Que é isto? (sapo)	4	69	81	87	79	faceis
26. Contar 11 bolinhas	26	69	82	78	76	
22. Quando uma pessôa está doente, etc.	22	70	81	76	76	
12. Que é isto (papagaio)	12	65	75	85	75	
6. Mostre a mão direita	6	61	79	83	74	
9. Quando um objéto não está quente	9	69	80	69	72	
25. Desenhe ao lado desta linh , etc.	25	66	71	79	72	
11. Mostre a orelha esquerda	11	62	71	75	69	
8. Quando uma calça não está	8	62	73	67	67	
20. Uma velhinha deixou cair	20	57	71	72	66	
24. Escute bem o que eu vou dizer	24	42	53	68	54	medias
21. Você ganhou quatro tostões, etc.	21	51	57	52	53	
17. Estenda os braços para frente	17	46	56	54	52	
16. Quando uma pessôa não está alegre	16	40	53	64	52	
14. Repita direitinho o que vou dizer	14	49	50	50	50	
13. Que é isto? (besouro)	13	45	51	49	48	
30. Faça com o lapiz um traço	30	43	42	59	45	
18. Mostre os seus hombros	18	41	43	49	44	
15. Quem é que vende os remedios?	15	42	43	45	43	
23. Eu ganhei tres laranjas, etc	23	43	38	45	42	
29. Desenhe nesta cruz, etc.	29	34	32	52	39	difíceis
27. Faça uma rodinha etc.	27	30	31	41	34	
10. De que é feito este pauzinho	10	19	21	33	24	
7. Mostre os dedos polegares	7	14	22	25	20	
28. Este quadrinho é pequeno	28	12	18	16	15	muito difíceis
19. De que é feita esta agulha	19	10	10	21	13	

O NIVEL DE DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DE 6;9 A 8;3

Procuramos agora agrupar os resultados das crianças de 6;9 a 8;3 para cada resposta do test pondo as mais faceis no inicio e as mais dificeis, no fim, e isto de um modo gradativo. Veremos no quadro n. 7 quais são do nivel das crianças desta idade, quais ao contrario são dificeis demais e que são respondidas bem sinão excepcionalmente, assim quais são faceis demais para esta idade.

Servindo-nos de criterio de Saffiotti e Treves (La misura del'intelligenza nei fanciulli, Roma: 1926)[1] repartimo-las em cinco grupos por traços horizontais, começando pelos mais faceis e terminando por mais dificeis.

1°.—Os tests são muito faceis, resolvidos por 100 a 80 °/₀ de pessoas;
2°.—São faceis, resolvidos por 80 a 60 °/₀
3°.—São medios, resolvidos por 60 a 40 °/₀.
4°.—São dificeis, por 40 a 20 °/₀.
5°.—Os tests são muito dificeis quando resolvidos por 20 a 0 °/₀.

E' impossivel chegar a uma conclusão olhando para este quadro. A ordenação parece depender menos do tipo da questão e do equivalente psicologico ou logico dos problemas propostos ás crianças de que da dificuldade propria que cada prova isolada encerra.

A evolução mental na idade de 6;9 a 8;3: O mesmo quadro n. 7 nos permite ver como evoluem varios tests nas respostas das crianças de 6 a 8 anos, distribuidas pela idade, crescente de seis em seis meses.

Nota-se que as respostas adequadas a certas perguntas aumentam muito nitidamente com a idade (por ex. ns. 12, 16, 24); outras lucram tambem mais ou menos sensivelmente (por ex. ns. 1, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 15, 18, 20, 25, 27). As outras enfim não apresentam esta particularidade, mostrando assim que certos conhecimentos ou capacidades não evoluem dentro desses

(1) cit: Decroly et Buyse, La Pratique des tests mentaux, p. 38.

18 meses na idade de 6;9 a 8;3 anos, fóra da influencia escolar (ns. 8, 9, 13, 14, 17, 20, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 30).

Procuramos tirar partido do test Prime, de inteligencia e vocabulario, para a psicologia da criança desta idade, estudando com mais atenção a evolução das respostas, de seis em seis meses.

Por isso vamos agrupar todas os nossas trinta perguntas em varias categorias, segundo o conteúdo de cada uma. Achamos conveniente selecioná-las do modo seguinte:

I Grupo — côr dos objetos ns. 1,3.
II » Adjétivos antonimos, ns. 2, 5, 8, 9, 16, 28
III » Identificação das gravuras, ns. 4, 12. 13.
IV » Materiais e profissão, ns. 10, 15, 19.
V » Partes do proprio corpo, ns. 6, 7, 11, 18.
VI » Calculo e raciocinio, ns. 21, 23, 26.
VII » Raciocinio e bom senso, ns. 20, 22.
VIII » Atenção e memoria, n. 14.
IX » Coordenação viso-motora, ns. 17, 25, 27. 29, 30.
X » Representação no espaço, n. 24.

Os dois tests do I grupo dão com cada semestre resultados melhores.

Nos seis tests do II grupo só duas provas aumentam de exatidão e de uma maneira muito importante, ao passo que as quatro outras ficam ou estacionarias ou variam sem regularidade, quer dizer, que o vocabulario que se refere aos adjetivos, que a procura dos antonimos ficam durante este periodo pre-escolar sem grande progresso. Este progresso vai ter lugar na propria escola. Já sabemos pelas pesquizas da linguistica infantil, que a densidade dos adjétivos qualificativos como a aparição das «particulas nobres» da linguagem segue de muito perto a evolução mental e o grau de cultura da criança através da idade escolar.

No III grupo, nota-se uma melhora bem sensivel nos dois tests sobre tres. As crianças reconhecem melhor, com cada se-

mestre de idade, e nomeiam com maior precisão os animais desenhados em traços rapidos.

Todos os tests do IV grupo lucram muito com a idade. Fato digno de nota é o seguinte: é que as respostas justas para as materias com que são feitos os objétos—aumentam sobre tudo no ultimo semestre, deixando os dois primeiros nos niveis mais baixos e quasi semelhantes.

As partes do proprio corpo, que são incluidas no V grupo, são muito melhor conhecidas nos ultimos semestres. Não só as crianças sabem indicá-los, mas distinguem melhor a sua direita, a esquerda, os ombros, os polegares.

Nesses tests nós podemos observar em que progressão a criança se familiariza com a identificação e vocabulario das coisas que se referem a si mesma, a seu proprio corpo.

Muito interessante, são as percentagens das respostas dos VI e VII grupos, atinentes ao raciocinio, calculo e bom senso: nos cinco tests não se nota absolutamente a regularidade de que falamos anteriormente. Parece que estas perguntas dependem mais de aptidão que da idade das crianças, e, qualquer que seja a idade, dentro destes 18 semestres, as bôas respostas são dadas não pelas crianças maiores, mas pelas mais vivas e mais inteligentes.

O grupo VIII tambem é significativo. Apesar de tratar-se apenas de um unico test — repetir com exatidão a frase de 18 silabas — as tres idades dão quasi identica porcentagem das boas respostas 49 % e 50 %. Será uma prova de que nesta idade a memoria logica e imediata mantem-se estacionaria?

O grupo referindo-se aos tests sobre a coordenação visomotora e a representação no espaço parece tambem ser significativa para esta idade: o progresso acusa-se sobretudo no ultimo semestre, de 7 ; 9 a 8 e 3 anos. A criança maior, sem frequentar ainda o grupo, já está mais familiarizada com o lapis e, tudo que se pode fazer com seu auxilio, ela faz melhor que as outras companheiras menôres.

NIVEL MENTAL SEGUNDO A IDADE E A CULTURA

Aproveitamos o nosso presente trabalho para publicar alguns dados do test do Dr. Simon, revisão *de Belo-Horizonte*, aplicado em 1931, com diversos grupos de pessoas, alargando assim o campo de nossa pesquisa. Como dezoito provas do test Simon fazem parte do atual test *Prime* incluimos tambem os resultados de 1932 para as crianças de 6 a 8 anos.

O quadro nº. 8 encerra os dados de tres grupos diferentes: primeiro os das crianças jovens, (de 6 ; 9 a 8 ; 3) analfabetas ao entrar para a escola primaria; segundo os dos alunos na idade de 11 a 12 anos no IV ano escolar, no ano em que eles vão acabar a escola primaria; enfim terceiro — os das moças adultas, analfabetas e sem cultura, empregadas domesticas, na maioria.

Estas ultimas foram testadas na Escola noturna de Santa Zita pela Prof. D. Alda Lodi.

O conjunto destas observações nos fornece material interessante para o problema da relação do nivel mental e da idade e a cultura. Os nossos tres grupos podem ser considerados do modo seguinte: os primeiros são crianças de 7 anos — são seres jovens, com pouca experiencia e sem cultura, não selecionadas pelas aptidões, pertencendo a todos os meios sociais; o segundo, crianças mais idosas com certa experiencia pessoal, com bastante cultura (em relação ao test) um tanto selecionadas sob o ponto de vista de aptidão (os mais fracos ficaram nos primeiros degraus da escola) e um tanto favorecidos quanto ao meio social, (pois meninos de um meio muito baixo geralmente abandonaram a escola antes de chegar ao 4º. ano, chamados pela exigencia da vida e à luta economica); enfim o terceiro — moças adultas, com experiencia já variada, sem cultura, de um meio social inferior e talvez selecionadas pela aptidão, pois as companheiras mais dotadas provavelmente foram escolher outros campos de trabalho, mais elevado, mais independente e de maior lucro.

Tabela N.º 3

	Crianças de 6; 9 a 8; analfabetas (1932)	Crianças de 6; 9 a 8; analfabetas (1931)	Alunos de IV ano (87 pessoas)	Adultos analfabetos (50 pessoas)
	%	%	%	%
De que côr é o leite	88	91	99	95
Esta pena é velha	87	91	100	99
De que côr é o sangue	83	87	100	99
Volte		87	100	98
Que é isto? (Sapo)	79	83	98	75
Esta fazenda é fina	80	79	100	83
Vai até a porta		79	97	82
Contar 11 bolinhas	76	76	100	78
Quando uma calça não está comprida	67	74	100	98
Quando um objeto não está quente	72	72	91	82
Que é isto? (Couro)		72	92	96
Quem vende a carne		67	98	98
De que é este bateiro (vidro)		67	100	95
Mostre a orelha esquerda	69	66	97	76
Que é isto? (papagaio)	75	64	86	60
Repetir 18 sílabas	50	62	97	82
Que se compra na livraria?		60	100	94
Quem vende os remedios?	43	58	96	88
Quando uma pessôa não está alegre?	52	52	98	94
Estenda os braços para frente	52	48	92	96
Que é isto? (bezouro)	48	43	77	60
Mostre seus ombros	44	39	77	50
Quem faz os ternos dos homens		39	97	100
Que se compra no folheiro		28	80	84
Que côr é esta? (cinza)		22	83	75
Mostre o teto		21	76	59
Este lapis é pequeno, este é	15	18	70	60
Que se compra no correio		16	84	74
De que é feita esta agulha?	13	11	62	96
Esta linha é ret , esta é		3	85	22
Média		55%	91%	74%

Podemos já notar, pelo conjunto dos resultados para cada um dos grupos mencionados, a hierarquia seguinte: o nivel mais elevado está representado pelos alunos de 11 — 12 anos no inicio do IV ano escolar, com a media das respostas boas para cada uma das trinta questões do test Simon — 91 °/₀; em segundo logar vem as moças adultas analfabetas, com uma media de 74 °/₀; enfim, no ultimo logar acha-se o nivel mental das crianças de 7 anos, analfabetas, com a media de 55 °/₀ de casos justos.

Um problema que chamou a atenção dos psicologos desde os trabalhos de Binet-Simon e continúa a ser um problema de grande interesse é do crescimento da inteligencia e do limite do desenvolvimento para a grande maioria da população. Acharam Binet e seu colaborador Simon que para a população francêsa de Paris a idade mental media é de 12 - 13 anos; que a maioria dos operarios não dão respostas mais exatas e precisas do que os escolares desta idade. Si isto fôr verificado numa maior escala, poderiamos considerar o nivel mental dos escolares - normais de 12 anos como uma base, como um ponto de partida para averiguar, diagnosticar ou prognosticar o desenvolvimento de qualquer grupo de pessoas, variando de idade, raça, meio social, aptidão pessoal...

Suponhamos que a maioria da população de Belo-Horizonte daria os resultados, no test Simon, de um modo semelhante aos dos alunos regulares de 11 - 12 anos. Nós tomariamos os resultados dos ultimos como uma medida de comparação e referencias: 91 °/₀ de boas respostas vamos tomar como base da unidade estatistica para o indice mental. Vimos que as moças analfabetas estão abaixo deste nivel na maioria das provas e que não atingiram sinão a 74 °/₀ de exatidão, em media. Procurando a relação quantitativa entre nossa base e o nivel mental do adulto analfabeto - veremos que esse ultimo está na relação de 74/91 - ou com o quociente 82 sobre 100.

A inferioridade do grupo adulto analfabeto para com o grupo dos escolares de 11 - 12 anos se revelou por 18 pontos

sobre 100. Estes pontos lacunarios foram condicionados por tres fatores, no minimo: 1.º) por falta de *cultura* escolar; 2º.) inferioridade do *meio*, 3º.) uma provavel *inferioridade aptidão*. Isto seria assim si a idade das moças analfabetas for tambem a de 11 - 12 anos. Mas elas têm pelo menos 18 a 20 (impossivel saber a idade exata dessas pessoas, pois ha nelas uma tendencia muito caracteristica para diminuir os anos; Uma em pregada com todos os sinais de idade avançada, por exemplo, sustentava com energia não ter mais de 16 anos) Assim, elas possuem, relativamente ás crianças de 11 - 12 aos — uma experiencia da vida maior e têm assim uma vantagem sobre elas para o exito de certas provas mais em relação com a vida comum; elas tiverem oportunidades, pela repetição dos fatos, para melhor reter e formar o vocabulario exato (por exemplo a profissão do alfaiate, do folheiro) mais proprio de que as crianças com doze anos de vida apenas.

Tomando este fator — *experiencia* — como fator positivo no balanço dos adultos para a formação do nivel mental — nós diriamos que a inferioridade dos tres outros fatores mencionados se manifestaria provavelmente por uma deficiencia ainda maior quanto ao coeficiente estudado.

Aprofundando as diferenças entre os dois grupos de individuos, nós devemos ainda pensar que os adultos analfabetos acham-se numa situação muito mais artificial, em frente dos tests que propuzemos, que os alunos testados pelos mesmos tests.

As observações com que D. Alda Lodi acompanhou o relatorio do test para cada moça, mostra que elas se achavam num estado afetivo um tanto perturbado, de constrangimento, de timidez, ao passo que os alunos de IV ano respondiam com segurança e visivel sentido de superioridade.

Este fator *afetivo* tambem certamente deve ser incluido no paralelogramo dos fatores negativos, impedindo o exito do trabalho intelectual e abaixando o resultado total dos adultos analfabetos que se revelaram com a falta de dezoito pontos sobre nossa unidade mental convencionada.

Vejamos agora o nivel das crianças analfabetas, achando-se no limiar inicial do ensino publico. As provas são inferiores não sómente ás dos seus companheiros, de quatro anos mais idosos e com maior cultura, como tambem ás das moças analfabetas. Relativamente aos escolares de 12 anos, elas acham-se um pouco mais que a meio caminho do percurso total: 55 % comparados com 91 % — dão uma relação de 60,4 para 100 %, dando-lhes assim uma inferioridade, proxima de 40 pontos; em relação ao nivel mental dos adultos analfabetos a mesma operação aritmetica nos mostra uma inferioridade de perto 26 unidades sobre 100. (55: 74, = 74; 5; % 100 — 74,5 = 25,5).

O vocabulario e a inteligencia de pequenas crianças, antes de entrar para o Grupo, são mais proximas dos adultos analfabetos de que das crianças com quatro anos de cultura escolar. A vantagem dos escolares sobre os pequenos novatos é duas vezes maior de que a vantagem do adulto analfabeto sobre os mesmos pequenos.

Esta inferioridade da criança de 7 anos para com os escolares de 11 a 12 pode ser atribuida aos fatores seguintes: 1.°) á falta de cultura escolar; 2.°) á idade e á menor experiencia; 3.°) ao meio social ligeiramente menos elevado em media; 4.°) á aptidão e inteligencia individual menos selecionada; emfim preciso notar tambem o 5.° fator inhibitivo, de que já falamos, — emotividade — das pequenas crianças novatas que frequentemente deixam de dar respostas adequadas aos tests intelectuais por falta de equilibrio afetivo.

Relativamente aos adultos analfabetos a inferioridade dos fatores se reduz, em soma, a: poucos anos de vida e a falta de experiencias. Ao lado disso os pequenos talvez têm essa vantagem que as aptidões, em media são mais variadas e elevadas que a das moças analfabetas.

Resumimos num quadro de conjunto os varios fatores analisados, que devemos sempre ter em vista para interpretar

de modo mais adequado, os resultados globais de qualquer test de inteligencia geral.

Para cada uma de cinco condições: (experiencia, cultura, meio social, aptidão individual, afetividade) ordenamos os nossos grupos de pessoas, dando o n.° 1 ao grupo que está menos favorecidos na tal ou outra condição e o n.° 3 ao que está nas condições nas melhores, dando o n.° 2 para o degrau intermediario.

Quando dois grupos se acham nos niveis semelhantes cada um dos grupos recebe uma nota intermediaria, por exemplo — 1,5 a qual é a média entre nota 1 e 2: (semelhante processo emprega-se nos calculos do coeficiente de correlação por método de Spearman, por exemplo).

Quadro 9

	FATORES	Crianças de 7 anos analf.	Adultos analfabetos	Alunos de 11 - 12 anos-IV deg. esc.
a	Experiencia	1	3	2
b	Cultura	1,5	1,5	3
c	Meio social	1,5	1,5	3
d	Aptidão indiv.	2	1	3
2	Afetividade	1	2	3
	Logar medio	1,4	1,8	2,8
	Resultado medio do Test Simon	55°/o	74°/o	91°/o

O quadro 9 reune estes fatores, ordenados para cada grupo de pessoas de 1 a 3. — Não ha dificuldade nenhuma na atribuição da ordem para a experiencia, a aptidão individual e a afetividade, pois já foram esses topicos bastante ventilados. Quanto a cultura, resolvemos dár aos dois primeiros grupos as mesmas notas, e por isso encontramos nos ambos casos: 1,5. Tratando-se do meio social, notamos que as moças analfabetas provêm, na maioria, de um meio social mais humilde que a média das crianças novatas de 7 anos, mas atribuimos-lhes tambem a mesma quota, pois as adultas, morando e servindo nas casas de um meio social mais elevado, recebem desse ultimo certas influencias (sobre tudo referentes

á linguagem) que, em ultima analise, aumenta o fator mesologico e o iguala ao das crianças de 7 anos.

Sómando as notas de cada grupo e reduzindo-as á média para os cinco fatores, temos: o rango 1, 4, mais baixo analisados para as crianças novatas; 1, 8 para os adultos analfabetos e enfim uma nota maior, 2, 8, para os escolares regulares de 11-12 anos.

Depois desta vista geral sobre o resultado total do test, será talvez interessante de percorrer algumas provas e ver as particularidades para cada grupo examinado.

Primeiramente notamos a grande semelhança das percentagens de bôas respostas para as pequenas de 7 anos nas provas de 1931 e de 1932. Algumas atingiram resultados perfeitamente identicos, outros variando de poucos pontos; só nas tres provas sobre 18 houve bastante diferença (quem vende os remedios, repetir 18 silabas, nomear papagaio)

Um fato é digno de nota na comparação dos resultados entre os analfabetos de 7 anos e adultos; apesar os ultimos tiverem resultados totais melhores que os primeiros houve algumas provas em que os pequenos souberam melhor responder: e reconhecer a imagem do papagaio e do sapo por exemplo saber o material de que é fabricado um tinteiro de vidro, uma pasta de couro.

O adulto analfabeto parece estar pouco familiarizado com as gravuras, identificando com dificuldade o desenho com o objéto. Isto se verifica facilmente pela frequente incapacidade que tem as pessoas incultas de reconhecer pessoas conhecidas sobre as fotografias, ou então pela credulidade anedotica em que eles têm «reconhecido» uma pessoa do sexo femenino, por exemplo, numa fotografia, representando um homem, uma pessoa velha — numa fotografia de criança, etc.

Os pequenos neste sentido, são mais firmes e reconhecem as imagens com mais exatidão. Aliás, o interesse que toda criança tem pelas imagens as torna mais seguras neste exercicio.

Dentre as tres gravuras apresentadas houve uma com desenho de sapo. 28 moças sobre 50 falharam nesta prova: umas — por ignorancia mesmo, outras — por haver empregado um termo mais geral, como bicho, animal; enfim outras ainda falharam porque *não poderão dizer*.

Como já foi notado no ano passado por Helena Paladini na analise deste test, em dois lugarejos do interior de Minas, varias crianças se recusaram a dar o nome do sapo e o substituiram pelas expressões bizarras, tais como: «de coque», «de cocoras». —Dentre as crianças da Capital este tipo de respostas não apareceu nem este ano, nem no ano anterior, mas, nós achamos em numero assaz grande precisamente nas respostas das moças analfabetas, na maioria empregadas domesticas, de Belo-Horizonte. 10 sobre 50 mostraram uma atitude afetiva bem tipica para com esta gravura: rindo, fechando os olhos desapontadas, olhando para o céu, piscando enigmaticamente ou exclamando francamente, como fez uma moça: «Cruz Credo!», levantando as mãos aos olhos ao mesmo tempo que dizia: «de coque» — eis aqui um caracteristico concreto da mentalidade adulta inculta que o nosso pequeno test revelou com tamanha nitidez.

Nenhuma das 1082 crianças belorizontinas de 6-7 anos deu uma resposta semelhante, ao passo que sobre 50 adultos 20 %, mostraram que a noção de «tabu» e de «totem» não é uma coisa bem alheia á mentalidade do homem inculto mesmo, gosando dos bens da civilização do seculo XX.

Foram tambem bastante falhas as provas relativas ao vocabulario dos antonimos. O contrario do fino, do quente — os adultos respondiam mas ou menos com a mesmo percentagem que os pequenos, ao passo que os alunos do IV ano responderam quasi na sua totalidade. Já o contrario do alegre para as moças adultas é um termo bem mais familiar que ás pequenas: só a metade das pequenas deram a resposta justa contra quasi a totalidade dos de IV ano e das analfabetas (98 e 94 %).

Só 3/4 das adultas analfabetas souberam contar, até onze, as bolinhas do cartão. Neste sentido elas são mais ou menos no mesmo nivel que as crianças de 7 anos antes de entrar para o Grupo. O calculo fóra da Escola não se desenvolve muito, como se pode deduzir da presente experiencia.

NOÇÃO DO COEFICIENTE MENTAL

Para tornar a apreciação do desenvolvimento mental pelo test Prime mais preciso, que unidade de avaliação vamos nós tomar? o test não foi aplicado nem ás crianças pequenas nem ás maiores para se estabelecer a escala de idade mental com o numero de pontos obtidos para cada idade cronologica.

A ausencia de pontos de idade mental nos impede assim de avaliar o resultado pelos quocientes intelectuais, como nos foi possivel o ano passado no test de Dr. Simon.

Este ano, não sabendo si já no inicio teriamos as idades exatas das crianças e não querendo caír no absurdo de falsas avaliações, aconselhamos ás professoras-diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento que empregavam o test Prime para a homogenização das classes, de considerar apenas o numero dos pontos e a idade aproximativa das crianças, agrupando as crianças pequenas isoladamente das maiores e selecionando, dentro de cada categoria, as crianças com menor numero de pontos de um lado, e com maior de outro. A certidão da idade cronologica nem sempre foi trazida no momento de entrar para o Grupo, e nem todas as crianças trouxeram mesmo até hoje. Por isso não baseavamos na idade cronologica, sinão de um modo global e muito aproximativo.

Mas como a experiencia do primeiro ano nos deu já 78°/o (para Belo-Horizonte) de certidões de idade para o total das crianças matriculadas, podemos esperar que o ano 1933,

trará ainda mais perfeição neste ponto de vista. Assim poderemos tambem introduzir mais precisão na avaliação do resultado, tomando em conta a idade real das crianças.

Decidimos porém não empregar nem o quociente intelectual, nem a escala simples de percentis para a nossa tarefa. E isso por motivos seguintes: a elaboração da escala metrica dos pontos correspondentes á idade mental para ser bem feita, deve basear-se num numero muito grande de pessoas de varias idades afim de se obter o nivel mais baixo e mais alto da escala, como tambem os niveis intermediarios si nós queremos ter alicerces reais e não supostos.

As escalas percentiladas simples têm o mesmo inconveniente de precisar o numero grande de pessoas e sobretudo escolher as dentro das crianças regulares. De modo contrario, pode acontecer que os resultados das crianças maiores estejam mais fracos que os das menores.

O outro inconveniente da simples escala percentilada é a seguinte, sobre tudo quando os resultados de uma idade para outra progridem bastante: e de cometer injustiça de julgar crianças que não diferem das outras sinão de um ou dois mêses de idade rial, pelas duas escalas diferentes. Suponhamos tratar-se de duas crianças com o mesmo numero de pontos, mas uma com 7,10 e outra com 8 anos — O resultado de uma vai ser apreciado pela escala de 7 anos e o da outra pela da mais elevada, apesar de ter só dois mêses de diferença de idade rial. O percentil da segunda vai desse modo ser relativamente muito mais baixo que da primeira.

Para evitar os inconveniente mencionados nós resolvemos introduzir uma outra unidade de apreciação dos resultados dos testes mentais. A esse novo valor nós daremos o nome de *coeficiente mental*.

O coeficiente mental é o quociente, multiplicado por mil, da divisão do numero de pontos dos testes sobre a idade rial, expressa em mêses.

Este processo da divisão foi proposto por alguns autores, mas nós não vimos a aplicação sinão num autor europeu Schiotz, que num trabalho sobre indices antropometricos para se avaliar o desenvolvimento fisico, dividia os numeros das medidas absolutas pela idade cronologica de pessoas.

O coeficiente mental (ou o C. M., para abreviação) não tem a significação do quociente intelectual (Q I.) — não tem tambem o valor universal que varia entre limites determinados, o valor medio e normal sendo igual á 1 para qualquer test; é menos logico e mais variavel, dependendo o valor do numero de pontos de tal outro test e de tal ou outra idade em que o teste foi aplicado. Mas o coeficente mental acompanhado da escala percentilada nos dá um meio de avaliação bastante firme, como vamos ver para o test Prime.

Para facilitar o calculo do C. M. — juntamos a tabela nº. 10 de todos os coeficientes possiveis para o teste Prime, isto é, para todos os resultados de 0 a 30 pontos, combinados com todas as idades cronologicas entre 6; 6 e 9; 0,

O C. M. — que é, como já sabemos, o quociente entre o numero de pontos do teste e a idade rial — acha-se muito rapidamente no cruzamento das duas variaveis determinadas.

Por exemplo, tendo a criança 6 anos e 9 mêses e seu exame tendo alcançado 17 pontos no teste Prime, procuramos, primeiro na coluna vertical, a esquerda o numero 17; depois, na escala horizontal, e acima, achamos a idade — 6 anos e 9 mêses. Afinal, no cruzamento dos dois eixos encontramos o coeficiente mental (C. M.) — 209. O mesmo numero de pontos para uma criança de 7; 9 — vai dar-lhe o C. M. já menor, — 182 e para a criança ainda maior, de 7; 9, ainda menor — 161.

Tabela dos Coefi-

Tabela N.º 10

	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92
Anos	6	6	6	6	6	6	7	7	7	7	7	7	7	7	7
Meses	6	7	8	9	10	11	0	1	2	3	4	5	6	7	
Pontos															
1	12	12	12	12	12	12	11	11	11	11	11	11	11	10	10
2	25	25	25	24	24	24	23	23	23	22	22	22	22	21	21
3	38	37	37	36	36	36	35	35	34	34	34	33	33	32	32
4	51	50	50	49	48	48	47	47	46	45	45	44	44	43	43
5	64	63	58	61	60	60	59	58	58	57	56	56	55	54	54
6	76	75	75	74	73	72	71	70	69	68	68	67	66	65	65
7	89	88	87	86	85	84	83	82	81	80	79	78	77	76	76
8	102	101	100	98	97	96	95	94	93	91	90	89	88	87	86
9	115	113	112	111	109	108	107	105	104	103	102	101	100	98	97
10	128	126	115	123	121	120	119	117	116	114	113	112	111	109	108
11	141	139	137	135	134	132	130	129	127	126	125	123	122	120	119
12	153	151	150	148	146	144	142	141	139	137	136	134	133	131	130
13	166	164	162	160	158	156	154	152	151	149	147	146	144	142	141
14	179	177	175	172	170	168	166	164	162	160	159	157	155	153	152
15	192	189	187	185	282	180	178	176	174	172	170	168	166	164	163
16	205	202	200	197	195	192	190	188	186	183	181	179	177	175	173
17	217	215	212	209	207	204	202	200	197	195	193	191	188	186	184
18	230	227	225	222	219	216	214	211	209	206	204	202	200	197	195
19	243	240	237	234	231	228	226	223	220	218	215	213	211	208	206
20	256	253	250	246	243	240	238	235	232	229	227	224	222	219	217
21	269	265	262	259	256	253	250	247	244	241	238	235	233	230	228
22	282	278	275	271	268	265	261	258	255	252	250	247	244	241	239
23	294	291	287	283	280	277	273	270	267	264	261	258	255	252	250
24	307	303	300	296	292	289	285	282	279	275	272	269	266	263	260
25	320	316	312	308	304	301	297	294	290	287	284	280	277	274	271
26	333	329	325	320	317	313	309	305	302	298	295	292	288	285	282
27	345	341	337	333	329	325	321	317	313	310	306	303	300	296	293
28	358	354	350	345	341	337	333	329	325	321	318	314	311	307	304
29	371	367	362	358	353	349	345	341	337	333	329	325	322	318	315
30	384	379	375	370	365	361	357	352	348	344	340	337	333	329	326

cientes Mentais (C. M.)

93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108
7	7	7	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	9
9	10	11	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	0
10	10	10	10	10	10	10	10	9	9	9	9	9	9	9	6
21	21	20	20	20	20	20	20	19	19	19	19	19	18	18	18
32	31	31	31	30	30	30	30	26	29	29	28	28	28	28	27
43	42	42	41	41	40	40	40	39	39	38	38	38	37	37	37
53	53	52	52	51	51	50	50	49	49	48	48	47	47	46	46
64	63	63	62	61	61	60	60	59	58	58	57	57	56	56	55
75	74	73	72	72	71	70	70	69	68	67	67	66	66	65	64
86	85	84	83	82	81	80	80	79	78	77	76	76	75	74	74
96	95	94	93	92	91	90	90	89	88	87	86	85	84	84	83
107	106	105	104	103	102	101	100	99	98	97	96	95	94	93	92
118	117	115	114	113	112	111	110	108	107	106	105	104	103	102	101
129	127	126	125	123	122	121	120	118	117	116	115	114	113	112	111
139	138	136	135	134	132	131	130	128	127	126	125	123	122	121	120
150	148	147	145	144	142	141	140	138	137	135	134	133	132	130	129
161	159	157	156	154	153	151	150	148	147	145	144	142	141	140	138
172	170	168	166	164	163	161	160	158	156	155	153	152	150	149	148
182	180	178	177	175	173	171	170	168	166	165	163	161	160	158	157
193	191	169	187	185	183	181	180	178	176	174	173	171	169	168	166
204	202	200	197	195	193	191	190	188	186	184	182	180	179	177	175
215	212	210	208	205	204	202	200	198	196	194	192	190	188	186	185
225	223	221	218	216	214	212	210	207	205	203	201	200	198	196	194
236	234	231	229	226	224	222	220	217	215	213	211	209	207	205	203
247	244	242	239	237	234	232	230	227	225	223	221	219	216	214	212
258	255	252	250	247	244	242	240	237	235	233	230	228	226	224	222
268	262	263	260	257	255	252	250	247	247	242	240	238	235	233	231
279	276	273	270	268	265	262	260	257	254	252	250	247	245	242	240
290	287	284	281	278	275	272	270	267	264	262	259	257	254	252	250
301	297	294	291	288	285	282	280	277	274	271	269	266	264	261	259
311	308	305	302	298	295	292	290	287	284	281	278	276	273	271	268
322	319	315	312	309	306	303	300	297	294	291	288	285	283	280	277

Por enquanto esses coeficientes não têm para nós nenhuma significação, mas a escala percentilada destes C. M. vai nos orientar melhor. A criança com C. M. 209 terá o percentil 35 e a de 161 — o percentil 25 (ver a tab. n.º 11).

ESCALA PERCENTILADA DOS COEFICIENTES MENTAIS DO TEST PRIME PARA AS CRIANÇAS DE 6; 9 — 8; 11.

Tabela N.º 11

Perc.	C. M.
100	340
90	285
80	260
75	250
70	235
60	215
50	200
40	190
30	170
25	165
20	150
10	120
0	5

Numero de pessôas.... 768

DISTRIBUIÇÃO DOS C. M. ENTRE 768 CRIANÇAS DE 6; 9 a 8; 11.

Tabela N.º 12

C. M	Frequencia
0 — 50	15 casos
55 — 100	37
105 — 150	107
155 — 200	230
205 — 250	207
255 — 300	141
305 — 350	33
	768

Esses percentis foram elaborados com os resultados de 768 crianças de 6 a 8 anos.

O quadro n°. 12 mostra a distribuição dos coeficientes, agrupando-os de 50 em 50.

Esperamos que os coeficientes, mentais serão bem acolhidos pelas pessoas que aplicam o test Prime, e que esses C. M. vão prestar serviço em varios casos, como a homogenização das classes, estudo dos progressos dos alunos, ao confronto dos exames iniciais, pormeio dos tests, e dos resultados do trabalho escolar no fim do ano, comparação das crianças dos meios sociais diferentes; apreciação do desenvolvimento mental dos alunos de tal ou outro grupo e tantos outros.

APENDICE

Aproveitando dos resultados do test Prime em 1932 e de sua analise minuciosa feita no presente trabalho, achamos conveniente para 1933 modifica-lo nas tres perguntas seguintes: numero 10, «de que é feito este pauzinho»? (fosforo) — será substituido por outra pergunta visando tambem o conhecimento da substancia ou da materia, mas menos ambigua quanto a a sua resposta. O nº. 10 na edição de 1933 será formulado assim: «Como se chama esta cousa dura de seu dedinho?», pegar no dedo da criança e bater ligeiramente com o lapis no osso, produzindo o som caracteristico. As experiencias preliminares que foram feitas até hoje revelam uma reação bem nitida da criança: ou, ela diz que é o osso, ou mantem o silencio, por não saber.

No lugar da pergunta nº. 19 — «de que é feita esta agulha?» — que não dá respostas exatas sinão em muito poucos casos e depende provavelmente sobretudo do ensino, será colocada a seguinte: «que é que nós temos dentro da cabeça?».

As respostas das crianças são muito pitorescas e revelam bem a ingenuidade tipica e o pensamento, em formação da jovem criança. Quando a criança responder por exemplo que dentro da cabeça temos o pensamento, as palavras, insistir ainda na pergunta mostrando que nós queremos saber algo de mais simples: «*dentro* da cabeça, o que que nós temos?» As respostas «bôas» são cerebro como miolos.

Enfim o test nº. 28 vai ser modificado do modo seguinte: Mostrando o quadradinho menor dizer: «este quadrinho é pequeno», este é um pouco...»

Parece que não haverá ambiguidade na avaliação da resposta pois unicamente «maior» será a bôa resposta possivel.

ATIVIDADES ESCOLARES

(Extratos de relatorios fornecidos pelo Corpo Tecnico de Assistencia ao ensino)

INTRODUÇAO

Até á presente data foram duas as turmas de alunas diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento.

A primeira, em 1930, compunha-se de 66 alunas; destas, 30 são atualmente professoras técnicas em diferentes grupos do Estado.

A segunda, em 1931, compunha-se de 31 alunas.

Com exceção de 8, as novas diplomandas vieram cerrar a fileira de 1930, derramando-se por novas regiões e perfazendo, assim, no momento presente, o total de 53, o que equivale a dizer que 53 grupos escolares de Minas-Gerais respondem presentemente, com maior responsabilidade, pela realização da Reforma do Ensino.

Se voltarmos o pensamento para 2 anos atrás, veremos a 1.ª turma que partia para tentar a realização dos novos deveres de que fôra investida. O caminho que as esperava não podia ser mais incerto: basta considerar que era a primeira experiencia. O caminho era incerto, e a realidade ia ser tocada pela primeira vez. Pairava no ar uma interrogação: Como vai ser ? Como se vai fazer ?

Seriam bem lançadas todas as sementes ou encontrar-se-iam tambem algumas destinadas "ás aves do céo", ou a se esterilizarem por entre a herva má ? Haveria em todos os animos a coragem serena para vencer, a disposição bastante para o sacrificio, e a firmeza para perseverar ? Nada poderia autorizar um julgamento prévio.

Vem depois a turma de 1931. O trabalho se dispersa mais e mais. Brotam, aqui e ali, ao calor de influencias variadas, as atividades preconizadas pela Escola Ativa.

Aqui e ali os meios de sua realização assumem um cunho peculiar, caracteristico. As dificuldades encontradas, e que algumas vezes levam ao desanimo, ora são comuns, ora assumem um aspecto particular, tipico do meio fisico, da sociedade ou de condições individuais.

E assim, em cada centro, solicitadas por influencias diversas, ou tolhidas por impecilhos diferentes, trabalham, contudo, com os mesmos objetivos e os mesmos ideais, as turmas de 1930 e 1931.

Sempre que se fala em trabalho de muitos membros, vem á lembrança a colaboração das abelhas, e a gente pensa logo que a qualidade do mel produzido depende da qualidade do trabalho.

Cumpre tambem, desta vez, lembrar as abelhas, a proposito das professoras técnicas.

A primeira qualidade que queremos atribuir ao trabalho delas é a colaboração. Suas experiencias, suas lutas e dificuldades, seus triunfos, deverão servir á comunidade, presiando-lhe o valor inestimavel das coisas experimentadas unidas. Cada uma, no seu ambiente, a trabalhar, a lutar, a desanimar, a vencer e a sofrer mesmo, é, de qualquer modo, um exemplo e uma lição.

O Corpo Técnico de Assistencia ao Ensino procurará, pois, apresentar ás professoras técnicas e ás demais pessoas interessadas, por meio da *Revista do Ensino*, algumas amostras dos trabalhos realizados aqui e ali, por esta ou aquela orientadora.

E, embora se lastime profundamente não serem as atividades enriquecidas com maiores documentações, contudo se deixa ver, muitas vezes, a seriedade, a dedicação e o entusiasmo com que se trabalha em nossas escolas.

Essa documentação, além de servir de experiencia a quem possa aproveitá-la, e de associar os elementos dispersos pela distancia, servirá de base á apreciação do que se vem tentando realizar.

E, desse modo, diante das iniciativas presentes e dos resultados futuros, poderemos saber, entre todas as sementes, quais as bem lançadas e bem cuidadas, as que as "aves do céo" levaram ou as que as terras más abafaram e mataram...

Os trabalhos que se seguem contêm os topicos mais interessantes, colhidos no 1.º relatorio trimestral enviado pela professora técnica do grupo escolar de Pedro Leopoldo, d. Zenith Baía Felix da Silva, e o relatorio, tambem do 1.º trimestre, da professora técnica do grupo escolar de Santo Antonio do Monte, Maria Angelica de Castro.

Em seguida encontram-se, sob rubricas diferentes, alguns trechos extraídos do Jornal Escolar, por nos parecer este um dos meios mais interessantes para se conhecer a Escola, as atividades que esta vem possibilitando aos alunos, como tambem para segui-los em uma grande esfera de seus interesses.

E' de notar a maneira por que têm sido aproveitadas a leitura de informações e as oportunidades de desenvolvimento social.

LINGUA PATRIA

LEITURA — Depois de ter experimentado, no ano passado, o ensino da leitura pelo metodo global, numa classe normal de 41 alunos, os resultados habilitam-me a garantir a eficacia do metodo e a afirmar que, logico e racional, é êle o unico que póde promover, desde os primeiros tempos, a formação de bons habitos, atitudes e habilidades da leitura. A interpretação, tão sacrificada nos demais metodos, adquire neste um poder extraordinario.

Adotado, este ano, em todas as classes de 1.º ano (A., B. C. e D) os seus resultados já se fazem sentir. Os alunos das classes C. e D. sentiram a principio certa dificuldade em familiarizar-se com o Pre-livro, naturalmente por já se terem habituado aos defeitos do metodo de silabação. A classe B., marcha regularmente, e a classe A., de modo admiravel. Nesta, as crianças receberam com interesse e satisfação "As historias de Jojoca" e vão ganhando rapidamente o conhecimento das palavras ai encontradas e que são as mais comuns no vocabulario infantil. A interpretação, tão facilitada já pela simplicidade das historietas, é ainda muito favorecida pela dramatização das mesmas. E os personagens do pré-livro vão ganhando importancia no espirito dos pequenos, que constituem o tema predileto de suas conversações em casa, na rua, na escola. Façanhas curiosas são por êles inventadas, e uma pequenina, há pouco, chegou mesmo a contar em classe um sonho curioso que tivera com a Jojoca e sua gatinha, a Finoca.

O grande numero de crianças em cada classe torna, ás vezes, dificil a flexibilidade do material de leitura, para

se atender ás diferenças individuais, mas, como a tarefa não é impossivel, as professoras, com trabalho e dedicação, conseguem realizar muita cousa, visando o objetivo mais util.

Para fixação das lições, usam-se jogos educativos.

Nas classes A. e C., que já ganharam o conhecimento de muitas palavras, começa a ser usado o material suplementar: avisos, jornais de classe, etc. Ex. de um jornalzinho da classe A.: Edite perdeu ontem um dentinho. Ela ficou muito triste.

Nas classes de 2.º, 3.º e 4.º anos, tem-se dado enfase á leitura interpretativa, até há pouco muito prejudicada. São usados, portanto, livros de historias, revistas infantis, jornais, etc. Este criterio vem dando excelentes resultados. No 4.º ano, encontram-se crianças com o habito já inteiramente formado da leitura diaria dos nossos melhores jornais. Os livros de classe são mais usados para correção de habitos.

LINGUAGEM — A vida da criança, em casa, nos passeios, na escola, é o eixo em torno do qual giram as aulas de linguagem, principalmente no 1.º e no 2.º ano. Para as classes mais adiantadas são trazidas á baila as noticias mais em evidencia dos jornais. Dada a vivacidade das nossas crianças, a sua inteligencia e espontaneidade, facil é promover-se uma aula de linguagem. Muita habilidade, porém, terá a professora de revelar, para evitar as possiveis digressões. Nestas aulas, é tambem onde mais se acentua o egocentrismo infantil, e, embora a professora procure sempre implantar em seus alunos o respeito á personalidade alheia, é ás vezes bem dificil fazê-los aguardar com calma o seu momento de falar e escutar com atenção o que dizem os colegas.

O uso de gravuras que promovam a conversação espontanea, desenvolvendo ao mesmo tempo a imaginação, não tem sido aqui feito com a frequencia que seria de se desejar á vista da dificuldade em se encontrarem gravuras que plenamente preencham os objetivos em mira.

COMPOSIÇÃO — São tomados como tipos mais frequentes de composição as redações de carta, bilhetes, convites, historias, elaboração de programas, etc. Procura-se sempre um motivo para tais composições, tirado de fatos que estejam na vida e no interesse dos alunos. Para a redação de cartas, aproveitam-se os aniversarios das professoras, os projetos de excursão, a aquisição de livros, etc. O desejo de colaborar no jornalzinho do grupo estimula os alunos a reproduzirem e inventarem historias, a escreverem poesias, relatorios de excursão e de auditorio, noticias das festas locais, etc. (Ver no final desta noticia a nota sobre o jornal escolar).

ARITMETICA

A introdução da aritmetica socializada vem dando vantajosos resultados. O ensino das noções basicas, obedecendo a uma seriação logica, é feito concretamente, tendo-se em conta os interesses e as experiencias das crianças, e dando-se a essa aprendizagem uma aplicação imediata. A satisfação da criança é a maior garantia do exito. Não há muito tempo uma aluna do 2.º ano, toda satisfeita, foi dizer em casa que o "o Grupo está agora muito melhor, sem o estudo da taboada."

Os problemas são elaborados pelas proprias crianças, que se vão interessando pelo movimento economico da cidade, extendendo-se ao do Estado e ao do País. Buscam dados para os seus problemas nas fabricas, nos armazens, nos açougues, nos depositos de cal, etc.

Resultantes de um trabalho verdadeiramente util, têm sido feitas aqui pequenas estatisticas. Assim, sendo o milho a principal produção do nosso municipio, os alunos do 4.º ano A. procuraram conhecer, por meio de pesquisas nos armazens e na estação da Central, a exportação desse produto

nos anos anteriores, para avaliarem a nossa quota na produção do Estado.

Recomendo ás professoras que aproveitem sempre que possivel as ocasiões incidentais para o trabalho com os numeros, para o aluno, como sendo este o melhor caminho para se chegar a um fim mais eficiente. Os jogos educativos são usados frequentemente para fixação de fatos, enquanto a verificação é feita por meio de tests.

O trabalho aritmetico não é limitado ao tempo que o horario lhe destina, mas abrange todo o aspeto quantitativo que surge nas outras disciplinas.

Ricas atividades têm sido levadas a efeito nas diferentes classes.

GEOGRAFIA E CIENCIAS NATURAIS

Dadas as intimas relações entre a Geografia e as Ciencias da natureza, elas se apresentam concatenadas, sempre que possivel. Os fatos são estudados mais inteligentemente, sem a feição antiga de dar e tomar lições. O sistema de *decoração* de superficie, população, etc., etc. foi inteiramente abolido, como aprendizagem inutil e passageira. Preocupa-nos mais o meio, suas condições especiais, costumes, fatores de progresso, etc., levando os alunos a uma utilissima atividade de imaginação e de raciocinio e habituando-os ao interesse pela vida universal. Geralmente, é a Geografia que determina o projeto a ser levado em classe e para o qual devem convergir naturalmente as outras materias. Aproveitam-se para isto os fatos que põem em relevo tal cidade, Estado ou país. Por ex. a China e o Japão foram cuidadosamente estudados no 4.º ano, quando as duas poderosas nações lutavam no Oriente. Os Estados-Unidos foram objeto de interessante estudo, quando o mundo inteiro ansiava pela sorte do pequeno Lindberg. Lembra-me que um pequeno muito arguto saiu com esta reflexão: "Mas como é que sendo os Es-

tados Unidos tão adiantados, há lá crimes tão feios e ninguem é capaz de prender os criminosos? Ah! Se fosse aqui no Brasil, êles já estavam nas grades."

No desenvolvimento de um topico qualquer, já sabem os alunos buscar as fontes de informações: jornais, coleções, livros de viagens, etc.

Os fatos, sempre que possivel, são concretamente estudados, nas suas relações de causa e efeito.

A observação direta é usada, sempre que a natureza do estudo e as condições do meio local o permitem. Quando não, procura-se substitui-la por fotografias, gravuras, etc.

Enfim, no ensino da Geografia e das Ciencias, procuramos ter sempre em vista partir "do proximo para o remoto, do facil para o dificil, do concreto para o abstrato, do particular para o geral", dando aos pequenos conhecimentos solidos e uteis, que os habilitem a resolver os problemas da vida.

INSTITUIÇÕES

BIBLIOTECA INFANTIL — Organizada, no ano passado, pelos alunos do 4.º ano, na realização de um projeto que deu excelentes resultados, continúa a nossa Biblioteca Infantil em franco progresso. E' a peça principal da casa alvo de todo o cuidado, carinho e interesse das crianças, que procuram sempre uma novidade (uma flôr, um vaso, um quadro, etc.) para adorná-la. O seu mobiliario consta de pequenas mesas, três estantes e uma multidão de banquinhos, tudo confeccionado pelos alunos. Estes se revezam no trabalho de cuidar da sala, dos vasos, dos livros, e fazem-no com o maximo capricho e bom gosto. Conta a Biblioteca Infantil 98 volumes, além da coleção — Thesouro da Juventude, — revistas e jornais infantis.

CLUB DE LEITURA

Funcionam no estabelecimento 4 clubs de leitura em franca e proficua atividade. Os alunos do 4.º ano (que já tinham adquirido experiencia desta organização no ano anterior, quando eram ainda alunos do 3.º ano), trataram desde os primeiros dias de aula de organizar o seu Club, fazendo ainda as necessarias modificações nos seus estatutos. Os do 4.º ano A tiveram a feliz idéa de desejar admitir os colegas do 3.º ano ao seu Club de Leitura, ou então ajudá-los a formar um proprio. Este alvitre foi aceito e estimulado pela professora, e, no principio deste mês, os pequenos viram coroado de exito o seu trabalho, com a eleição e empossamento das diretorias nas classes de 3.º ano A e B.

O numero de socios é respectivamente, nas classes A e B do 4.º ano e A e B do 3.º: 32, 26, 40 e 41. A contribuição mensal de cada socio é de $200 e destina-se á acquisição de novos livros para a Biblioteca.

Cabe ainda aos Clubs de Leitura das classes de 4.º ano controlar o movimento do "O Sentinela", jornal mensal do Grupo.

As reuniões semanais de cada Club se realizam na Biblioteca, sob a direção do Presidente. São debatidos primeiramente os interesses do Club, seguindo-se a leitura de algum livro ou capitulo, adrede escolhido, e o seu necessario comentario. Após a reunião, o Secretario lavra ata da mesma.

Hora de historia — Para as classes de 1.º e 2.º anos, realiza-se semanalmente, no salão da Biblioteca, a Hora de historia. A leitura é feita pela professora, seguindo-se o comentario espontaneo das crianças. Quando a historia lida o permita, é promovida pela professora a sua dramatização.

EXCURSÕES

As excursões se realizam aqui todas as vezes que o bom andamento de um plano o exige. Dentre as muitas que

se realizaram aqui este ano, nas diferentes classes, cumpre notar a que fez o 1.º ano A no dia 26 de abril. O motivo dessa excursão foi ter-se apresentado um dos alunos, o Newton, com uma bonita pedra de cal para o Museu. E tais cousas contou o pequeno sobre a caieira de seu pai, sobre o movimento de empregados, queima da cal, etc., que toda a classe se mostrou interessada. O pequeno, então, muito gentilmente, convidou a professora para levá-los todos a ver os fornos de cal. A excursão ficou então marcada para dois dias depois, e, nesse intervalo, o plano ia sendo elaborado pelos alunos, guiados geitosamente pela professora. Chegado o tão desejado dia do passeio, a classe partiu radiante. Chegando ao local, a professora pediu ao pequeno Newton que, como entendedor que era de todo o movimento, contasse alguma cousa aos colegas. O menino, muito desembaraçado, pôs-se então a falar, surpreendendo as professoras presentes pela facilidade e conhecimento com que o fazia. Referiu-se á construção dos fornos, tiragem e transporte de madeiras e pedras, numero de empregados que trabalham na caieira, seu salario, etc., revelando uma habilidade admiravel em lidar com os numeros. Depois de avaliar (atendendo ás perguntas da professora e dos colegas) o dispendio feito por seu pai com lenha, pedras e empregados, deu a produção, em sacos, de cada forno e o seu valor em dinheiro, estabelecendo aproximadamente os lucros obtidos. Todos os colegas se mostraram surpresos com a dose de conhecimentos de Newton, e a professora teve a habilidade de tirar de tudo o maximo proveito para a sua classe.

Ordinariamente são trazidos das excursões materiais necessarios á organização de quadros para o Museu. E na realização desses trabalhos, inumeras vantagens são tiradas para a classe.

NOTICIAS DA ATUALIDADE

(Do n. 2, de 24 de abril de 1931)

A campanha economica

A nossa professora nos falou sobre a campanha economica. O Estado de Minas está empenhado em pagar todas as suas dividas. Para isto, está apelando para todos os bons mineiros, para que todos auxiliem com as suas forças, afim de que o Estado não seja devedor de um vintem. Devemos ajudar o mais que pudermos para mostrar o nosso patriotismo. O nosso dever é tudo fazer pela felicidade da nossa Minas gloriosa e querida.

Raymunda Rodrigues.

(Do n. 2, de 24 de abril, 1931)

No dia 21 de abril partiu de Pedro Leopoldo o "Batalhão Patriotico Roméro Carvalho" para tomar parte na grande parada que houve em Belo Horizonte, no dia 21 de abril, dia da comemoração da morte do protomartir da Republica, o grande Tiradentes, que deve viver na lembrança de todo brasileiro. De simples alferes de milicia, êle tornou-se o maior nome do Brasil pelo seu patriotismo e heroismo.

Maria Luiza de Andrade (4.° ano)

Um novo feriado

(Do no. 2, de 24 de abril de 1931)

Temos agora um novo feriado, 14 de abril, dedicado á União Pan Americana. Este feriado foi decretado nos Estado Unidos pelo presidente Hoover e os presidentes de outros países americanos fizeram o mesmo.

Aqui em nosso grupo a bandeira foi hasteada, os alunos cantaram hinos e as professoras falaram sobre o feriado.

Lucio de Azevedo Carvalho.

A GREVE DOS CHAUFFEURS

(Do n. 2. de 24 de abril de 1931)

Estiveram em greve os chauffeurs de Belo-Horizonte, assim como os do Rio de Janeiro e outras cidades, devido ao preço da gasolina. A capital mineira esteve completamente sem movimento, pois os carros que saiam ás ruas estavam sujeitos a ser queimados ou a terem os pneumaticos furados pelas taxinhas que os chauffeurs atiravam pelas ruas.

Maria Luiza Belisario.

ALBERGUE NOTURNO

(Do n. 4, de 13 de junho de 1931)

Estão construindo aqui uma nova casinha para os pobres. Vai chamar-se Albergue Noturno. Quem mais está trabalhando para o novo predio, são os Irmãos de S. Vicente de Paulo; mas quem está dando o dinheiro é o povo da cidade

Eraclydes Enriques.

FOOT-BALL

(Do n. 4. de 13 de abril de 1931)

No dia 7 passamos um dia muito alegre.

O America de Belo-Horizonte foi convidado pelo Sport Club Pedro Leopoldo para realizar uma partida nesta localidade.

A delegação do America F. C. veiu chefiada pelos diretores dr. Clovis Pinto e dr. Carlos Quadros, acompanhada de um reporter, Emilio Curtiss, e de um Juiz, Oswaldo Baptista. Vieram 16 jogadores.

O America saiu vencedor pelo score de 5 x 1.

A's 6 horas, foi servido um lauto jantar na séde do Sport Club, tendo havido muitos discursos.

A delegação do America partiu daqui ás 10 horas da noite.

Waldyr Moraes.

BANCO DOS POBRES

(Do n. 5, de 24 de julho de 1931)

Brevemente vai-se inaugurar nesta cidade uma casa que vai chamar-se Banco dos Pobres.

Esta casa deve ser muito util. A primeira cousa que ela vai fazer é proibir os pobres de esmolarem de porta em porta. Todos desta cidade que quiserem, vão pagar ao Banco dos Pobres, mensalmente, de 2$000 para cima. A casa que dér esta quantia, terá uma placa com a inscrição: B. P.

Os pobres não vão assim pedir esmolas nessas casas, mas vão buscar no "Banco".

José Baia.

A NOVA ORTOGRAFIA

(Do n. 6, de 17 de setembro de 1931)

Foi decretada no Brasil a nova ortografia. Foi uma ótima reforma que fizeram os nossos governantes, pois tornou-se mais facil a maneira da gente escrever.

Muitas palavras dificeis ficaram agora muito simples.

A nova reforma ortografica foi de fato um grande progresso na nossa terra.

Guilherme de Souza.

12 DE OUTUBRO

(Do n. 7, de 31 de outubro, de 1931)

O dia 12 de outubro, no Rio deJaneiro, foi comemorado com a inauguração do Cristo Redentor no Corcovado.

Aqui em nosso Grupo Escolar festejamos esse dia com a benção do novo Grupo e a entronização da imagem de Cristo no salão principal. Foi uma festa muito boa. O Grupo estava lindamente enfeitado e o altar ficou maravilhoso, todo cheio de rosas, margaridas e muitas outras flores bonitas. Foi celebrada a missa ás 11 horas, pelo nosso vigario, padrê José Augusto, que, depois da missa, fez um lindo discurso, muito apreciado por todos. Durante a solenidade tocou uma orquestra muito boa e algumas moças cantaram lindos canticos.

Agora que Jesus Cristo está entre nós, esperamos muitas bençãos para todos deste querido Grupo.

Maria Alice Diniz Barbosa — 4.° ano "A"

---

3 DE OUTUBRO

(Do n. 7, de 31 outubro de 1931)

Faz agora um ano que todo o Brasil esteve revolucionado para derrubar o governo do dr. Washington Luiz. Esta revolução foi um dos fatos mais importantes do periodo republicano.

A revolução durou 21 dias.

Foram muitas e muitas as angustias e as mortes, mas enfim os revoltosos triunfaram.

Permita Deus que venham muitos beneficios ao Brasil.

Mario B. Viana...

MATRICULA EM 1932

(Do n. 8. de 25 de novembro, 1931)

A nossa diretora pediu-nos que pusessemos este decreto do Presidente do Estado, para que todos fiquem conhecendo-o.

(Segue-se a transcrição do decreto n. 10.133, acompanhado de um aviso sobre a matricula no grupo).

VULCÕES

(Do n. 9, de 25 de abril de 1932)

Eu li ontem no jornal que os vulcões que estão em atividade na Argentina e no Chile já estão jogando cinzas em muitas cidades do Rio Grande do Sul e até no Rio de Janeiro. Por isto eu estou com bastante medo.

José Marques (4.° ano)

SOCIALIZAÇÃO

AUDITORIO

(Do n. 3. de 28-5-931)

Realizou-se aqui no grupo um auditorio muito bom, feito pelas alunas do 1.° turno. Foi escolhido para presidente o aluno do 4.° ano, Waldyr Moraes.

A aluna do 3.° ano, Ruth Peracio, mostrou um quadro que ela fez sobre a lã.

Raymunda Rodrigues, a menina mais aplicada da nossa sala, leu 14 versos que ela fez, criticando os seus colegas. Estavam muito engraçados.

A menina Raymunda de Mello, aluna do 2.° ano, recitou "A boneca", que é uma poesia muito engraçadinha.

Ignacia Moraes falou sobre o café e mostrou um quadro muito lindo, feito por ela e mais 6 meninas.

Antonio Augusto traçou no quadro negro a America do Sul, com muita rapidez.

Aurea Rodrigues leu uma linda historia que ela inventou.

Um menino muito pequeno do 1.° ano, chamado Alipio Justino dos Reis, desenhou no quadro uma bonita bandeira nacional.

Terminou o auditorio com um jogo — Taboinhas em equilibrio — entre os meninos e meninas do 4.° ano.

As meninas bateram por 3 a 2.

Iracema Vianna.

OS MEUS COLEGAS

(Para o auditorio do dia 5 de abril)

A colega Conceição
Tem vontade de aprender,
Mas quando chega á escola
Ela não presta atenção.

Ubiratan na escola
Fica só conversando;
Na hora de dar a lição
Ele fica gaguejando.

Hilda Dias, prá estudar
Tem má vontade e moleza;
Mas quando vamos jogar
Ela é cheia de esperteza.

Maria José e Cacilda
Tomam tempo em distração;
Quando chegar o novembro
Vai haver reclamação.

O Lourival na escola
Fica na vadiação
Pois vai brincar com os outros,
Esquecendo da lição.

Maria Alice é uma rosa
E tambem estudiosa,
Mas quando vira para traz,
Não pára nunca com a prosa.

O Eraclydes e o Moacyr
Eles ficam só pintando
E quando chegam á sala
E' só correndo e brincando.

O Nadino e José Bahia
Não têm geito de estudar,
Pois nas horas de atenção
Ficam sempre a conversar.

A Emilia e Maria de Jesus
São meninas conversadas;
Quando chegar o exame,
Ganharão bombas pesadas.

Alayde Diniz Vianna
Leva o tempo em escrever
Quando a professora vai dar *notas*
Ela quer notas bôas obter.

Com o 4.º ano da tarde
Nós gostamos de jogar,
A Ignacia de boca aberta
Deixa a bola só passar.

A Iracema é boazinha,
Mas tem fala exquisita.
Quando eu a ouço na sala,
Fico ás vezes muito aflita.

Agora é Olga Mansur,
Aluna muito aplicada,
Mas que á hora da lição
Parece um pouco atrazada.

Agora, meus coleguinhas,
Queiram, sim? me desculpar
Sei que a bondade de todos
Vai aqui me perdoar.

Raymunda Rodrigues de Jesus (4.º ano).

AUDITORIO

(Do n. 4, de 13 de junho de 1931)

No dia 29, nós do 4.º ano de d. Carmen e os alunos do 3.º ano de d. Guida, fizemos um auditorio. Esteve otimo. Vieram muitas pessoas de fóra e entre estas o sr. Adherbal Alvarenga, assistente técnico. Primeiro cantámos o Hino Nacional. Depois o sr. Adherbal deu posse á diretoria do Club de Leitura e o presidente, Mario B. Vianna, fez um discurso bem bonito, que êle mesmo escreveu sózinho. Depois houve jogos de artmetica pelos alunos do 3.º e do 4.º ano, desenhos de animais no quadro negro, por José Machado. Lucio, Aldo, Alvaro e Geralda Costa contaram a excursão que fizemos ao Riachuelo. Maria Luiza Belisario fez umas perguntas muito engraçadas para nós adivinharmos. Os que acertaram ganharam premios. Fausto falou sobre as madeiras do Brasil e apresentou muitas amostras que êle arranjou.

Terminou o auditorio com um jogo de bola entre os meninos e as meninas do 4.º ano. Os meninos bateram por 5 x 0

Diva Maia.

UM NUMERO DO AUDITORIO

(Do n. 5, de 24 de julho de 1931)

O melhor numero do ultimo auditorio foi o de Alberto Diniz.

Êle desenhou no quadro, muito depressa, um lindo aeroplano, pintado de côres bonitas. Nós todos ficamos admirados de ver o Alberto fazer uma cousa tão bem feita. Depois êle buscou um aeroplanozinho de madeira que êle tinha feito antes para nos mostrar. Ficamos encantados. Não faltava nada no aeroplanozinho. Alberto mostrou todas as partes e disse os seus nomes. Os meninos pediram-lhe que fizesse a helice girar e por isso êle saiu correndo pelo pateo. Batemos muitas palmas por tão engraçado exercicio. Mas da ultima vez que êle foi correr, a helice desprendeu-se e caiu no chão. Alberto fez uma cara tão engraçada, que nós todos começamos a rir.

AUDITORIO

(Do n. 6, de 17 de setembro de 1931)

Realizou-se ontem aqui um auditorio das classes de d. Zilica, d. Sinhazinha e d. Guiomar. Só meninos pequeninos. E foi o melhor auditorio que já houve. Todos os numeros estavam muito bons, principalmente o côro "O meu casorio", em que Maria de Alcantara cantava e os outros respondiam.

Tambem esteve otimo o jogo "O salto do cangurú" entre meninos e meninas do 2.º ano. As meninas ganharam por 2 x 0 e os meninos ficaram muito sem graça.

ATA DA 2.ª REUNIÃO DO CLUB DE LEITURA

(Do n. 9, de 25 de abril de 1932) — 4.º ano "A"

No dia 1.º de abril de 1932, reunidos no salão da Biblioteca, nós, os alunos do 4.º ano "A" de d. Carmen Barroso, começamos a 2.ª sessão do nosso Club de Leitura. Como o secretario Geraldo Meireles Baía não aceitou o cargo e tendo sido eu eleita para substitui-lo, fui eu quem servi de secretaria; e na ausencia do presidente, foi o vice-presidente Jorge Morais quem presidiu a sessão. Êle convidou primeiramente a aluna Maria Luiza Belisario para ler no Tesouro da Juventudo "Como Portugal se expandiu". Todos gostaram muito e alguns falaram as cousas que sabiam de Portugal.

Depois o presidente mandou Nelson Baía ler a historia "O rei da montanha dourada"; mas como êle se cançou, foi Sebastião Teixeira quem terminou a leitura. A historia é muito bonita e todos os alunos gostaram muito de ouvi-la.

Encerrando a sessão, o presidente mostrou o livro que ia ser lido na reunião seguinte — "O irmão de Pinocho".

EXCURSÕES

UMA EXCURSÃO Á FAZENDA MODELO

(Do n. 4, de 13 de junho de 1931)

Nós estavamos querendo fazer uma excursão á Fazenda Modelo. Então escrevemos uma carta para o dr. Romulo Joviano, diretor da Fazenda, pedindo licença para vermos tudo que ha por lá. Êle respondeu uma carta muito delica-

da, falando que podiamos ir e que êle mandaria as charretes de lá para nós irmos nelas.

Partimos do Grupo ás 7 horas, acompanhadas de d. Carmen e de outras professoras. Quando chegamos lá, fomos recebidos pelo dr. Romulo. Êle começou logo a nos mostrar tudo. Primeiro assitimos a tirar leite nas vacas, a fabricar manteiga. Vimos muitas raças de bois, de porcos e de cavalos. Ha um cavalo muito bonito chamado Massahú. Vimos os carneiros estrangeiros e nacionais. O dr. Romulo nos mostrou como a lã dos carneiros estrangeiros é melhor que a dos nacionais. Vimos ainda o veterinario tratar de uma vaca doente. Na farmacia nós olhamos pelo microscopio fios de lã e uma gota dagua. E' muito engraçado. Os fios de lã ficaram muito mais grossos e a gota dagua cheinha de bichinhos. Depois fomos ver todas as qualidades de capim que servem para alimento dos animais e a horta. O dr. Romulo nos ensinou muita cousa que não sabiamos. Nós todos ficamos gostando dele, pois foi muito delicado conosco. A's 11 horas voltamos satisfeitissimos e já com saudades do passeio.

Laudelina Fonseca.

EXCURSÃO A UMA OLARIA

(Do n. 4, de 13 de junho de 1931)

A nossa classe fez no dia 24 deste uma excursão a uma olaria. Como a olaria pertence a meu pai e como trabalho sempre nela, fui eu quem dei explicações para fazer tijolos.

Primeiro a gente enche o poço de terra e depois de cheio acerta a terra, deixando de um lado um lugar mais vazio para encher dagua. Com uma pá joga-se agua na terra até ensopar. No dia seguinte, põe-se o barro numa pipa que tem dentro um mastro de 2 metros. Em cima do mastro

fica a almanjarra e da ponta da almanjarra sái uma mão com uma balança que serve para prender o animal. Enquanto este vai andando em redor do poço, o mastro amassa o barro. Quando o barro está bem amassado, leva-se para uma banca, onde é fabricado o tijolo, com uma fôrma para o barro não ficar pegado nela. Depois o tijolo é levado ao terreiro e, quando está bem seco, é posto no forno para queimar.

Wilson Tarabal Pinto (4.º ano).

VISITAS

(Do n. 6, de 17 de setembro de 1931)

Fomos ao campo de aviação fazer uma excursão para ficarmos conhecendo de perto os aviões. Os aviadores nos deram muitas explicações e eu vou escrever alguma aqui. A marca do avião é T. O. Potez. A velocidade é de 200 quilometros por hora. A helice é de aluminio duro e dá 1.700 rotações no solo por minuto e 1.900 no ar. O aparelho tem 9,50 de comprimento e 3,75 de altura. A distancia entre as duas azas é de 12 mts. Leva 42 litros de oleo e 810 litros de gasolina.

Os aparelhos que êles têm são: bussola, indicador de pressão de oleo, indicador de pressão de gasolina, indicador de curva, termometro de oleo, etc.

Os aviadores nos falaram ainda sobre a Escola de Aviação e sobre a disciplina da mesma. Depois perguntaram muito pelo nosso Grupo e pelos nossos estudos. Por isto nós resolvemos convidá-los para visitar o Grupo. No dia seguinte cêlo êles vieram. Primeiro nós lhes oferecemos um bom chocolate. Depois foram ver o nosso museu, quadros e os nossos melhores trabalhos e a biblioteca que nós estamos arranjando e que já tem muitos livros bons. A' hora do re-

creio, nós os convidamos para assistir a uma partida de bola entre as meninas e os meninos da nossa classe. Depois do recreio, êles foram novamente para a nossa sala, onde Valdir lhes agradeceu as delicadezas que êles nos fizeram no campo de aviação e tambem a visita. Êles tambem nos agradeceram e despediram-se de nós, prometendo mandar para nós muitas vistas fotograficas interessantes.

Emilia Carrusca.

INTERCAMBIO ESCOLAR

"O ESCOLAR"

(Do n. 3, de 28 de maio de 1931)

Recebemos aqui em nosso grupo um jornalzinho de fóra, chamado "O Escolar". Veiu de Divinopolis. Está muito bom e trouxe umas historias muito bonitas. Ficámos muito satisfeitos.

Nós vamos agora mandar para os meninos de lá "O Sentinela" e desejamos que êles tambem nos mandem sempre "O Escolar".

Antonio Augusto.

(Do n. 4, de 13 de junho de 1931)

A diretora da Escola de Aperfeiçoamento teve a gentileza de mandar um cartão para os alunos do 4.º ano, agradecendo o jornalzinho que nós lhe mandamos.

Ela disse que gostou muito dos artigos que nele escrevemos e pediu que mandassemos para ela, todos os mêses, um numero do nosso jornalzinho.

Ubyratan Vianna.

(Do n. 7, de 31 de outubro de 1931).

Nós, alunos do 4.º ano de d. Maria José, recebemos no dia 16 de outubro, uma carta do senhor aviador Januario Dias Monteiro, com a qual ficamos satisfeitissimos, pois êle nos enviou algumas fotografias importantes da Escola de Aviação Militar e tambem de alguns aparelhos.

Nós desejamos responder-lhe, pois devemos agradecer-lhe muitissimo a sua amabilidade para conosco. Com estas fotografias, vamos formar um lindo quadro, e o colocaremos em nossa Biblioteca Infantil.

Emilia Carrusca (4.º ano "A").

"O NOSSO JORNAL"

(Do n. 7, de 31 de outubro de 1931).

Recebemos ontem um jornalzinho do grupo "Caetano Azeredo", de Belo-Horizonte.

Este jornalzinho é chamado "O Nosso Jornal". Está muito bom; tem muitas historias, desenhos, etc. Quando o nosso jornalzinho sair, nós mandaremos para êles, desejando que êles nos mandem sempre o "O Nosso Jornal".

Antonio Augusto

BIBLIOTECA INFANTIL

(Do n. 4, de 13 de junho de 1931)

A nossa biblioteca vai ficar agora uma beleza. Nós já arranjamos uma sala muito grande e muito bôa.

Vamos arranjá-la muito linda. Os meninos já estão fazendo os banquinhos e nós vamos cobri-los com chitão.

Vamos fazer tambem estantes e cortinas.

O Club de Leitura é que vai tomar conta da biblioteca, zelar a sala e comprar novos livros. Nós estamos todos já muito aflitos para que a sala fique prontinha.

Maria Alice Diniz Barbosa (4.° ano).

BIBLIOTECA INFANTIL

(Do n. 5, de 24 de julho de 1931)

Breve organizaremos aqui no grupo uma festinha para a inauguração da nossa biblioteca. Queremos que seja uma festa mesmo bôa, pois as duas classes do 4.° ano é que vão arranjá-la. Nós já temos trabalhado muito para a biblioteca. Compramos tabuas e já estamos fazendo banquinhos e estantes. Já escrevemos para as livrarias de Belo-Horizonte, pedindo catalogos para comprarmos livros novos.

Mario Baia Viana (4.° ano).

BIBLIOTECA

(Do n. 9, de 25 de abril de 1932)

A nossa biblioteca vai ficar uma beleza. Vamos arranjá-la muito linda. Nós já plantamos tres vasos de folhagens, para que ela fique mais alegre. O 4.° ano do segundo turno está fazendo o mesmo. Vamos tambem bordar toalhinhas bem bonitas para as mesas e cantoneiras. O Club de Leitura vai agora mandar comprar novos livros.

Francisca Maria Reis.

(Do n. 9. de 26 de abril de 1932)

As novas classes do 4.º ano estão muito animadas. Não queremos deixar o jornalzinho e nem a Bibloteca morrerem. Por isso estamos trabalhando com bôa vontade. O jornalzinho foi fundado pelos alunos do 4.º ano de 1931, e será uma vergonha se nós não pudermos continuar. A Biblioteca tambem está bem animada. Nós fazemos nela reuniões muito bôas que todos apreciam muito.

ZELIA UMBELINA (4.º ano).

GRUPO ESCOLAR DE SANTO ANTONIO DO MONTE, 30 DE MAIO DE 1932

Exmo. Snr. Dr. Carlos Campos

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Excia. os resultados do meu trabalho no Grupo Escolar desta cidade, desde a organização das classes até agora. Para realizá-lo tive que enfrentar dificuldades como estas:—

1) — falta de documentos que provassem a idade rial das crianças que, em grande parte, não eram registradas.

2)— a escolha que os pais e as proprias crianças faziam de turnos e professoras.

3)— a recusa, que estas faziam, dos retardados.

4)— a falta de professoras.

O grupo tem atualmente 10 efetivas e foi instalado com a presença de 6. As outras se acham de licença e em goso de ferias, prejudicando assim o funcionamento regular do grupo.

Registro civil— Para solucionar a 1.ª questão, pedi aos pais, pelo jornal local, que apresentassem certidão civil para a matricula dos filhos. Muitos não eram registrados. E como alguns, não poucos, estivessem com menos de sete anos, e outros com mais de 14, os responsaveis por eles começaram a registrá-los, ora aumentando, ora diminuindo-lhes a idade. E si uns o faziam por conveniencia, outros, por ignorar a data do nascimento da criança, e isto me pôs em serios embaraços.

Houve um pai que me levou a certidão de 3 filhos — um deles havia nascido em dezembro de 1919; outro, em fevereiro de 1920. Pensando ser um engano do escrivão, mandei-lhe as certidões para serem retificadas, e ele, então, me enviou a

a nota que o pai lhe havia apresentado, pela qual fizera o registro, sem dar pelo erro. E foi assim que estas crianças ficaram registradas.

Para evitar que tais faltas se reproduzissem, resolvi arranjar com o vigario da freguizia os livros da igreja (1916 a 1925) e por eles consegui a idade exata de quasi todos os meninos matriculados, faltando apenas a de alguns que aqui não forão batizados. Assim pude controlar bem o trabalho dos tests e ainda fornecer indicações aos pais sobre o nascimento dos filhos para que pudessem registrá-los. Muitos não o fizeram, alegando que o decreto estadual 10.133, referente ao Registro Civil, só atingia aos que iam ser matriculados no corrente ano, de modo que as certidões civis que nos foram fornecidas pelo encarregado do registro eram sómente dos já registrados, de alguns que, atendendo ao meu pedido, trataram de satisfazer este dispositivo regulamentar e dos que iam ser matriculados. Devo assinalar que o escrivão do registro civil foi muito exato no cumprimento de seu dever, tirando todas as certidões dos meninos matriculados, conforme a relação que lhe haviamos enviado do grupo, trabalho este feito com prontidão e boa vontade, sem onus para os pais.

Dos que estavam matriculados no grupo em 1931, encontrei alguns com 6 anos; outros, com mais de 16, e 5, idiotas. Estes já se achavam no grupo ha mais de 2 anos e nem os dedos da mão sabiam contar.

Julgando inconveniente a permanencia destas e daquelas crianças no grupo, eliminei-as, tendo antes conversado com os pais. Assim fazendo, houve descrescimo na matricula atual (412), quando em 1931 foi de 523. Em compensação a frequencia dos mêses passados foi de 100 %, 95, 98, quando em 1931 foi de 76 %, 82, 80. E' que muito dos matriculados nem chegaram a ser conhecidos das professoras. Eram crianças de 5 anos ou de 16 a 17, para as quais as aulas não tinham interesse, e delas não quiseram saber.

Fazendo esta exclusão, conservamos ainda os alunos que

tinham 15 para 16 anos. Entretanto, alguns destes tinham uma conduta indesejavel no grupo, faltando ao respeito para com os colegas e as proprias professoras. Compreendendo que tais alunos não podiam ser conservados no grupo, a diretora escreveu aos responsaveis por eles, comunicando-lhes o modo de proceder dos mesmos e pedindo-lhes que os retirassem para o trabalho, onde poderiam aproveitar, já que na escola não o faziam. Foram, então, excluidos em abril 23 alunos, sendo que 4 o foram, porque os pais mudaram de residencia, baixando a matricula a 389, elevando-se depois, com a transferencia, para o grupo, de 11 alunos, sendo que 3 vieram de Belo-Horizonte, 4 do grupo de Itaúna, 2 da escola de Amoras e 1 do grupo de Lagôa da Prata. E', portanto, de 400 a matricula atual do grupo, — 211 masc. e 189 fem.

CRIANÇAS EXAMINADAS

— Foram examinadas, ao instalar o grupo, pelo test de inteligencia e vocabulario do Dr. Simon, 54 crianças novatas; pelo E A, 102 crianças de 1.º ano e 116 de 2.º, e de fins de abril a principio de maio, pelo Dearborn, 103 do 2.º ano, 66 do 3.º e 36 do 4.º, num total de 366 ou 91% dos matriculados.

Destes 219 apresentaram certidão civil; 131, certidão do batismo; 17, informações dos pais, e 2, do proprio aluno.

Sómente de 31 não conseguimos, com exatidão, a data do nascimento.

DIFICULDADES NA APLICAÇÃO DOS TESTS:

1) — a falta da data do nascimento.

2) — a ignorancia das crianças sobre certos dados que os tests pedem — profissão do pai, nacionalidade, nome do grupo, da professora, da classe, escrita da data e até do proprio nome.

3) — a falta de uma pessoa que possa auxiliar-me em classe, na realização deste trabalho, observando as crianças, tomando as suas reações.

4) — classes numerosas em salas apertadas, com carteiras duplas que favorecem as consultas entre as crianças, sendo necessario dividi-las, em turmas, aumentado assim o trabalho da experimentadora e tornando-o mais moroso.

5) — a falta de recursos materiais, a do cronometro, por exemplo, que não poude ainda ser adquirido, porque o ordenado mensal de uma professora não sobra para uma despesa extraordinaria.

6) — a instabilidade e desatenção dos alunos.

Em nossas escolas não se dá atenção ás diferenças individuais. Quer-se que todos estejam quietinhos, interessados pelo que ouvem, atentos ás explicações, sem se dar ao trabalho de predispô-los para os exercicios. Mas as crianças não estão para isto; aquella quietude de antigamente, aquela disciplina formal, conseguida pelo rigor, não se obtem dos alunos de hoje. São na maioria instaveis e desatentos.

Aplicando-lhes os tests, observei nas classes esta desatenção e instabilidade. Observei mais: muitos não compreendem uma ordem que se lhes dá e muito menos a conservam em mente até ao fim do trabalho. Os pedidos de atenção são sempre repetidos, e os alunos estão sempre desatentos; as ordens, sempre esquecidas, e perguntas são sempre formuladas a respeito do que se acaba de dizer, embora estejam avisados de que durante o trabalho (test) não pódem dizer nem perguntar coisa alguma — *é só ouvir e fazer.*

Conversei com as professoras sobre isto, e iniciamos os exercicios sobre ortopedia mental, seguindo as instruções publicadas na «Revista do Ensino», por Mme. Antipoff. Os resultados deste trabalho enviarei depois ao Laboratorio de Psicologia. Posso adiantar que já houve algum progresso sobre este ponto. Aplicando agora o test Dearborn nas classes do 2°., do 3°. e do 4°. ano, pude verificar o que afirmo. Nas classes em que se tem feito o treino de atenção com regularidade, as crianças já sabem «ouvir caladinhos e fazer». Estão mais atenciosas, mais interessadas e melhor disciplinadas.

RESULTADOS DOS TESTS

No inicio das aulas, conforme ficou dito atrás, fiz a aplicação dos tests E A e Dr. Simon, cujos resultados foram enviados ao Laboratorio de Psicologia. De fins de abril a principios de maio, qui experimentar o Dearborn, aplicando-o em 3 classes do 2º. ano, 2 do 3.º e 1 do 4º. Assim pude comparar estas classes, tendo levantado o graphico que envio junto a este. Observa-se nele que as classes que se elevaram mais foram as do 2º. ano do turno da tarde.

De fato são estas as classes que revelam mais vivacidade e inteligencia, conforme minhas observações e as das proprias professoras.

O 4º. e o 3º. ano, sobretudo o 3º. ano da manhã, são constituidos de crianças que teem uma escolaridade muito irregular, (sobre esta fiz uma pesquisa, mandando seus resultados ao Laboratorio), meninos que foram pouco desenvolvidos na escola, aos quais se davam a leitura mecanica, as 4 operações com numeros longos e abstratos, a copia e, as vezes, um ditado, enquanto o desenho, as ciencias naturais, a geografia e a historia, os problemas ficavam á margem e, si eram cuidados, faziam-no por processos aridos, memorizando o que ouviam da professora, sem se tratar de desenvolver o pensamento infantil, o raciocinio, a observação, a linguagem, o julgamento, etc.

Os alunos do 3º. e do 4º. ano sofrem destas deficiencias reveladas pelo test Dearborn, que exige dos experimentados inteligencia e observação.

Comparando os resultados dos tests com as observações das professoras, cheguei á conclusão de que estas confundem o bom aluno, o aluno que sabe ler mecanicamente, que tem boa caligrafia, que faz um ditado sem muitos erros, com o inteligente. Daí as divergencias que se notam entre o que elas acham e o que os tests dizem.

Segundo as observações das professoras, ha em nossa escola os seguintes grupos de alunos:—

Alunos muito inteligentes	—	19
» inteligentes	—	154
» de inteligencia regular	—	67
» pouco inteligentes	—	115
» não inteligentes	—	36
» nada »	—	3

Abrangendo num relance essa distribuição das crianças segundo o gráu de sua inteligencia julgada pelos mestres, aí percebemos imediatamente uma desproporção inteiramente anormal entre o numero de crianças medias e as de inteligencia melhor ou mais fraca.

As cousas não se passam geralmente assim: pelo contrario, os gráus medios de não importa que carater fisico, social ou psiquico são mais frequentes nas crianças não selecionado, do que nas que se afastam da media.

A anormalidade que constatamos neste quadro pode ter tres explicações possiveis: 1.º) que as crianças não representam a população de nosso grupo escolar, mas que uma categoria de crianças — as médias — foram excluidas do julgamento; 2.º) que nossas crianças são de origem muito diferente e que, entre elas, temos um tipo de crianças inteligentes e um outro e pouco inteligentes; 3.º) afinal, que os julgamentos dos professores não são suficientemente objetivos e que entre as crianças temos um grupo que julga de maneira mais severa que a outra.

Vejamos o resultado de nossos tests. Si uma das duas primeiras hipoteses, por mais inverossimeis que pareçam, é certa, os tests não deixarão de prová-lo a seu turno. Mas, si a distribuição dos quocientes intelectuais tiver um carater mais ou menos normal, é que a terceira das nossas suposições será a mais provavel.

Sobre as 266 crianças examinadas pelos tests Simon e Dearborn e julgadas ao mesmo tempo pelos professores, eis aqui quais são as duas distribuições dos gráus de inteligencia dos nossos escolares:

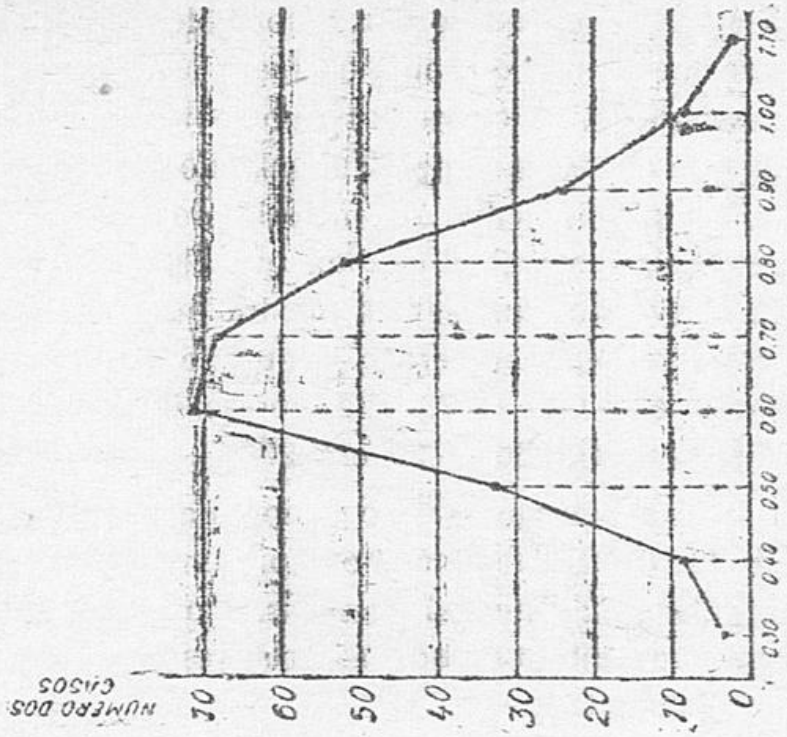


Grafico 1. Distribuido dos quocientes intelectuais

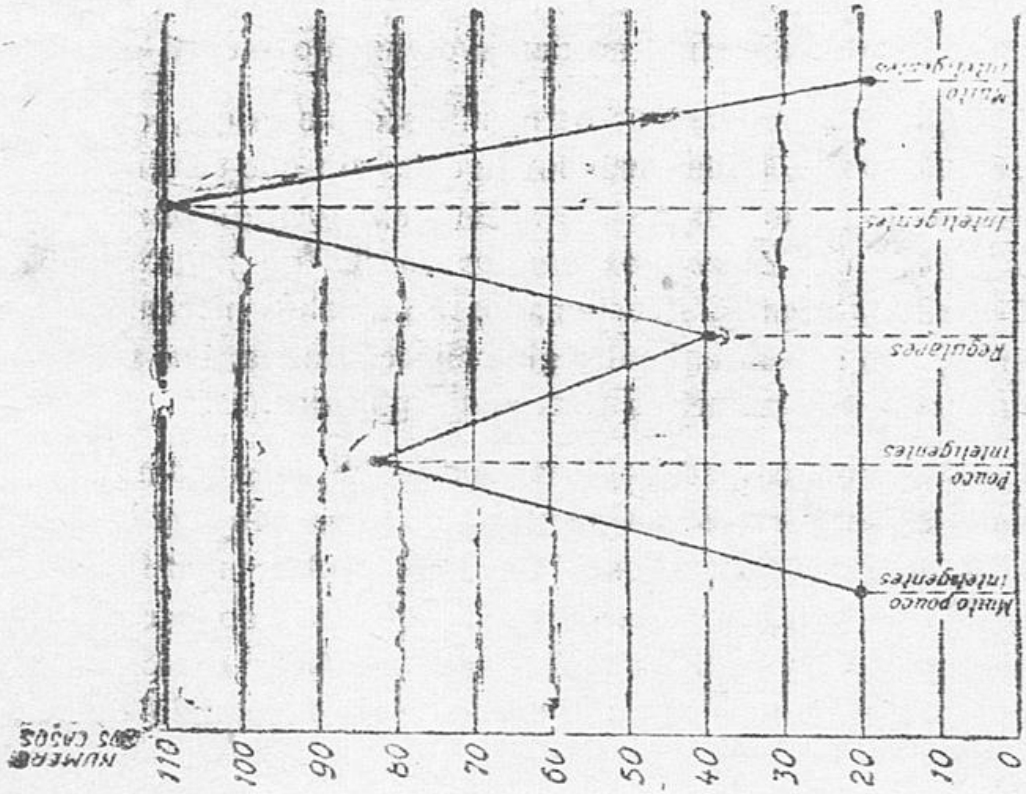


Grafico 2. Inteligencia das crianças julgada pelos professo es

Transcrevendo esses dois quadros em curvas de frequencia, percebemos que o dos quocientes intelectuais é muito mais conforme com o que nos ensinam as leis das variações bio-socio-psiquicas. A curva dos quocientes revela o fenomeno normal que não vemos pelo julgamento dos mestres; a concentração, na parte média, da maioria dos casos e uma diminuição tanto mais sensivel, á medida que êles se distanciam do centro. Esta curva dos quocientes mostra que temos um grupo de crianças — o mais numeroso — que se aglomerou em torno dos quocientes 0,60 — 0,70. Ele representa cerca da metade dos escolares examinados (139 em 266).

Ele ocupa ao mesmo tempo um lugar mediano na serie e deve ser considerado como representando a inteligencia comum e regular entre nossas crianças. Dos dois lados achamos, em quantidade muito menor, as crianças mais inteligentes e as menos inteligentes.

A comparação de nossos quocientes intelectuais com os dos escolares regulares de Belo-Horizonte obriga-nos a concluir que os escolares de nosso grupo lhes são consideravelmente inferiores quanto ao desenvolvimento mental geral.

Quero acreditar que os meninos deste grupo, que se mostram tão vivos, sejam mais inteligentes do que se têm revelado, e o seu fracasso nos tests o atribuo *em grande parte, á falta de treino em exercicios que os levem ao pensamento e á observação atenta*. Acostumados a trabalhos mecanicos e rotineiros, não sabem enfrentar uma situação nova. Daí o insucesso verificado nos primeiros tests aqui aplicados.

Mesmo os pedagogicos que tenho feito com eles para medir e comparar o progresso das classes não têm dado resultados muito satisfatorios. Por isso, tenho intensificado este trabalho, e tambem as professoras que ficam ao par dos resultados por mim obtidos têm procurado fazer exercicios sobre questões já estudadas, aplicando-as sob o dominio do relogio e adotando uma técnica rigorosa. Espero que mais adiante os

alunos deste grupo possam revelar-se melhor através dos tests, dado o interesse que as professoras vão tomando pelo desenvolvimento de suas classes.

COMPOSIÇÃO DAS CLASSES NO MÊS DE MAIO (1º TURNO)

CLASSES	TOTAL	MASC.	FEM.	QUOCIENTES INT.	MÉDIA
4.º ano	38	20	18	104 a 48	68
3.º »	34	18	16	85 a 51	68
2.º »	38	20	18	80 a 46	63
1.º »	34	22	12	67 a 61 e 5 a	9,5
1.º »	26	15	11	0 pontos (E A)	57 e 2,8

COMPOSIÇÃO DAS CLASSES (2.º TURNO)

CLASSES	TOTAL	MASC.	FEM.	QUOCIENTES INT.	MÉDIA
3.º ano	40	17	23	110 a 53	76
2.º »	42	22	20	104 a 70	79
2.º A	42	29	13	102 a 74	80
1.º » A	36	15	21	107 a 76 e 20 a 0 (E A)	85 e 1/2
1.º » B	36	14	22	91 a 67 e 38 a 4 (E A)	76 e 14,4
1.º » C	34	19	15	69 a 45 e 6,5 a 0 (E A)	60 e 2

OBSERVAÇÃO

Um outro fator que tem sido considerado na organisação das classes é a idade cronologica, porque julgamos bastante inconveniente introduzir no meio de crianças menores, alunos de mais idade, mórmente em um meio como o nosso em que as crianças maiores têm experiencias que não devem ser conhecidas de meninos pequenos. Sempre que temos necessidade de sacrificar ou a idade cronologica ou a mental, damos preferencia a esta.

ENSINO DA LINGUA PATRIA

Na classe do primeiro ano que está sob a minha responsabilidade está sendo adotado o metodo global que, tendo por

base a percepção sincretica da criança, é o mais preconizado pelos novos pedagogos. Para aplicá-lo, foi preparado um material que favorecesse a interpretação, o gráu de reconhecimento e a extensão de percepção. Historias bem dinamicas, tiradas do livro que esteve em experimentação na classe do 1.º ano primario da Escola de Aperfeiçoamento, são escritas em cartazes ilustrados com desenhos e apresentados á classe. Acompanham os cartazes as fichas com as sentenças da mesma historia. O 1.º cartaz foi apresentado em 29 de fevereiro.

Uma explicação se faz aqui necessaria: — Do dia 1.º a 20 do referido mês, estive ocupada na organização das classes, trabalho que dependia dos tests e que foi moroso, pela dificuldade que experimentei em encontrar as idades exatas.

Formadas as classes, dediquei a minha primeira semana (21 a 28) em preparar crianças para o trabalho a ser iniciado. Procurei desenvolver-lhes a linguagem, treinar-lhes o pensamento, aumentar-lhes o vocabulario, valendo-me das experiencias que traziam de casa, excursões que realizavam, gravuras apresentadas, palestras animadas sobre a sua vida e interesses. Bem estimuladas para a leitura se mostravam as crianças, quando lhes foi apresentado o 1.º cartaz (dia 29). Interessaram-se muito pelo que viram. Falaram sobre a gravura com animação e entusiasmo. Conversei com elas sobre o desenho, procurando desenvolver-lhes a observação e dar-lhes o conhecimento das côres que não eram conhecidas pela maioria da classe. Logo me pediram que lêsse o que estava escrito ali, para élas ouvirem, o que foi feito debaixo de um respeitoso silencio... A historia ouvida foi por elas dramatizada e lida por mais duas vezes. No dia seguinte, antes do inicio das aulas, entrando na sala do 1.º ano, fui encontrar todas as crianças em frente do cartaz, procurando recordar a lição. Cada uma dizia uma coisa, ás vezes certo, ás vezes errado, mas todas falavam e mostravam desejosas de aprender. Neste dia foram apresentadas as sentenças cuja fixação foi feita em um periodo de 8 dias para a maioria da classe. A fixação das palavras foi mais demorada.

Só em *29 de março*, um mês depois, foi apresentado o 2.º cartaz, que alcançou das crianças interesse crescente.

A aprendizagem deste foi um pouquinho mais rapida. Em *23 de abril* pudemos apresentar o 3.º, em que já reconheciam algumas palavras, com grande contentamento. Reconheceram as sentenças após 2 dias de exercicios, e a fixação das palavras se fez em 6 dias. Nesta lição entramos na decomposição das palavras em silabas e na formação de palavras novas que ficam registradas em um grande cartaz, á frente da classe, com o nome de quem *as inventou*.

A 4.ª lição foi levada á classe *em 9 de maio*, e no dia 13 já as crianças leram para mim todas as sentenças e palavras destacadas em fixas.

Estamos agora na 5.ª lição, que foi apresentada em *24 deste*. A matricula da classe é de 36. O quociente intelectual destes alunos varia de 76 a 107. Destes 26 têm aprendido bem, já reconhecem as (83) palavras das 5 lições apresentadas, 21 que encontraram no material suplementar e 34 palavras novas, num total de 138.

A fixação das palavras e silabas tem sido feita por meio de jogos simples (valores 1 e 2). Ha grande quantidade de fichas para estes jogos, as quais a professora tem feito com grande cuidado.

Leitura do 2.º, do 3.º e do 4.º ano: — Na primeira destas classes tenho recomendado muito a leitura silenciosa. O material utilizado pelas professoras é o seguinte: — Livros da Bibliotéca, "Tico-Tico", historias que eles proprios cortam em jornais. Lêem silenciosamente e depois contam ou lêem em voz alta, para os colegas ouvirem, o pedaço que mais lhes agradou. Ha interesse da classe, que faz a apreciação sobre a leitura e o trecho lido. Reclamam os pequenos, sempre, trechos novos. Quando um aluno lê alguma coisa conhecida, dizem logo: — "Este trecho já foi lido aqui".

Uma dificuldade experimentam as professoras destas classes e que não foi ainda resolvida — nem todos que preparam,

suas lições (classe de 42 alunos) podem ser atendidos diariamente. Daí o descontentamento de alguns, descontentamento este que, receio, póde levá-los ao desinteresse. Para evitar que tal aconteça, recomendo ás professoras que os não atendidos hoje em leitura devem ser contemplados em outra disciplina, para que todos trabalhem e dêem sua colaboração em classe, sentido que são elementos de valor na pequena sociedade em que vivem.

Duas vezes por semana, em livros adotados pela professora, faz-se a leitura para correção de pronuncia, pontuação, etc., sendo o trecho marcado préviamente e preparado pelas crianças em casa.

No 3.º e 4.º ano tem-se dado tambem mais tempo para a leitura silenciosa. Colhendo informações sobre geografia, historias e ciencias, fazem seus exercícios de leitura, que é controlada pela contribuições que apresentam em classe e pelas informações colecionadas.

A's vezes lêem historias e fazem um resumo e apreciação das mesmas para os cartões relatorios.

A leitura oral é feita na sala, para correção dos defeitos de pronuncia e pontuação e para julgar a leitura dos alunos que ainda não fazem parte do clube de leitura. Nas sessões do clube, que funciona semanalmente, ha tambem oportunidades para a leitura oral.

A bibliotéca, já bastante desenvolvida, (possue 329 volumes, sendo 265 de literatura e 64 de informação) é regularmente confortavel, tem sido um auxiliar poderoso das professoras no ensino da lingua patria.

ESCRITA

— Junto com a leitura vai a escrita. No primeiro ano em que trabalho adotei o tipo manuscrito. Para motivá-la nesta classe, organizei um album e disse ás crianças: — "Quero ter neste livro tudo quanto vocês escreveram muito bonito e muito limpo". A cada um de vocês vou dar uma folha deste livro.

Vamos ver quem vai enchê-la primeiro. A primeira coisa que vocês devem escrever para ser pregado aqui, é o nome de vocês. Querem escrevê-lo?" Todos se interessaram pelo trabalho, interesse que vai crescendo sempre, á medida que mais um cartãozinho é pregado na pagina. Apenas sete não escrevem ainda seus nomes e sobrenomes com letra legivel. A maior parte já o faz bem e já adquiriu a ortografia de muitas palavras da leitura, do nome do grupo, do país, da cidade, da classe e da professora. Tudo isto é feito com um fim — pregar nas paginas de seu livro, para enchê-las o mais depressa possivel. Ha poucos dias, indo á classe do 1.º ano, disse-lhes: — Desejava saber quem já escreve maior numero de palavras, nesta classe. Ao que respondiam: "Eu, D. Maria, eu!"

Assim motivei o exercicio que envio junto a este, realizado no prazo de 15, e que já diz alguma coisa do progresso dos alunos novatos deste grupo.

Nas outras classes recomendo muito que não dêem copia sem um motivo. Ha professoras que sentem dificuldade em arranjar um pretexto para esta atividade, ao passo que outras sabem melhor aproveitar as oportunidades que surgem na classe para a caligrafia. O programa de uma festinha de aniversario, os cartões e cartas a serem enviados, os programas dos clubes de leitura, os cartões-relatorios, copias de problemas que desejo dar em outra classe etc. são atividades que se fazem á hora da escrita. As copias são julgadas pelos alunos, e a melhor, levada ao seu destino.

Todos se interessam pelo trabalho e tem havido, para uma bôa parte de alunos, grande progresso na escrita, que se vai tornando mais legivel, precisa e limpa.

COMPOSIÇÃO: Tem sido esta parte mais dificil do meu trabalho. Geralmente os meninos daqui falam e escrevem muito mal. Embora tenhamos sempre ocasiões para a composição ocasiões estas que são sempre aproveitadas, o progreseo dos alunos na composição é, julgo eu, insignificantemente. Da ins-

talação do grupo até agora os alunos do 4º. ano tiveram oportunidade para fazerem as seguintes composições:

1) Carta de pesames a uma sra. que perdeu um filho, irmão de um aluno do grupo.

2) Idem, visitando a professora da classe, que se achava doente.

3) Idem, cumprimentando uma professora do grupo pelo seu aniversario.

4) Idem, a um colega que estava faltando as aulas, sem justificativa.

5) Idem, agradecendo uma poesia que os alunos do 3º. ano lhes haviam mandado.

6) Idem, comunicando á professora Erilda Celia Pereira, que tinha escolhido o seu nome para patrocinar a biblioteca infantil.

7) Idem, á mesma professora, agradecendo os livros e os vasos que ela oferecera á biblioteca.

8) Idem, ás pessôas desta localidade que moram fóra, pedindo um livrinho para a biblioteca.

9) Idem, ao presidente do «Rotary-Club», pedindo-lhe que, na distribuição, que vai fazer de livros com os grupos do Estado, não se esqueça do nosso.

10) Idem, ao vigario da freguezia, convidando-o para benzer um quadro que foi oferecido á biblioteca.

11) Idem, ao presidente do Rotary, agradecendo a oferta valiosa (80 volumes) que fizera á biblioteca.

12) Idem, a uma professora, visitando-a por motivo de doença.

13) Cartão ás professoras das classes do 2º. turno, convidando-as e seus alunos, para assistirem o auditorio.

14) Cartões relatorios sobre historias lidas em casa ou na biblioteca.

15) Elaboração do regulamento da biblioteca infantil (trabalho coletivo).

16) Elaboração dos estatutos do club de leitura (trabalho coletivo).

17) Convite aos pais para assistirem á instalação dos clubs.

18) Composição de uma historia empregando as palavras -- orfão, floresta e tempestade.

Sempre que um colega faz anos, um grupo é encarregado de fazer uma saudação ao aniversariante. Neste sentido têm-se escrito até versinhos. Mas nestes trabalhos de composição cometem muito erros, e noto que ha reincidencia nas faltas. Entretanto, as professoras, têm todo o cuidado (falo das classes em que trabalho) em assinalá-los, corrigindo-os á vista das crianças que os registram em seus cadernos de erros. As faltas de hoje se reproduzem amanhã e assim sucessivamente, trazendo, a nós, professoras, embaraço na solução do problema.

As classes do 3º. e do 2º. ano tambem têm tido as suas atividades, em aulas de lingua patria.

Por estas foram feitas, dentre outras, as seguintes composições:

1) Carta a um menino do 3º. ano do grupo Barão do Rio Branco, agradecendo a oferta, que fez a caixa escolar do nosso grupo, de 10$000.

2) Idem á diretora, visitando-a por motivo de doença.

3) Idem, a um colega que fez anos e não compareceu ao grupo.

4) Convites aos alunos do outro turno, para assistirem ás comemorações de aniversarios.

5) Saudações aos colegas pela passagem de seus aniversarios.

6) Historia inventada á vista de uma gravura.

7) Cartões-relatorios.

8) Cartão a um colega que se acha doente.

Noto tambem aqui as mesmas falhas, numerosas e repetidas, chegando a pensar que, sem um exercicio formal sobre

os erros cometidos, estes não diminuirão. Que me aconselha a professora de metodologia da lingua, neste caso?

ARITMETICA

As apredizagens em aritmetica têm sido feitas de acordo com as experiencias infantis. Por meio de problemas riais temos ensinado as 4 operações e calculos sobre juros. Este ponto foi motivado no 4º. ano, quando tratamos da organização da *loja escolar*, com o fim de termos uma fonte de material, para ilustrar as aulas de aritmetica. A idéia da loja foi comunicada às crianças, que manifestaram interesse pelo trabalho cujo resultado seria destinado á caixa escolar. Recebendo a fatura das compras realizadas para a loja, apresentei-a aos alunos do 4º. ano, dizendo-lhes que precisavamos ter uma tabela de preço, pela qual os alunos deviam guiar-se ao efetuar as vendas. Falei-lhes da porcentagem que iamos ganhar (20°/₀) e, colaborando com eles, fizemos o calculo dos preços dos diferente objetos da loja. Passamos depois a outras fontes de material, com fim de fazermos calculos sobre porcentagem ainda. As tabelas de preços dos comerciantes, balancete da caixa escolar e Prefeitura, frequencia escolar, etc., forneceram dados para varios problemas sobre porcentagem.

Associando depois esta aprendizagem a juros, passamos a tratar deste assunto, durante o qual os alunos efetuaram inumeros problemas, valendo-se de documentos reais, como: promissorias, cadernetas de bancos, créditos, etc., sem empregar formulas, nem citar regras.

Como meio de verificação, fizemos, no fim um test de 10 problemas, cujos resultados foram bastante animadores. Fizeram os calculos com rapidez e exatidão.

Iniciamos, então, o estudo das frações decimais, das quais já — tinhamos tratado, em juros e percentagem, quando nos referiamos á taxa ou ao tempo (8, 5 °/₀, 6, anos 5).

Antes, porem, de iniciar o estudo sobre juros, quis conhecer o progresso dos alunos do 3.º e do 4.º ano, em aritime-

tica, aplicando-lhes os «*15 problemas do Dr. Simon*». Notei que uma parte errava nas operações. Aplique-lhes, então, as 4 operaçõesde Claparède, mostrando-se fraquissimos em multiplicação e divisão. Apresentei o resultado ás professoras, tendo-lhes recomendado um treino muito intenso sobre as combinações aritimeticas, por meio das fichas que para tal fim havia preparado. Este drill tem sido frequente e variado. Quero, no fim do, semestre, fazer uma verificação do progresso alcançado.

Nas classes do 1.° e do 2.° ano este ensino se vai fazendo mais suavemente, por haver menos habitos a combater, sobretudo o da contagem nos dedos. Estas classes já venceram a 1.ª, a 2.ª e a 3.ª etapa da soma, e estão sendo exercitadas tambem em subtração, tendo este ensino sido iniciado por meio de problemas variados e vitais. Devo explicar que o ensino da artimetica na classe do 2.° ano vai paralelo ao da classe do 1.°, tais eram as deficiencias que aquela apresentava nestas reuiões, uma exposição sobre a metereologia das 4 operações, já me tendo referido á da soma, subtração e multiplicação.

GEOGRAFIA, HISTORIA E CIENCIAS NATURAIS

Não, me canso de recomendar ás professoras interesse para com estas ciencias, que devem ser ensinadas associadamente, para que umas auxiliem as outras, integralizando-se o ensino, tornando-o mais vivo e interessante. Combato o ensino livresco, as preleções, as decorações, de pontos. Aconselho, como metodo vantajoso, o *de guiar as crianças na elaboração de problemas que serão resolvidos por elas proprias com o auxilio da professora*, valendo-se das informações encontradas em livros que esta lhes deve indicar. Mas as crianças reclamam pontos para estudarem e mesmo, as professoras acham dificuldades em adotar este metodo e, parece-me, descrêm da sua eficiencia. Preferem fazer suas explicações que são ouvidas pelos alunos, seguindo-se um comentario sobre as mesmas. Só a professora do 4.° ano tem procurado guiar os alunos em buscar informações sobre o assunto

a estudar, formulando eles proprios os problemas que querem resolver.

Começaram este estudo pelo Japão, o qual foi motivado por uma leitura feita no «Minas» sobre o conflito Sino-Japonês, em seguida á qual formularam as que se seguem e que foram por eles resolvidas: —

1) Qual é a capital do Japão?
2) Qual é a sua população?
3) Quais são as suas melhores cidades?
4) Quais os limites do Japão?
5) Onde fica o Japão?
6) Onde fica a China?
7) Quantos habitantes tem a China?
8) Qual é capital da China?
9) Quais as melhores cidades da China?
10) Qual é a produção da China?
11) E do Japão?
12) Qual é o imperador da China?
13) E do Japão?
14) Qual é a melhor estrada de ferro da China?
15) E do Japão?
16) Quantas estradas de ferro tem a China?
17) E o Japão?
18) Quais são os seus principais meios de transporte?
19) Qual é o principal rio do Japão?
20) E da China?
21) O Japão é banhado por que oceano?
22) E a China?
23) Está bem desenvolvido o ensino no Japão?
24) E na China?
25) Como são os custumes Japonesês?
26) E os da China?
27) Qual é a religião do Japão?
28) E da China?

29) O comercio japonês. Com que paises é feito? Com o Brasil?

30) E a industria esta muito desenvolvida no Japão?

31) E na China?

32) Porque começou a guerra atual?

33) Qual destes dois paises poderá mais?

Foram copiadas na mesma ordem e tal como foram formuladas pelas crianças.

Para solução destas questões indicamos aos alunos os seguintes livros:—

Tesouro da Juventude—volumes — I, V, IX, X, XI e XVIII.
Geografia elementar — Delgado de Carvalho.
Geografia geral — Veiga Cabral.
Geografia comercial — Lindolfo Xavier.

Durante este estudo associado da China e o Japão, o qual se estendeu a outros paises da Asia, ás colonias inglezas (Indias), associando a este, a descoberta do Brasil, independencia e imperio brasileiro, observei que os alunos da classe iam adquirindo o habito de *consultar livros, trabalhar em grupos, ler silenciosamente, melhorando em cooperação, sociabilidade e disciplina.*

Tiveram muitas oportunidades para a leitura informativa (jornais, Tesouro da Juventude e Geografias) como tambem para a recreativa (contos chinêses e japonêses, lendas e poesias.) A redação se fazia ao mesmo tempo em que se procuravam as informações. Trabalhos manuais foram executados com o fim de enfeitar a sala para o auditorio. Realizaram-se desenhos das bandeiras chinêsa e japonêsa e ainda de crisantemos, as flores prediletas deste povo. Estudaram os pontos de historia do Brasil, já citados anteriormente, e sempre que nas leituras se apresentavam os algarismos, eram aproveitados para a elaboração de problemas. Em uma noticia do «Minas-Gerais» souberam do numero de mortos japonêses em um combate. Estavam estudando percentagem, e esta noticia levou

os alunos a procurarem a população do país, para verem aquele numero a quantos por cento correspondia.

Outra noticia falava das despezas já efetuadas com a guerra Estas despezas vinham representadas em dolares, o que os levou a indagar o valor desta moeda, para saberem a quanto montava aquela quantia em dinheiro brasileiro. A produção, superficie, população da China e do Japão deram motivos a problemas variados. Enfim esta unidade de trabalho proporcionou em classe varias atividades e ainda serviu de motivo para a introdução do estudo sobre a Inglaterra e suas possessões, o qual se faz atualmente.

Mas, antes de passarmos ao continente europeu, fizemos uma verificação do estudo feito relativamente aos paises da Asia, aplicando na classe um test e encerrando este projeto com um auditorio a que eles denominaram festa japonêsa e na qual fizeram uma palestra bastante animada sobre o que haviam aprendido.

SOCIALIZAÇÃO E INSTITUIÇÕES ESCOLARES

BIBLIOTECA «DR. FRANCISCO CAMPOS»

E' uma das instituições escolares do nosso grupo. Foi fundada por incentivo do seu patrono, quando aqui esteve em abril de 1929. Possue 230 volumes. *Infelizmente são pouco consultados.*

Como se achava organisada, não era possivel conhecer o movimento da biblioteca no ano passado. Os livros eram retirados por pessoas do grupo ou estranhos a ele, podendo ficar em poder do retirante por um tempo indeterminado, sem que no grupo ficasse um documento que provasse o paradeiro do livro. Resultado: — perda de alguns volumes (6) e falta de indicações sobre o movimento da biblioteca.

Para evitar estas irregularidades, coloquei em todos os livros uma ficha onde a professora deve deixar o seu nome e a data em que retirou o livro, tendo antes os registrado

em um caderno, colocando-os na estante pela ordem de assunto. Tenho a acrescentar que neste 1.º trimestre a nossa biblioteca foi pouco visitada. Apenas 15 livros foram consultados e sempre pelas mesmas professoras (3). Entretanto está bem aparelhada, possuindo bons livros de informação, muitos volumes pedagagicos e obras literarias dos melhores escritores nacionais.

Disponha o nosso professorado um pouco de seu tempo aos livros e encontrará otimo material para ilustrar as suas lições e conhecimentos valiosos relativos á psicologia infantil, aos metodos e processos de ensino

BIBLIOTECA INFANTIL

Em 1929 foi instalada no Grupo a biblioteca infantil. No correr do ano passado teve o amparo da professora Erilda Celia Pereira e progrediu bastante. Contava, quando entrei para o grupo, 166 volumes, sendo que uma parte pertencia aos alunos do 3.º ano, sob a regencia daquela professora e a outra aos do 4.º ano. Como se tornava mais dificil e dispendioso a instalação de uma biblioteca em cada classe, propuz aos alunos a organização de uma só para todo o grupo, sendo a minha sugestão aceita, ficando o 4.º ano encarregado de organizá-la, contando com o auxilio do 3.º. Escolhida a sala em que devia funcionar a biblioteca, preocuparam as crianças com a sua denominação, tendo alguns sugerido o nome «Erilda Celia Pereira», em homenagem á professora que os auxiliara tanto no ano passado, para que tivessem a ventura de possuir alguns livros com que pudessem distrair-se nas horas vagas. A proposta foi unanimemente aceita pelos alunos do 3.º e 4.º anos e levada ao conhecimento da homenageada por meio de uma cartinha que os alunos desta classe fizeram com muito interesse.

Trataram depois de formar o regulamento da sua instituição, afixando-o na sala em que se acha instalada e de escolher dentre os colegas um bibliotecario. Muitas outras atividades foram desenvolvidas na reorganização da biblioteca: havia varios livros estragados que foram colados na hora de trabalhos manuais e encapados pelos alunos. Foram catalogados pelo bibliotecario e colocadas, nos mesmos, as fixas em que os alunos deixam suas assinaturas ao retirarem os titros. Diariamente duas das classes do 2.°, 3.° e 4.° anos os retiram para lerem em casa.

Recebendo da professora Erilda Celia Pereira 2 livros e 2 vasos para a biblioteca, cuidaram logo de escrever-lhe uma carta agradecendo.

Pensaram depois em aumentar o numero de volumes da biblioteca, lembrando-se para isto de escrever uma carta ás pessoas desta cidade que residem fóra, pedindo-lhes um livrinho. Algumas atenderam-lhes o pedido, send o 106 e numero de livros recebidos. O prazer que experimentam ao receber um registrado é visivel. Aos offertantes têm todo o cuidado em mandar cartinhas de agradecimentos, escritas sempre com verdadeiro carinho.

Alguns alunos do 4.° ano estão fazendo um album de historias para a biblioteca. Procuram sempre cortar as que vêm publicadas no «Minas» por Juscelino Barbosa. Um dia em que estavam á procura de uma historia, deram com a noticia de que Rotary Club estava distribuindo livros com as bibliotecas infantis. Mostrando-me esta noticia, expliquei-lhes o que era o Rotary e perguntei-lhes o que deviam fazer. Logo responderam-me: Escrever ao Clube, pedindo-lhe que não se esqueça do nosso grupo. A carta foi escrita e enviada, tendo merecido do sr. presidente, uma resposta muito atenciosa em que prometia mandar, no prazo de 15 dias, a encomenda feita. Não foi pequeno o contentamento das crianças ao ouvir a leitura da simpatica missiva e maior ainda o que experimentaram, ao receber os 80 volumes que o Rotary lhes enviara.

Para tornar a sala da biblioteca mais confortavel, resolvemos arranjar cadeirinhas que pudessem ser facilmente transportadas pelas crianças. Aproveitamos para isto algumas carteiras bastante estragadas que existiam no grupo, tendo sido feitas 40 cadeiras e 10 mesas. As despesas com o carpinteiro foram pagas pelos pais que o fizeram de boa vontade.

As crianças gostaram tanto das cadeirinhas e mesas que resolvemos mandar fazer mais 40 cadeirinhas para a classe do 1°. ano novato, ficando as mães encarregadas de pagar as despesas. Para dar á sala da bibjioteca um aspecto agradavel, não faltam gravuras, vasos, flores que tornam um centro de atração dos pequeninos estudantes.

CLUBS DE LEITURA

Organizada a biblioteca interessaram as crianças pelos clubes de leitura. Já no ano passado haviam funcionado, fazendo parte deles todos os alunos do 3°. e 4°. anos. Mas si para nós, um dos objetivos do clube é melhorar a leitura dos alunos, só devem fazer parte do mesmo, os que lêm bem, servindo assim de estimulo aos que não o fazem ainda.

Querendo corrigir esta falta, propuz aos alunos, a seguinte questão: «Qualquer pessoa póde ler para outro ouvir? (Estavamos em aula de leitura). Ao que alguns responderam que não e se explicaram: «Só quem lê alto com pontuação, *sem gagueijar*, pode ler para outro ouvir».

Aproveitando da opportunidade levei-os a compreender o que é uma boa leitura e a responsabilidade que uma pessoa assume, ao se encarregar de ler um trecho para um auditorio afim de mantel-o sempre atento e satisfeito. Chegaram á conclusão de que nem todos os colegas podiam ler em uma sessão do club.

Passaram então a fazer a apreciação das leitoras ouvidas, afim de escolherem os que podiam entrar agora para a associação a se instalar.

A principio só diziam isto da leitura dos companheiros:— Boa ou então ruim. Si a professora lhes perguntava o porque ouficavam calados ou diziam, porque leu parando, porque leu gagueijando.

Hoje já sabem apreciar melhor o trecho ouvido:—Não está boa porque não compreendi, diz um. Errou nestas e naquelas palavras (cita-as) Leu assim (imitando) e devia ser assim. Não deu a pontuação direito, por isso, não compreendemos.—Isto é versos, devia ler com mais expressão. Enfim as apreciações agora já são bastante variadas, feitas com mais vida e entusiasmo.

Foram escolhidos com rigor os que podiam ser aceitos como socios: 4.º ano—30; 3º. ano, 24; 2º. ano, 26.

Fizeram em seguida a eleição das diretorias e trataram de escolher os nomes para os clubs. Depois de algumas discussões apresentaram-me os nomes seguintes:

«Rui Barbosa», para o do 4º. anno.

«Professor Campos», para o 3º. em homenagem a um ex-professor deste grupo.

«Tiradentes», para o do 3º do 2.º turno.

Os estatutos foram feitos em conjunto, sendo aproveitadas todas as sugestões dos alunos e a instalação se realizou tambem no mesmo dia, porque o disseram eles:—«Queremos fazer uma bôa festa».

Mandaram convites aos pais, acompanhados de um programa e trabalharam muito para o bom exito da mesma.

AUDITORIO

Foi com o auditorio que tive a maior das dificuldadas a a vencer. As crianças não gostavam do auditorio. Tanto assim que quando lhes falei para organizarmos um, alguns disseram: —«No dia eu não venho». Para evitar que isto acontecesse, deixei de falar-lhes em auditorio, mas animava-os sempre a comemorar os aniversarios dos colegas.

Começaram a fazer as festinhas de aniversarios—uma saudação ao anniversariante, algumas poesias, historias lidas ou contadas, charadas, algumas perguntas sobre a geografia dirigidas aos colegas e convidados, constituiam os programas de festas destas comemorações.

Para assistir ás mesmas, convidavam as outras classes e realizavam-nas dentro do horario escolar. Depois de muitas destas festinhas, fiz-os ver que o auditorio era aquilo que estavam fazendo sempre e pudemos, então, realizar o primeiro no 4.º ano, sem que as crianças mostrassem contrariadas por isso. Trabalharam muito e ficaram contentes com o sucesso obtido. Todas as classes do 1.º turno puderam assistir á sessão.

Organizaram a sala de modo que houvesse lugar para todos. Circularam-na de carteiras, colocando no centro as cadeirinhas. As classes do 2.º turno que foram tambem convidadas, mandaram representantes. O resultado deste trabalho trouxe-me um grande conforto: as crianças das outras classes ficaram muito entusiasmadas e estão aflitas para fazerem tambem um auditorio, para o qual 5 já estão se preparando.

Explicaram-me depois, porque não o queriam: "Os outros demoravam muito, nós ficavamos em pé, formados lá no pateo, num sol muito quente, como haviamos de gostar? Além disso eram aulas como as de todos os dias.

HORAS DE HISTORIAS

Já consegui organiza-las em 5 classes, 3 de primeiro ano e 2 de 2.º, tendo aconselhado ás professoras a faze-las duas vezes por semana, organizando o programa com antecedencia, afim de que os que se inscreverem para contar ou ler historias, tenham tempo de preparal-as bem.

REUNIÕES DE QUINTA-FEIRA

Semanalmente temos feitos estas reuniões com frequencia regular do professorado. Realiza-se á noite, das 7 ás 9, havendo

por estas ocasiões trocas de idéas entre as professoras e leitura de um trecho escolhido e preparado com antecedencia por uma de minhas colegas. Damos preferencia á "Revista do Ensino".

As irregularidades e mal entendidos da semana e dificuldades encontradas fazem parte da materia a ser discutida nestas reuniões em que proveito para fazer exposição de alguns pontos de metodologia, sobretudo da lingua patria e aritmetica. Já me referi ao metodo de leitura e escrita, ás historias lidas, contadas e inventadas, á composição e suas fontes de material, processos de correção, dramatisações, sua organização e valores, bem como á metodologia dos problemas e das operações — soma, subtração e multiplicação.

CONCLUSÃO

Antes de concluir o meu relatorio, devo acrescentar que o meu interesse pelo desenvolvimento do grupo se estende tambem á parte fisica, embora esta seja mais da alçada da diretora e corpo administrativo. Tenho aconselhado ás professoras a cuidarem do ambiente de suas salas, procurando torná-lo mais alegre e sugestivo.

Estou certa de que muito poderei obter ainda, visto contar com a simpatia de minhas colegas, com a lhaneza de trato da diretora e com o concurso valioso das 4 professoras que regem as classes que se acham sobre a minha responsabilidade, Olga Ferreira, Geny Maria do Carmo, Zilá Veneroso e Dinorá Melo, sendo que as duas primeiras começaram a trabalhar neste ano, e, embora estejam como substitutas, têm-me prestado um grande auxilio e um serviço eficiente aos educandos desta cidade. Estas 4 professoras estão sempre prontas para qualquer trabalho, dentro ou fóra do horario escolar. E assim, aos poucos, iremos transformando a escola fria e rigida de hoje, em uma oficina de trabalho intenso e vivificante. Projetos que tenho em mente para este trimestre: — Organização do museu,

fundação da associação de pais e professores, introdução das dramatisações e intensificação dos trabalhos já iniciados.

Concluindo, aproveito-me da oportunidade para apresentar-lhe os meus protestos de estima e consideração.

MARIA ANGELICA DE CASTRO
professora técnica

EXPERIENCIAS EM UMA CLASSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (cl. D.)

POR BENEDITA MELLO
Assistente Técnica

ORIGEM DA EXPERIENCIA E PRIMEIRA DIFICULDADE

Quando nos entregamos com entusiasmo, com alma á tarefa educativa, dia a dia, sentindo mais a nossa imensa responsabilidade, a força das circunstancias nos obriga muitas vezes a dificeis tentativas e experiencias.

Impelida por diversos motivos, tomei sob minha orientação de maneira especial uma classe de anormais, considerada o *pavor* das professoras e diretora, constituida para a bôa organização das classes normais.

Foi grande a dificuldade para se conseguir espontaneamente uma professora que dirigisse a referida classe. Bastava apresentar a lista ou mencionar 4 ou 5 nomes de alunos *veteranos* no Grupo, e portanto bem conhecidos pelos seus maus habitos, para se receber uma recusa, um protesto irrevogavel com a manifestação exaltada do verdadeiro *horror* de assumir tal responsabilidade. Um dos argumentos bem frequentes das professoras era não poderem apresentar, no fim do ano letivo, um bom numero de alunos promovidos.

Diziam-se humilhadas perante as colegas, julgando infrutifero o seu trabalho, perdido o seu esforço, por mais que animassemos e procurassemos justificar o rendimento de sua classe, como aconteceu em 1931 com a professora de uma classe identica e não orientada, por se ausentar a professora tecnica.

A indisposição pela classe de anormais, diante das experiencias passadas, aumentou consideravelmente este ano. A essa classe eu me dediquei então especialmente, durante 3 meses consecutivos. No cargo em que me achava, não contava prolongar a minha experiencia por tanto tempo; animava-me a principio, o desejo tão sómente de *acalmar* aqueles alunos excitadissimos e para os quais convergiam todos os olhares, toda a atenção das professoras e diretora.

CONSTITUIÇÃO DA CLASSE

A classe em questão compõe-se de 30 alunos matriculados e 25, frequentando.

Todos do sexo masculino. Completamente heterogenea quanto á idade: 8 a 14 anos e escolaridade; repetentes, 2 a 7 anos.

QUADRO DAS IDADES

8	anos	— 1	aluno
9	»	— 5	»
10	»	— 11	»
11	»	— 2	»
12	»	— 1	»
13	»	— 4	»
14	»	— 1	»

QUADRO DA ESCOLARIDADE

Repetentes de

2	anos	— 4	alunos
3	»	— 5	»
4	»	— 13	»
5	»	— 2	»
7	»	— 1	»

Classifico os alunos desta classe da seguinte maneira:

Retardados pedagogicos 7
Retardados pedagogicos e indisciplinados 13
Debeis mentais e excitados 4
Debeis mentais e passivos 2

A capacidade intelectual, medida pelo test Dearborn, acusou os percentils 0 a 30 com a frequencia maior em 5 e Q. I. de 50 a 1, distribuindo-se do modo seguinte:

O meio social destes alunos é inferior; 14 alunos não têm meios de subsistencia e são filhos de:

Lavadeira 5
Indigente 1

Trabalhador de roça	6
Cozinheira	1
Pedreiro	1

Q. I.		NUMERO DE ALUNOS
0,50 — 0,59	—	3
0,60 — 0,69	—	10
0,70 — 0,79	—	2
0,80 — 0,89	—	3
0,90 — 0,92	—	2

AMBIENTE GERAL DA CLASSE

Depois de observar a classe em estudo, assumí a sua direção em experiencia e para melhor me certificar da orientação a dar á professora tão cheia de boa vontade e tão confiante.

Nos primeiros dias de minha experiencia, nada conseguí. O desanimo quasi se manifestou, principalmente na primeira aula de ginastica, que tentei. O resultado foi inteiramente negativo. Poucos alunos me atenderam. A maioria, indiferente ao meu apelo, ao meu esforço, ao meu carinho, subia nas arvores nos muros, assobiava, virava cambalhotas.

O ambiente da aula era quasi o mesmo: predominava a excitação, reinava completa desordem; brigas e gritos frequentes. A falta de atenção e de interesse era absoluta. Diante disso, senti mais o *desejo de acertar*. Conversei com a professora, procurei conhecer os alunos, conquistar-lhes a simpatia, estudando (*) um pouco, organizando planos diarios e discutidos com a professora da classe, objetivei o meu trabalho, tendo focalizado estes pontos:

a) muita atividade aos alunos em aula, além de excursões; horta.

(*) *Livros consultados*: La educacion de los niños anormales, de Alice Descœudres; Les idées modernes sur les enfants, de Binet. Les enfants anormaux — Binet.

Diversas Revistas do Ensino — artigos de Mme. Antipoff sobre a educação dos anormais.

b) muitos exercicios de ortopedia mental.
c) ginastica.

PEQUENOS RESULTADOS PROMISSORES

Após um mês de trabalho intenso, a professora, verificando as observações diarias que então tomavamos, poude registrar como um *balanço*, em seu caderno de preparo de lições, alguns resultados conseguidos durante o mês, os quais transcrevo:

«A maioria dos alunos conserva-se na sala sem pedir para sair constantemente. Não fogem mais das aulas. Todos, com raras exceções, interessam-se pelas atividades da classe. A ginastica, já a fazem com mais ordem, atenção e interesse, principalmente quando um aluno da propria classe toca tambor com muito ritmo. Apreciam muito o canto. As historias contadas pela professora prendem-lhes a atenção por muito tempo. Revelam mais educação. Durante o mês (março) houve dias de muita calma por parte da maioria dos alunos».

Animadas com estes resultados, embora pequenos, mas promissores, intensificamos as atividades e a formação de bons habitos.

ORTOPEDIA MENTAL

A calma, a atenção, o control, a obediencia, a disciplina, melhorados com um mês de trabalho, devemos, posso afirmar, aos inumeros exercicios de ortopedia mental. Apliquei-os rigorosamente como um «remedio eficaz e indispensavel para atacar orgão por orgão em uma molestia complicada».

Todos os alunos gostam desses exercicios, os quais constituem para êles verdadeira novidade e brinquedo. Aborrecem-se, no entanto, com muita facilidade, tornando-se necessario variar o modo de apresentar e substitui-lo mesmo, constantemente.

Dou, a seguir, todos os exercios empregados durante 3 mêses, tirados do caderno de preparo de lições da professora:

1.° — Riscar (a letra *o* por ex.) de um pedaço de jornal.

2.º — Contar alternadamente a partir de um, numerando cada aluno.

3.º — Fazer bolinhas, tantas quantas pudér em 5'

4.º — Taping. (10 segundos).

5.º — Estatua (10 minutos maximum).

6.º — Levantar o cartão numerado por ordem e alternadamente.

7.º — Reproduzir, por escrito, o numero de pancadas á mesa.

8.º — Recorte de gravura de revistas.

9.º — Cadeia de Claparêde.

10. — Mostrar cartões com sinais para que os alunos os reproduzam.

11. — Queda de objetos: tostão, botão, borracha, pau, alfinete.

12. — Mostrar cartões com diversas bolinhas e fazê-los reproduzir o numero.

13. — Escrever a mesma palavra o maior numero de vezes possivel. 15'

14. — Desenho com 12 pauzinhos.

15. — Resistencia (10 minutos).

16. — Brinquedo de mudo.

17. — Passar o mais depressa possivel uma almofada, lapis, bola, grão de feijão, pau de fosforo.

18. — Transportar um copo dagua bem cheio.

19. — Transportar uma bandeja com carreteis empilhados.

20. — Ordens verbais.

21. — Imitação e adivinhações de mimicas feitas pelos colegas.

22. — Levantar um cartão vermelho, ao ouvir nomes de animais, e azul, ao ouvir nomes de pessoas.

23. — Ouvir sinais dados no timpano e mostrar o numero correspondente no quadro.

24. — Agitar bandeirinha roxa para silencio absoluto como obediencia, durante 2'.

25. — Colorir palavras (de preferencia as da lição de leitura e abstrata) sem ultrapassar o contorno.

26. — Separação de missangas de côres diversas.

27. — Enfiagem das mesmas, tantas de uma côr, tantas de outra, o mais rapidamente possivel.

28. — Jogo de dominó com cartões de côres e numeros.

29. — Unir algarismos por imitação da professora.

30. — Unir palavras por imitação da professora.

31. — Andar bem depressa e com a maior precisão possivel sobre uma linha reta, curva, quebrada.

32. — Traçar pauzinhos o mais depressa e o melhor possivel.

33. — Fazer cruzinhas bem no centro de quadrinhos, em papel quadriculado.

Todos esses exercicios em geral agradaram muito ao alunos, destacando-se os de numeros 6, 9, 13, 15, 16, 17, 20, e 24, principalmente, 25, 27, 31.

Muitos destes exercicios se encontram na «Revista do Ensino», numeros 56,—61, recomendados pela professora de psicologia, da Escola de Aperfeiçoamento.

LEITURA PELO METODO GLOBAL

Embora a leitura para a classe de anormais esteja em segundo plano, diversas tentativas fizemos para interessar os alunos; mas em vão. Afinal, depois de um mês de trabalho, aproveitando o interesse dominante dos alunos pela *ginastica com tambor*, tentamos mais uma vez, apresentando-lhes um quadro de leitura (um menino tocando tambor). Conseguimos resultado inesperado.

Transcrevo algumas notas da professora: "Houve muito interesse pelo quadro de leitura. Os alunos esperaram ansiosos pelo retrato do *colega tocando tambor*, que um aluno do 4.º ano lhes havia dado noticia de ter pintado, a pedido da professora, que desejava oferecer á classe. A' apresentação da fixa comentaram muito o retrato Observaram detalhes do desenho,

Acharam muito parecido com o colega; finalmente, interessaram-se em saber o que estava escrito. Na segunda vez que a professora leu, a pedido dos alunos, todos os acompanharam com muita atenção. Fizeram questão de repetir a leitura diversas vezes cinco alunos, inclusive o que representava o desenho e se manifestava enormemente satisfeito.

Dois dias depois quiseram convidar a diretora para assistir á leitura, convencidos de que já sabiam muita coisa. Com exceção de três, todos os alunos se apresentaram espontaneamente para lêr e o faziam a todas as pessôas que entravam na sala, mostrando-lhes o quadro, com a explicação do desenho, seu autor, etc...

Receberam e coloriram com muita satisfação as miniaturas do quadro.

O interesse ainda se mantem quando destacam as sentenças, palavras, recompõem a historia, formam sentenças.

Para fixação das palavras fizeram o jogo de vispora, caramujo, além de variados exercicios com as fichas.

Reconheceram bem as palavras 10 alunos; 8 não conseguiram aprender todas, e 4 não fizeram nenhuma; 7 alunos lêem com rapidez, recompõem a historia no fichario em 1.º e 30, 2.º e 3.º.

Gostaram muito do vispora com palavras e formação da historia no fichario, com tempo marcado. Os proprios alunos, observaram o relogio e, controlando o tempo, estimulam os colegas.

A primeira lição durou um mês.

O segundo quadro despertou muito interesse. Representa todos os alunos da classe prontos para a marcha. Encontraram diversas palavras da primeira lição. Continuam distinguindo-se em leitura 7 alunos. Uma atividade que ultimamente começa a prender muito a atenção principal desses 7 alunos é procurar palavras conhecidas, em revistas, jornais, livros.

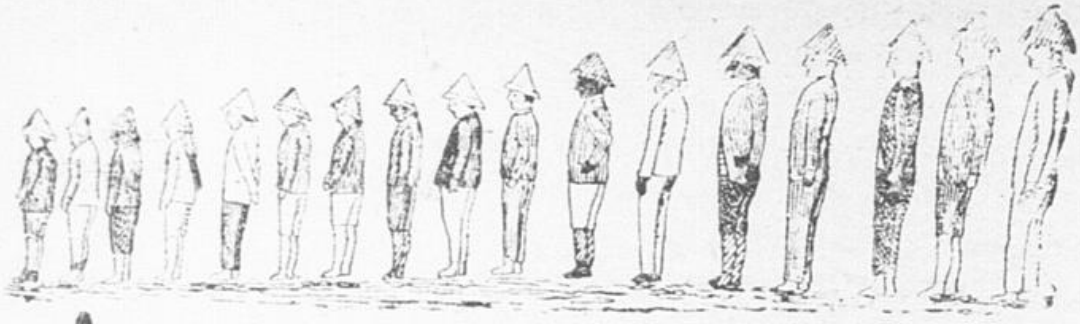
Em palestra com os alunos, a professora organiza no quadro negro, a titulo de «*jornal da classe*», aproveitando 3 no-

ucias mais interessantes, apresentadas pelos proprios alunos, o que constitue leitura suplementar e agrada muito.

O Tambor

Herotides toca tambor.
Ele toca assim: plan-plan
Vocês estão ouvindo?
Plan-plan, rataplan...

1.º quadro



A marcha

Vamos marchar ?

Herotides tambem vae.

Ele não toca tambor.

Nós vamos marchar assim:

Um...dois...um...dois...

Como é bom marchar!

2.º quadro

As ilustrações destes quadros de leitura foram feitas por um aluno do 4.º ano verdadeira revelação em desenho.

CALCULO

A capacidade intelectual dos alunos desta classe não auxilia de modo algum o raciocinio, que é muito lento e primitivo.

A maioria sabe apenas escrever, automaticamente, numeros até 100, 200, 500, mas sem conhecer a significação dos mesmos. Isto fazem, a força de repetição, em 4, 5, 6 anos de

escola, em que geralmente constitue exercicio preferido para ocupar os alunos.

Meninos desta classe que vendem verduras, doces, não resolvem o menor problema tirado da sua experiencia.

A professora aproveita todas as oportunidades da classe para desenvolver-lhe o raciocinio e, ás segundas-feiras, recolhe dados sobre o ganho de diversos alunos que carregam compras (em carrinhos) para diversas familias, e formula com êles problemas faceis.

Para treiná-los em pequenas somas, empregamos combinações simples, por ex.: 2 mais 1; 3 mais 2 etc; em forma de jogo ou adivinhação, e para o reconhecimento de numeros — o vispora, do qual êles gostam tanto.

A horta (*) escolar onde eles desenvolvem grande atividade e muito se interessam, tambem lhes tem dado motivo para calculos, como compras de sementes, bambús para cerca, etc.

AUDITORIO

O auditorio é uma atividade social que muito tem agradado a esses alunos.

Transcrevo «Notas sobre auditorios» publicadas no «Minas», referentes em parte á esta classe...

«... á classe em questão, composta de alunos anormais, turbulentos, retardados repetentes de 3 a 5 anos, após um mês de intensa atividade necessaria a estes alunos e particularmente exercicios de ortopedia mental, exercicios de atenção, apresentamos o 1.º quadro de leitura, organizado de acordo com interesse da classe, cuja atenção, interesse e entusiasmo convergiam para a marcha com tambor.

Com a apresentação do referido quadro, que figurava um menino da mesma classe, tocando tambor, os alunos, aprendendo a lição com relativa facilidade, menifestaram dese-

(*) A horta tem dado muitas oportunidades para excursões

jo de mostrá-lo a todas as classes, além do convite á Diretora para assistir a leitura, o que constituiu um ensaio para auditorio, sem que os alunos soubessem, porque discutiram a maneira de receber a visita, quais deveriam ler, inscrevendo seus nomes no quadro negro.

Satisfeita com a prova, a professora os dirigiu na organização de um auditorio para as classes do primeiro e do segundo ano, sugerido pelos alunos.

Discutiram então o programa, cujos numeros foram escolhidos rapidamente, dadas as inumeras atividades executadas durante o mês. O programa ficou assim organizado, por sugestão das crianças.

I — Marcha com tambor
II — Quadro do Herotides
III — Jogo de maré com palavras
IV — Copo dagua
V — Canto «O trabalho»

O IV numero se refere a um exercicio de atenção: carregar um copo dagua inteiramente cheio sem o entornar.

Na confecção do programa, atendendo ao desenvolvimento dos alunos, a professora encarregou cada um da copia, em tiras de papel, de um numero do programa.

O auditorio se realizou em um dos pateos escolares. Encarregaram-se os alunos da disposição das carteiras no local combinado, debaixo de arvores, da colocação do quadro de leitura e do programa, do traçado da maré para o jogo, e do convite ás demais classes. Receando a professora que os meninos se intimidassem com a incumbencia, dada a falta de treino social, dirigiu-os, chamando os que se apresentavam espontaneamente. Revelaram muita cooperação, auxiliando a segurar o quadro, traçar o jogo, dispor as fichas, e *iniciativa*, lembrando-se, por ex.: de buscar cadeiras para as professoras presentes, sem que ninguem pedisse. Na ginastica principal, sómente observaram com rigor as vozes de comando e marcharam muito compenetrados.

Leram com desembaraço, despertando em alunos de outras classes o desejo de lerem tambem.

A' hora do canto, sentiram-se acanhados, muito ao contrario do que fazem em classe.

Todos os numeros do auditorio despertaram o interesse dos alunos assistentes, que se manifestaram, ora pelo silencio completo, ora pelas palmas quando aplaudiam.

O comentario se fez e com entusiasmo tambem, notando os alunos, tanto as partes bôas do auditorio como as faltas cometidas, como a critica de um colega que bateu palmas para si mesmo. Nesse mesmo dia, muito contentes, indagaram quando poderiam fazer outra reunião. O resultado deste auditorio foi surpreendente, mesmo por se tratar de anormais.

Os turbulentos, ao lado dos outros, portaram-se muito bem, mas, para que não passassem despercebidos e nem fossem julgados de um momento para outro, perfeitos, terminada a reunião, como querendo lembrar a sua presença, um delles se levantou e em alta voz disse á assistencia: «póde sumí, negrada»...

OBSERVAÇÕES GERAIS

A professora Maria Menezes, entusiasta, muito dedicada e paciente, muito tem contribuido para os resultados satisfatorios desta classe, que assumiu com o objetivo de «aprender a lecionar estes alunos».

Em um questionario que apresentei ás professoras do Grupo para orientação do trabalho no 2º. semestre, ela, em certas questões, assim se expressou de maneira sincera e categorica.

...Acho que os meus metodos de ensino estão inteiramente mudados. Antes eu queria que os alunos aprendessem, sem a preocupação de preparar bem meus planos anteriormente formulados e sem estudar os alunos. Exigia a disciplina á força, sem me preocupar de interessar a classe com ativida-

des novas, de acordo com os alunos.

Hoje, com a orientação recebida, acho que mudei muito de modo de pensar e de agir com referencia ao ensino. Por meio dos planos, distribuindo o trabalho a todos os alunos, tenho interessado bem a maioria da classe.

Encontro apenas dificuldades em trabalhar com os alunos em grupos. Não sei ainda controlá-los. Estou muitissimo satisfeita com a minha classe de educação especial. Sinto-me muito animada com meu trabalho, apesar de ser grande. A recompensa dos bons resultados obtidos conforta-me e anima a trabalhar cada vez mais com coragem e entusiasmo.

Tenho medido o progresso dos alunos por meio de anotações mensais, depois de registros diarios de todos os exercicios, manifestações dos alunos, tempo que levam em cada atividade, bons habitos adquiridos, etc.

A professora se tem realmente dedicado a seus alunos. Depois de lecionar das 7 ás 11, passa diversos dias inteiros em minha companhia organizando material para a classe: Fichas para leitura, jogos e discutindo os planos, seus resultados e fracassos.

Sem verba para aquisição do material necessario a esta classe, a professora tem feito, e com algum sacrificio, quasi todas as despesas a sua custa. Antes de funcionar a Caixa, distribuia ainda merenda, diariamente, a todos os seus alunos.

O estudo da parte fisica, nesta classe, não foi descurada. Os alunos têm-se pesado todos os mêses. Os que se nos apresentam com deficiencias fisicas, excitação continua, anemia profunda, com o auxilio do medico assistente da Santa Casa, temos procurado atenuar-lhes o mal, estudar as causas de certas anomalias encontradas.

Diversos alunos já estiveram internos na Santa Casa para tratamento de feridas de mau carater, verminose, frequente em muitos alunos, e anemia profunda.

Para nos entendermos melhor sobre o tratamento desses alunos doentes, visitamos diversas familias e desse modo vamos

tambem procurando conhecer o meio social, bastante inferior, da totalidade das crianças — suas necessidades, com relação a vestuarios, merenda etc.

Os alunos gostam imensamente desta classe.

E' para eles um castigo ameaçá-los de passar a outra. Entretanto, sentindo talvez a suavidade do tratamento e do trabalho que recebem, já diversas vezes, principalmente depois de exercios de ortopedia mental, ouvi estas reclamações de alguns alunos mais rebeldes: «Eu vim á escola pa aprendê a lê». Outro «Esta escola é só de bobage!».

Já se nota nesta classe aquisição de muitos habitos de boa conduta, tendo melhorado consideravelmente a disciplina — julgada impossivel de consiguir.

CONCLUSÃO

Reunindo algum material da minha experiencia nesta classe, mesmo a pedido de Mme. Antipoff, que com o seu habitual interesse pela nossas experiencias, por menores que elas sejam, sempre nos dá o estimulo da sua critica e apreciação, não o faço convicta de uma grande realização e trabalho completo. Deixa mesmo muito a desejar... E, na simples e ligeira exposição deste meu trabalho, sinto não me ser possivel comentar, descrever e focalizar de maneira viva e perfeita certos detalhes e aspetos interessantes de uma classe de anormais, que constitue um vasto campo para a pedagogia experimental e mesmo para o desenvolvimento moral e profissional do mestre.

Crianças fortes, bonitas, sadias e inteligentes, sempre nos seduzem e encantam. Mas uma classe de alunos debeis, feios, mal dotados e desprotegidos pela sorte, devia merecer muito mais a nossa inteira dedicação, e por eles sentimo-nos tambem seduzidas e atraidas.

Não por espirito de caridade, *compaixão* simplesmente mas para suavizarmos uma *carga*, um peso morto, ou evitar um cancro social que poderão constituir essas crianças mais

tarde, transformadas em ladrões, criminosos, parasitas da sociedade.

Educá-las principalmente deve ser o nosso objetivo máximo. Porque, se a instrução muito longe do seu alcance intelectual, não pode corresponder a uma necessidade para seu progresso, podemos valer-lhes pela *educação*.

Assim, talvez se tornarão aptas para lutar e vencer na vida, com os bons habitos de trabalho e de conduta, que lhes daremos na escola.

Dirigidas então pelo que são e pelo que podem, hão de ser, embora quasi analfabetas, senão inteiramente uteis á sociedade, pelo menos inofensivas...

Brazopolis.

AFECÇÕES PARASITARIAS E EXTERNAS MAIS COMUNS NAS ESCOLAS

PEDICULOSE, SARNA, TINHAS, IMPETIGEM

As linhas que seguem, bem como outras que proximamente serão publicadas nesta Revista, se destinam de preferencia ás professoras de escolas isoladas e do interior e têm por fim facilitar-lhes o conhecimento de fatos que de perto interessam á saude dos escolares.

Pediculose... Tendo em vista a higiene escolar, podemos considerar a pediculose como a presença de piolhos nas cabeças dos escolares.

A pediculose é, como se sabe, bastante comum entre os escolares, embora seja de facil e rapido tratamento. Vem á proposito lembrar a frase de Rosenau, o grande higienista americano: "Ninguem deve ser censurado por ter piolhos mas por conservá-los".

O piolho pertence ao grande grupo dos insétos, ordem dos hemipteros, familia pediculidae, genero pediculus.

Os piolhos humanos pertencem a 3 especies, das quais particularmente só nos interessa a primeira: pediculus capitis, ou piolho da cabeça. Outra especie, o pediculus vestimenti ou pediculus corporis, piolho das roupas ou do corpo, costuma ser considerada como a mesma especie, modificada apenas pelo meio.

Os piolhos se transmitem de individuo a individuo não so diretamente, mas indiretamente, pelo uso em comum de chapéus, pentes, escovas, ou mesmo quando se colocam esses objétos ao lado de outros infestados.

E' facil, em geral, descobrir os individuos portadores de piolhos. Um prurido bastante intenso obriga-os a se coçarem com frequencia no couro cabeludo. Um exame mais atento revelará então a presença de parasitas vivos ou de seus ovos — as lendeas — presos aos cabelos.

Os piolhos, quando adultos, medem cerca de 2 milimetros de comprimento por 1 de largura, sendo as femeas um pouco maiores e mais largas que os machos. (Fig. 1, A e B). São de côr parda, variavel porém de acôrdo com a côr da pele do hospedeiro, isto é, do portador do piolho.

Fig. 1 — A e B

Vivem nos cabelos, nas sobrancelhas e na barba.

Os ovos depostos pelas femeas, em numero de 50 a 60, ficam presos ao cabelo, por intermedio de uma substancia viscosa que se endurece ao contacto do ar. Basta uma semana para que dos ovos saiam as larvas, que, por sua vez, se transformam em adultos, dentro de 12 a 15 dias.

Como se vê, bastam apenas 3 semanas para que os ovos se transformem em parasitas adultos. Tendo-se em vis-

ta o grande numero de ovos postos por uma femea e o curto intervalo de seu desenvolvimento, é facil avaliar a grande quantidade de piolhos que se póde encontrar na cabeça de um individuo que se não desembarace deles.

O piolho é uma especie cosmopolita, isto é, vive em todos os meios e climas. Nutre-se do sangue do individuo que o abriga, sugando-o pelo menos uma vez em cada 24 horas.

Póde produzir lesões locais mais ou menos intensas e extensas, sendo ainda responsavel pela transmissão de diversas molestias, algumas de grande gravidade.

Profilaxia. Cada menino deverá usar chapéu, pentes, escovas, individuais. Não deverá colocar seu chapéu junto a outro, pertencente a menino suspeito de pediculose. Os chapéus, si suspeitos, deverão ser lavados com benzina, xilol ou querozene. Os pentes e escovas serão fervidos ou então mergulhados em querozene. Os portadores de piolhos deverão ser excluidos da escola até que apresentem suas cabeças perfeitamente limpas, livres de parasitas e de ovos ou lendeas.

Tratamento. Consiste em matar os parasitas adultos ou piolhos e em remover os ovos ou lendeas. Para se matarem os parasitas póde-se empregar o petroleo ou querozene ou os seus varios produtos: gasolina, benzina, xilol. E' conveniente misturar um destes produtos, em partes iguais, a um oleo vegetal — oleo de amendoas, de oliveira (azeite dôce) ou de ricino.

Esfregam-se bem os cabelos com esta mistura, deixando-a em contacto durante algumas horas, findas as quais é a cabeça lavada com agua morna e sabão e penteada com um pente fino. Ha tambem um processo muito comodo e facil para a matança dos piolhos, talvez menos eficiente, porém, e que consiste em colocar-se dentro do chapéu do escolar infestado um pequeno chumaço de algodão, embebido em xilol, gasolina ou benzina. Colocado o chapéu na cabeça,

estas substancias, que são volateis, deixam desprender vapores que matam grande numero de piolhos.

Além dos produtos derivados do petroleo, é tambem muito empregada a pomada mercurial, que é esfregada no couro cabeludo, como se fosse brilhantina. Depois de deixá-la em contacto durante algumas horas, lava-se a cabeça com agua e sabão.

Quando se emprega o petroleo, o xilol, a benzina ou a gasolina, deve-se ter o cuidado de evitar qualquer chama — fosforo, vela, etc., afim de se evitar que a chama se propague á cabeça do menino, visto serem inflamaveis aquelas substancias.

Tratando-se de meninos, é conveniente cortarem-se fos os cabelos, á maquina

Lendeas. Mortos os parasitas adultos, cumpre remover as lendeas, para que não cheguem a desenvolver-se transformando-se em outros parasitas adultos. Usa-se um pente fino, molhado em alcool ou vinagre que, dissolvendo a substancia viscosa que prende a lendea ao cabelo, como um cimento, torna facil a sua remoção pelo pente fino.

Será nulo o trabalho feito na escola se houver na casa do menino pessoas portadoras de piolhos, pois novas infestações se darão.

Cumpre assim instruir as crianças para que estas levem para casa as noções imprescindiveis ao tratamento e profilaxia aprendidas na escola. E' de toda vantagem que a professora faça inspecções frequentes, registrando os resultados colhidos afim de compará-los, depois de instituidas as medidas de tratamento e profilaxia.

Em resumo: a) Os piolhos são parasitas do couro cabeludo, capazes de produzir afecções locais e de transmitir molestias ás vezes graves; b) O tratamento é facil, rapido e barato; c) se não forem tratadas todas as pessoas da casa, a criança ficará sujeita a repetidas infestações, e o trabalho feito

na escola, prejudicado; d) Não é vergonha apanhar piolhos — vergonha é conservá-los.

Escabiose ou sarna. — A sarna ou escabiose, por muito generalizada, é bastante conhecida, tornando-se quasi desnecessaria a descrição de seus aspétos gerais. Afecção cutanea, produzida por artropodes parasitas pertencentes á familia dos sarcoptidae, é espalhada por toda parte, sendo, como a pediculose, uma afecção cosmopolita.

O parasita produtor da sarna humana é o *sarcoptes scabiei.* (Fig. 2., A e B). Ha, entretanto, outras especies proprias de animais e que podem tambem transmitir-se ao homem. O *sarcoptes scabiei* é tambem denominado *sarcoptes hominis, S. galei, S. communis, Acarus scabiei.* A femea (Fig. 2, B) é pouco maior que o macho (Fig. 7, A) e é ela que produz as lesões encontradas, perfurando verdadeiros canais ou sulcos na pele, de preferencia em certas regiões: entre os dêdos, nas mãos, na face anterior do antebraço, na axila, nas nádegas, nos cotovêlos.

Nos sulcos, que atingem a alguns milimetros de comprimento, são depostos os ovos, de forma oval. Aí tambem se encontram os ovos, detritos escrementiciais e os corpos dos parasitas femeas. O macho morre depois da fecundação, e a femea, uma vez terminada a postura dos ovos.

Destes, ao fim de 4 a 8 dias, sáem as larvas que, feitas 3 mudas, no intervalo de duas semanas, atingem á maturidade sexual. A contaminação, ou melhor, a infestação, se dá principalmente á noite, por intermedio dos parasitas femeas, que passam para as roupas de cama e vão atacar as pessoas. E', pois, pela cohabitação de pessoas atacadas de sarna, dormindo no mesmo leito ou usando roupas de cama servidas por sarnentos, que se contrái mais facilmente a sarna. A transmissão póde, entretanto, dar-se por outros modos de contacto.

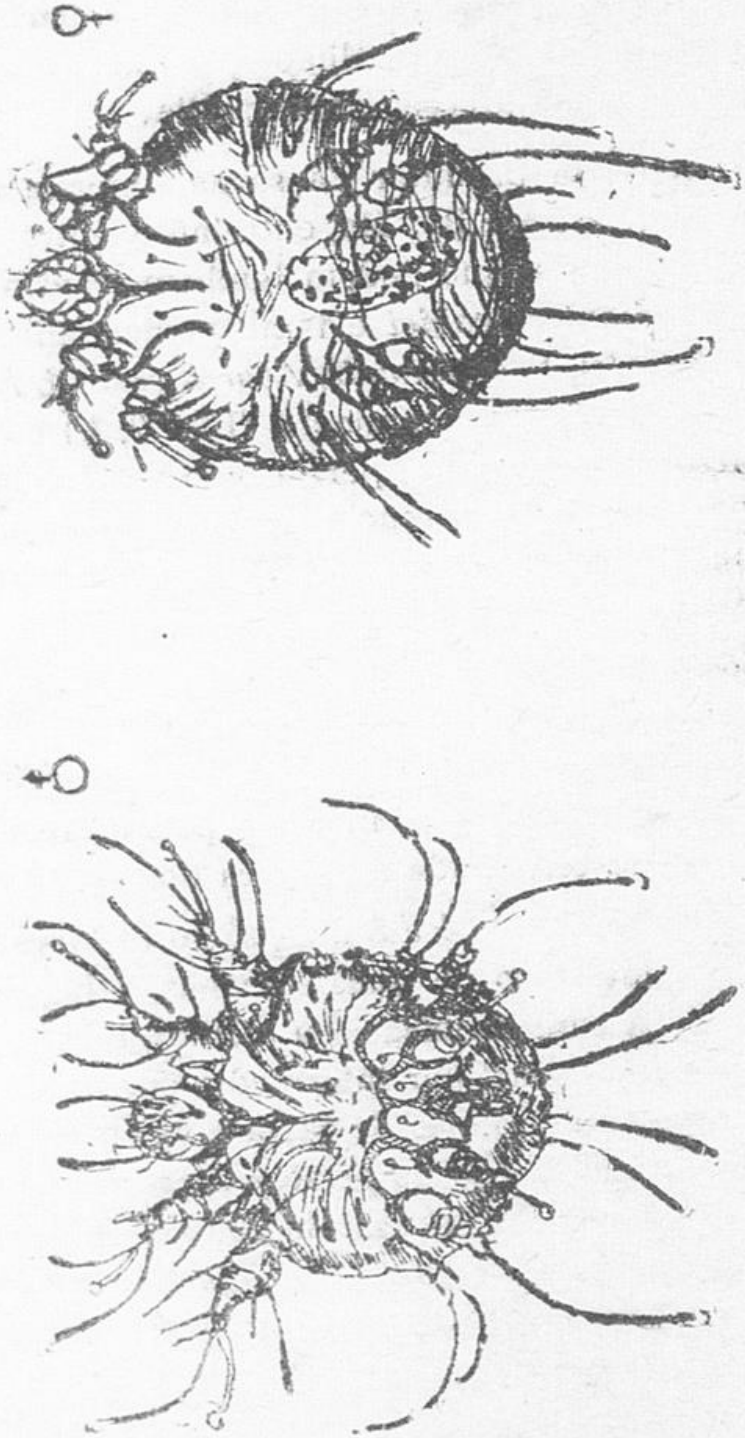


Fig. 2 — A e B

As lesões que caracterizam a sarna se manifestam 8 a 10 dias depois do contagio. A esse tempo é que se manifesta a coceira, que é o primeiro sinal a chamar a atenção da professora para o aluno infestado. Um exame mais atento, principlmente das partes acima apontadas e que constituem a séde de predileção das lesões, descobrirá então os casos existentes.

Profilaxia. Nas escolas a profilaxia da sarna se faz pelo afastamento de alunos ou pessoas acometidas, até que se apresentem completamente livres de quaisquer lesões cutaneas. E' tambem necessario obter que as pessoas da familia, porventura doentes, se tratem.

Como haja tambem variedades de sarcoptes que atacam animais domesticos e que, transmitidas ao homem, produzem afecções semelhantes á sarna, é de toda conveniencia especial cuidado quanto a gatos, cães, carneiros, equinos, etc.

Tratamento. Sendo a sarna uma afecção local e produzida por um parasita conhecido, o tratamento é tambem local e tem por fim destruir o parasita e seus ovos. Não é, pois, necessario um tratamento geral por meio de tonicos como se supunha outróra e ainda hoje em certos meios.

O tratamento tonico poderá ser indicado — sem se prescindir do tratamento local — quando, em seguida a casos extensos, prolongados, sem cuidados e complicados de infecções secundarias, o paciente se apresentar depauperado.

O tratamento usual da sarna se faz por meio de pomadas a base de enxofre, sendo a fórmula mais empregada a pomada de Helmerick, modificada por Hardy. Qualquer farmacia poderá fornecê-la. Póde-se dar preferencia á pomada sulfurosa de Milian, tão eficaz quanto á de Helmerick e tende a vantagem de ser menos irritante. Seja qual fôr a pomada empregada, deve o doente tomar á noite um banho, friccionando-se fortemente as partes afetadas, com sabão preto, afim de se removerem as crostas existentes sobre os sulcos. Em se-

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

guida aplica-se a pomada, que deverá ficar em contacto até ao dia seguinte, quando será removida por outro banho. As roupas de uso e de cama serão fervidas. O tratamento será repetido durante umas 3 noites seguidas. Tratando-se de crianças, senhoras ou pessoas de pele delicada ou de portadores de lesões mais intensas, devem-se empregar medicamentos menos irritantes, como o balsamo do Peru', em pomadas a 10 °|°, o estoraque, o naftol, etc., sendo, porém, o tratamento nestes casos mais longo — cerca de 10 dias. Poder-se-á iniciar o tratamento por um destes medicamentos e terminá-lo pela pomada de Milian, logo que estejam melhoradas as lesões. Quando houver, numa casa, diversas pessoas atacadas de sarna, devem todas ser tratadas ao mesmo tempo.

Tinhas. — As *tinhas*, de que ha muitas variedades, são afecções parasitarias, contagiosas, produzidas por parasitas vegetais. Interessam, sobretudo na escola, a do couro cabeludo e a que se assenta na péle, em diversas regiões do corpo.

A *tinha* do couro cabeludo é caracterizada por lesões circulares, escamosas, difusas e inflamadas, assestadas no couro cabeludo e interessando os cabelos, que se tornam quebradiços e cáem, deixando-a numa placa do couro cabeludo, placa que mede, em média, de 2 a 5 centimetros de diametro. Nas margens das placas são encontradas *papulas* ou pequenas elevações inflamatorias, *vesiculas* (que são bolhas de liquido claro) e *pustulas* (bolhas com liquido purulento). Os cabelos, quebrados quasi ao nivel de sua implantação, são cobertos de um pó acinzentado.

Ha uma variedade de *tinha*, mais rara, denominada *favus*, pela semelhança que cada elemento apresenta com um favo. E' uma pequena excavação, com uma crosta de côr amarelo-enxofre.

A *tinha* corporal, (Figs. 3 e 4), uma de cujas variedades mais comuns é vulgarmente chamada *empigem*, se apresenta mais comumente na pele dos braços, na face e no pes-

coço. A's vezes tambem nas nádegas, nas costas e nos membros inferiores.

Começam como uma pequena área circular, circunscrita, com ligeiro relevo e vai-se aumentando para a periferia. As margens são avermelhadas e compostas de papulas e vesiculas, cobertas de finas escamas (como caspa), ao passo que o centro vai empalidecendo.

As crianças em idade escolar são de preferencia sujeitas ás *tinhas*.

Tratamento. Bastará tocar as lesões com tintura de iodo durante alguns dias seguidos. Não é necessario tratamento geral, pois que a afecção é puramente local; tem-se observado, comtudo, que um tratamento tonico costuma melhorar o estado geral dos portadores de *tinhas*, geralmente mal nutridos.

Profilaxia. Os escolares atacados de *tinhas* devem ser excluidos das aulas até que um exame microscopico dos cabelos e das escamas revele a ausencia dos cogumelos causadores da afecção. Quando este exame não fôr possivel, só serão os escolares readmitidos á frequencia das aulas quando não mais apresentarem nenhum vestigio de lesões, cuidadosamente procuradas. Um ponto que se não deve perder de vista na profilaxia das *tinhas* é a possibilidad de sua transmissão por animais domesticos, especialmente os gatos e cães (Fig. 5).

De passagem devemos lembrar a existencia de uma afecção do couro cabeludo e que se revela por placas, com quéda dos cabelos (que não se tornam quebradiços, mas cáem por completo), lisas, luzidias como marfim.

E' a *pelada*, não parasitaria, não contagiosa e dependente de perturbações nervosas.

Impetigem — A *impetigem* ou impetigo é uma afecção microbiana, contagiosa, caracterizada por bolhas ou pustulas que, ao secarem, formam crostas amareladas e que se curam rapidamente sem deixar cicatriz.

A *impetigem* póde aparecer primariamente em péle sã ou, secundariamente, sobre lesões já existentes, como, por exemplo, em placas de eczema, lesões produzidas por piolhos, sarna, etc.

Ha principalmente tres variedades de *impetigem*, sendo uma produzida por *estreptococos*, outra por *estaphilococos*, e a terceira, mais comum, pela associação desses germes e de outros. Esta ultima variedade é tambem chamada *impetigem* vulgar; ataca de preferencia as crianças e pessoas de pele fina e é muito contagiosa. Em geral, as chamadas *feridas* ou *perebas* são formas de *impetigem* vulgar. Inicia-se a *impetigem* por uma bolha cheia de liquido que se torna purulento. A bolha se desséca, formando uma crosta em seu centro e aumentando-se pela periferia.

Em torno ou nas proximidades destes elementos se formam outros semelhantes. Os ganglios vizinhos em geral se apresentam tumefeitos.

A séde de predileção da *impetigem* é proximo ás narinas, em seguida a corizas; — no canto da boca, constituindo a chamada *boqueira* — que é a *impetigem* comissural dos labios, afecção contagiosa; perto dos olhos, em seguida a conjuntivites; proximo á orelha, em seguida a otites supuradas; na região posterior do pescoço, principalmente em pessoas que têm piolhos, etc. Na face, sobretudo, a *impetigem* tende a se alastrar, apresentando-se ás vezes em grande numero as lesões, formando como que uma mascara e constituindo a denominada *impetigo larvalis*.

Quando no couro cabeludo, as crostas de *impetigem* aderem fortemente aos pêlos. Dá-se a designação de *impetigem* contagiosa á que se observa nas familias, nas escolas ou lugares de habitação coletiva, constituindo epidemias mais ou menos extensas.

Devemos ainda observar que a *impetigem* tem grande tendencia á repetição, especialmente quando não tratada

convenientemente. As infecções repetidas, interessando os ganglios linfaticos, eram muitos tipos de crianças consideradas como escrofulosas.

A *impetigem* póde tambem observar-se nas mucosas, principalmente dos labios, da boca, do nariz e da garganta. Quasi sempre estes casos são secundarios á *impetigem* cutanea.

Tratamento. E' local. Se a impetigem é secundaria, se é uma complicação da sarna, por exemplo, a primeira parte do tratamento deverá ser feita contra a *impetigem*, para depois tratar-se da afecção primaria.

Deve-se procurar, antes de tudo, retirar as crostas. Para isto podem-se empregar cataplasmas frios ou compressas umidas.

Retiradas as crostas deve aplicar-se sobre a superficie a descoberto uma solução antisetica e adstringente, como a Agua de Alibour.

Uma vez bem limpa a superficie, aplica-se então uma pomada de precipitado amarelo salicilada e resorcinada.

Profilaxia. A principal medida profilatica contra a *impetigem* nas escolas, onde, como já dissemos, poderá constituir surtos epidemicos mais ou menos extensos, consiste no afastamento dos doentes até que hajam desaparecido todos os vestigios de bolha ou crosta. E é isto que exige o Regulamento do Ensino Primario.

FORMULAS ACONSELHADAS NO TEXTO

Para a pediculose:

Querozene 200,0
Oleo de oliveiras, de amendoas ou de ricino 200,0
Para friccionar no couro cabeludo.

Ou:

Querozene 450,0
Oleo de ricino 400,0
Xilol 150,0
Para friccionar no couro cabeludo.

Ou ainda:

Xilol, benzina ou gasolina 200,0
Embeber um pequeno chumaço de algodão, que será colocado dentro do chapéu.

Ou então:

Pomada mercurial 100,0
Para friccionar no couro cabeludo.

Para a sarna:

Pomada de Helmerick, modificada por Hardy:

Flor de enxofre 20,0
Carbonato de potassio 10,0
Banha 120,0
Usar como explicado no texto.

Pomada sulforosa de Milian:

Polisulfureto de potassio 10,0
Agua 40,0
Vaselina e Lanolina . . . . . ãã 50,0.
Usar como explicado no texto.

Pomada de balsamo do Perú:

Balsamo do Perú. 15,0
Estoraque 20,0
Greda preparada 20,0
Vaselina 45,0
Uso indicado.

Fig. 3 — Lesões de tinha de face

Fig. 4 – Lesões de tinha generalizada

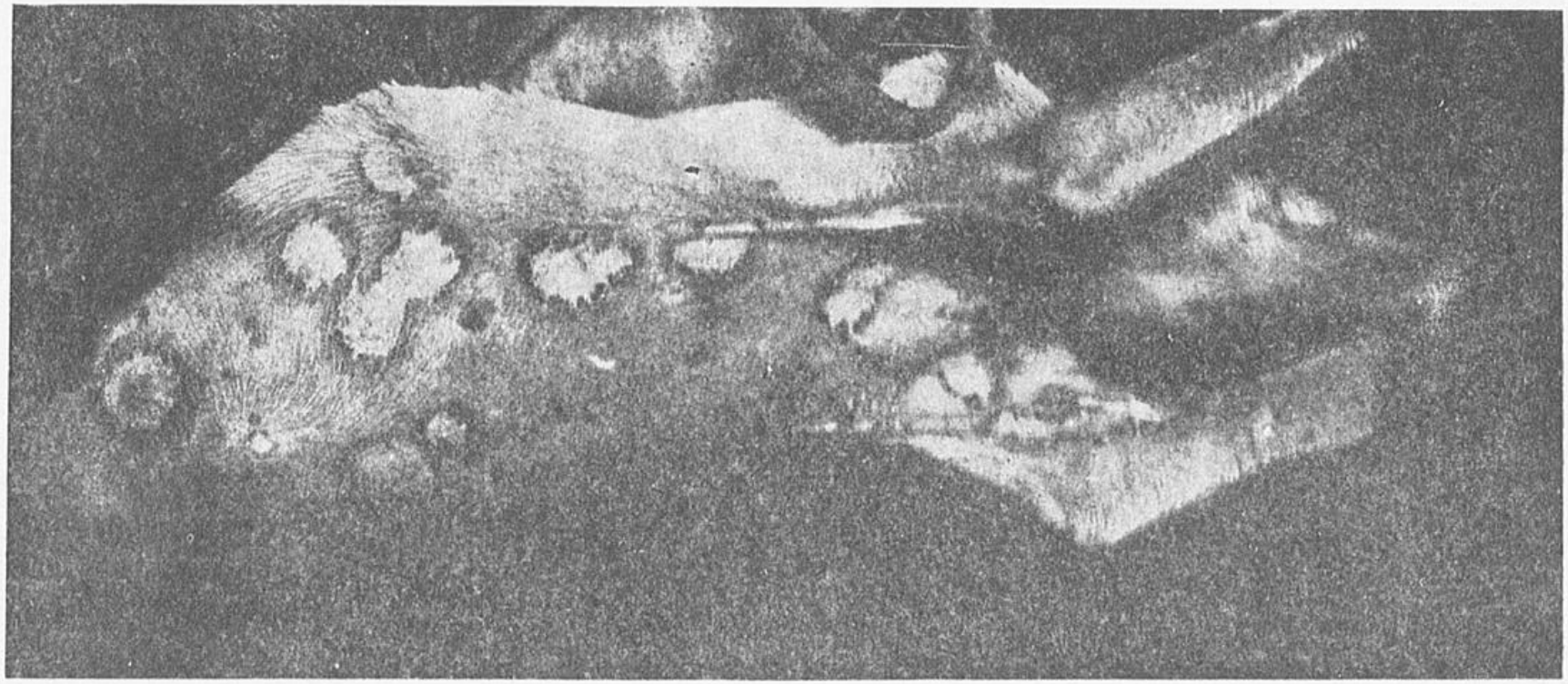


Fig. 5 — Lesões abdominaes de tinha, em um cão

Para as tinhas

Tintura de iodo a 5°|° 20,0

Aplicar com um algodão ou pincel, duas vezes ao dia, sobre as placas.

Póde-se aplicar, com maior vantagem, a seguinte fórmula, empregada pelo Dr. Aroeira Neves, do Instituto "Ezequiel Dias":

Acido benzoico	ãã
Acido salicilico	0,30
Tintura de iodo	3,0
Glicerina	30,0

Aplicar duas vezes ao dia nos lugares indicados, quando se tratar de *tinhas* ou *empigem* cutanea. Tratando-se, porém, de *tinha* do couro cabeludo, será preferivel usar a mesma fórmula, mais concentrada:

Acido benzoico	ãã
Acido salicilico	1,0
Tintura de iodo	20,0
Glicerina	30,0

Aplicar 2 vezes ao dia, nas *tinhas* do couro cabeludo.

Para a impetigem: — Agua de Alibour.

Sulfato de cobre	2,0
Sulfato de zinco	7,0
Agua saturada de canfora.	300,0

Empregar diluida em 2 a 4 vezes de agua, em compressas.

Pomada amarela resorcinada:

Oxido amarelo de mercurio	2,0
Oxido de zinco	5,0
Resorcina	ãã

Acido salicilico 0,40
Vaselina 35,0

(Da Inspetoria de Higiene Medica Escolar, para a "Revista do Ensino").

NOTA: Apresentamos aqui os nossos agradecimentos á senhorinha Teresa Christina Bolivar pela gentileza da confecção dos desenhos das figs. 1 e 2, e ao dr. Aroeira Neves, pela cessão das gravuras do texto.

UM ESTUDO DOS POVOS PRIMITIVOS

POR EFFA E. PRESTON, PROFESSORA DO II GRAU, LINCOLN SCHOOL
NEW BRUNSWICK, NEW-JERSEY

Trad. da Revista "The Instructor"

Esta unidade de trabalho foi considerada uma parte essencial do 1.° semestre do 2.° grau, visto que ela apresentava um conceito das mudanças operadas pelo tempo e mostrava, de modo elementar, a continuidade da civilização e a ligação do presente aos desenvolvimentos do passado.

Como ha poucos livros suficientemente simples para o uso das crianças, a professora terá que ler muito e arranjar o material para a classe, em forma de historias e lições de leitura mimeografadas. Achei muito proveitoso o seguinte material. Para as crianças que liam bem, coloquei na mesa da biblioteca os quatro livros, bem conhecidos, de Katherine E. Dopp, The Thee-Dwellers, The Early Cave-Men, The Later Cave-Men e The Early Sea-People, tambem The Tree-Boys, por William L. Nida. Excelentes livros para a professora são: "Our Early Ancestors", de M. C. Burkitt; "Our Prehistoric Ancestors", de H. F. Cleland; "Childhood of the World", por Edward Clodd; "Tolmi of the Tree-Tops", de Katherine A. Grimes; "Cave Mound", e "Lake Dwellers", e "Other Primitive People", de Florence Holbrook; "Story of the Humane Progress", de L. L. Marshal; "Tales of the First Animals", por C. C. Mook e Edith B. Walker, "Prehistoric Man", por J. J. M. de Morgan; "Everyday Life in the Old Stone Age", por Marjorie e C. H. B. Quennel; "How Man Conquered Na-

ture", por Minnie J. Reynolds, e "Story of Ab.", por Stanley Waterloo". Excelentes historias para serem contadas ás crianças encontram-se no livro "Jungle Book", de Rudyard Kipling; em seu "Just So Stories", entre as quais se acham: "The Cat That Walked by Himself", "How the Alphabet Was Made", e "How the First Letter Was Written". A velha historia de Romulo e Remo e a historia do fogo sagrado dos Romanos são tambem de interesse, por estarem associadas á vida dos povos primitivos.

Destes livros a professora precisa escolher as verdades mais importantes para apresentar. Naturalmente a criança não póde assimilar tudo dos fatos, mas póde alcançar o suficiente para formar um começo de base cultural e social e compreender a dependencia de homem a homem. No inicio do estudo deve haver na mente da professora determinadas idéas e certos fatos que ela espera que todas as crianças conheçam no fim do trabalho. Os pontos essenciais deste projeto foram incorporados em perguntas de revisão oral e em um test final, escrito. A professora persistiu nesses pontos durante todo o estudo.

Os objetivos a serem alcançados foram:

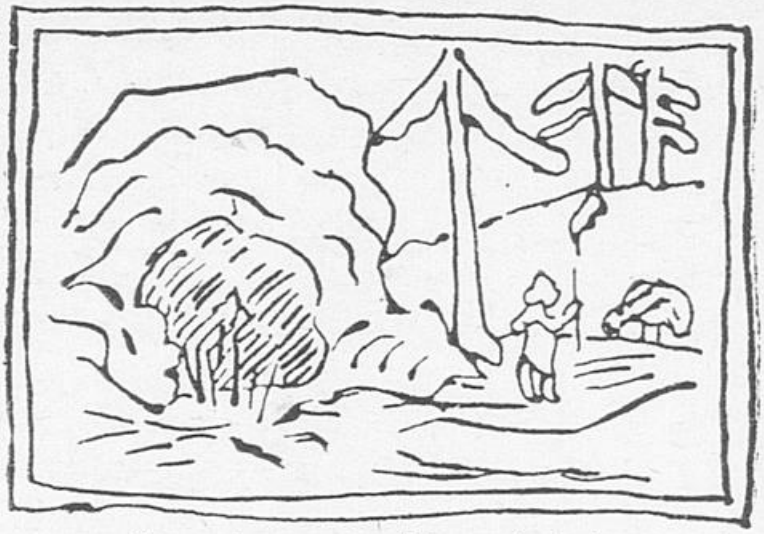
1.º) Adquirir todos os conhecimentos possiveis acerca dos povos primitivos;

2.º) Apreciar como o meio ambiente do homem determina suas atividades e como este, por sua vez, modificou o ambiente.

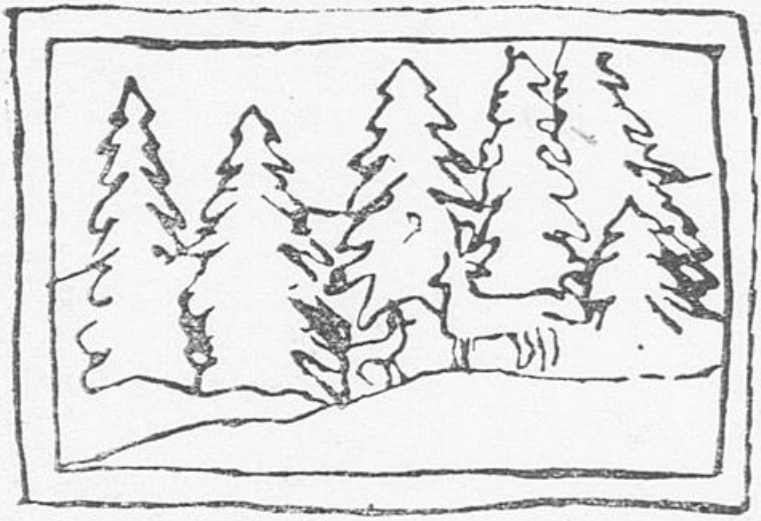
3.º) Prover cada criança de experiencias raciais para enriquecer-lhe as proprias.

O projeto foi iniciado da seguinte maneira: A classe, chegada recentemente do 1.º grau estava entoando canções aprendidas no ano anterior. Entre estas, era familiar uma referente a "um pequeno ninho em um velho carvalho". Surgiram, então, conversas sobre casas, passaros e animais que viviam em arvores, etc. Perguntei ás crianças se sabiam que tambem o homem já viveu em arvores antigamente. Isto des-

Alguns desenhos ilustrando o projeto sobre os povos primitivos feitos pelas crianças



O urso das cavernas tinha medo do fogo



A rena voltou para as montanhas

Eles atravessaram o rio em uma jangada de peles

pertou-lhes interesse, e elas concordaram que gostariam de aprender algo sobre os povos que viveram ha milhares de anos passados. Seguiu-se uma discussão acêrca do significado do termo "povo primitivo".

O trabalho foi naturalmente dividido em quatro partes, constituindo, cada uma, unidade em si mesma. Estas, tiradas dos livros de Katherine Dopps para serem lidas pelas crianças, foram:

1.º) "Os Habitantes das Arvores ou "A Idade do Medo";

2.º) "Os primeiros Homens das Cavernas" ou "A Idade da Luta";

3.º) "Os Ultimos Homens das Cavernas" ou "A Idade da Caça";

4.º) "Os primeiros Povos Maritimos" ou "A Conquista do Mar".

Estas divisões formaram uma sequencia historica e a cada uma foi dada uma conclusão definitiva.

Um grande cartão foi colocado no quadro negro no principio do estudo, e era preenchido á medida que novos povos eram estudados, e novos fatos, aprendidos. A' esquerda, estavam os nomes dos quatro povos estudados e, no alto, estes titulos, com amplo espaço em baixo para se preencher nos itens: Casas, Vestuario, Alimento, Instrumento, Armas, Especie de Povo (selvagem, guerreiros, caçadores, bravos, etc), Modo de viajar (sem importancia até o Povo Maritimo e seus botes serem estudados), e, por fim, de todas as Primeiras Cousas", um titulo que as crianças insistiam em completar. Na conclusão do trabalho, terminado o cartão, as crianças puderam lê-lo e entendê-lo.

A materia era apresentada em forma de historia, de modo simples, mas tão atraente quanto possivel. Era uma combinação de geografia e de historia. Sendo a geografia um estudo acêrca do modo por que o homem faz a sua morada na terra, foi dado valor ao elemento *lugar*. Sendo a historia um registro do progresso humano e um estudo do desenvolvimen-

lo que torna o homem capaz de viver em sociedade, era tambem importante o elemento *tempo*.

Em meu programa, uma hora por dia é reservada para uma unidade de trabalho ou para atividades não determinadas. Quando o projeto podia ser plausivelmente associado ao trabalho usual da classe, como era frequente, tal correlação se fazia; mas o projeto não era introduzido em outras lições, apenas visando a correlação. O metodo seguido para cada historia, em cada divisão, foi ordinariamente o seguinte:

1.° dia: — Historia contada pela professora; discussão, rapida revisão oral; dramatização de uma parte interessante da historia, escolhida pela classe.

2.° dia: — Lição de leitura mimeografada contando as partes mais importantes da historia em forma muito simples; ensaio da dramatização; ilustração de sentenças ou partes preferidas da historia, no quadro negro; composição de poesias originais ou historias, dando a professora sugestões se necessarias.

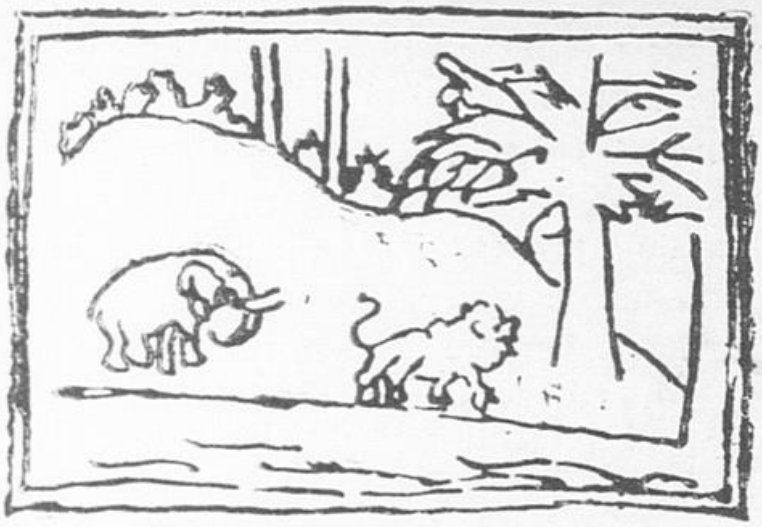
3.° dia: — Um test facil sobre a historia; continuação do ensaio da dramatização; modelagem; ilustração; continuação de historias e poesias, ou desenho de quadros, por grupo de alunos. O trabalho em grupo era feito na ultima meia hora, depois do test e da dramatização terem sido completados pela classe inteira.

4.° dia: — Lição de leitura mimeografada; test facil; trabalho em grupo.

5.° dia — Test mais dificil; composição de adivinhações; trabalho em grupo.

Esta lista não era rigorosamente seguida; algumas vezes a classe inteira desejava gastar a ultima meia hora desenhando, escrevendo ou dramatizando historias; e não havia, de todo, trabalho em grupo. Nunca se fazia esse trabalho sem que um grupo de crianças no momento desejasse fazer alguma cousa ou saber como fazê-la.

Na 1.ª divisão — "Os Habitantes das Arvores" — fo



A' noite os animais iam beber agua

Bodo tinha medo de Dente de Sabre

Péveloz viu um veado

ram contadas ás crianças as quatro seguintes historias, uma em cada semana: "Dente Agudo e seu Filho", "Infancia de Bodo", "Bodo trava conhecimento com o Fogo", e "A Tribu do Fogo".

Na 5.ª semana houve revisão, e durante esse periodo os grupos fizeram frisas de papel cortado, que mostrava habitantes das arvores, animais indo beber e o efeito do fogo; pintaram cenas da floresta em aquarela; compuseram adivinhações e poesias; acabaram o ensaio da dramatização; fizeram quadros para a maquina de cinema e varias outras coisas.

Antes de terminar esta semana, foi dado um test de compreensão, e no ultimo dia as crianças entretiveram as outras classes. Mostraram os films, enquanto outra criança os explicava; entoaram sua canção original dos "Habitantes das Arvores" e dramatizaram uma historia.

Tudo isto foi naturalmente muito simples e imperfeito, mas deu-lhes grande satisfação.

A 2.ª divisão — "Os primeiros Homens das Cavernas" — seguiu-se naturalmente. Tres historias foram contadas: "Como a Tribu do Fogo se tornou Tribu da Caverna", "O Diluvio e a Procura do Fogo", e "Braçoforte Faz Fogo".

O estudo ocupou tres semanas. A 4.ª semana se passou em revisão, test, confecção de frisas de papel cortado, tecelagem de cestos e conclusão de uma serie de quadros.

A 3.ª divisão — "Ultimos Homens das Cavernas" — foi mais dificil do que as primeiras, posto que muito interessante. As historias contadas eram maiores, e o trabalho aumentou constantemente em dificuldades. Entretanto, era possivel fazer muito mais, pois que, na 1.ª divisão, as crianças adquiriram a base essencial: — uma descrição da terra como grande extensão de planicie e florestas habitadas por animais selvagens e por homens pouco menos selvagens, que tinham sómente armas ou instrumentos inventados por êles proprios.

Foram contadas tres historias nesta divisão: "Chew-Chew e Péveloz", "Péveloz e Flaker", e "Péveloz Volta Para Casa".

Durante a semana de revisão, ao concluir esta parte, as crianças estavam tão encantadas com a ação dramatica nas historias, que desejaram reunir todos os jogos e dramatizações e fazer uma pequena representação para oferecer aos convidados. Elas fizeram isto trabalhando em grupos para prepararam os dialogos e melhorarem as danças.

O resultado foi uma imperfeita, mas divertida e interessante, representação de muitas cenas, denominada "A Historia de Péveloz".

A 4.ª e ultima divisão — "Primeiros Povos Maritimos" — era a mais dificil do projéto inteiro.

Quatro historias foram contadas: "Atravessando o Rio" e "Alcançando o Mar"; "Vivendo do Mar"; "Gorro Branco cresce", e "Conquistando o Mar".

Felizmente, como não estavamos muito longe da costa, toda a classe tinha visto o oceano e conhecia ondas, nevoeiros e terras pantanosas. O trabalho mais interessante, talvez, associado a esta divisão, foi a construção, no taboleiro de areia, da "Ilha dos Hipopotamos", com animais de argila, penhascos e um dique. Os povos e passaros foram feitos de papel.

Esta parte terminou, por desejo das crianças, com uma exibição de leitura dedicada aos pais. Todas as lições mimeografadas, relativas á historia inteira do "Povo Maritimo" e ás melhores historias e poesias, foram lidas. Deram explicações referentes ao taboleiro de areia e tambem exibiram quadros que mostravam os acontecimentos mais importantes da historia.

Era necessario combinar e comparar os conhecimentos adquiridos em todo o estudo. Para isto foi reservada uma semana, durante a qual houve revisões, esboços no quadro para as crianças completarem e tests escritos.

Gastou-se uma semana em preparar uma conclusão interessante para o projéto.

A classe deu muitas sugestões; mas, como a maioria das crianças opinava por uma exibição ou por uma representação, decidiram fazer ambas as cousas. As crianças trabalharam em grupo para a preparação. As que tinham habilidade artistica fizeram as cousas necessarias para a exibição, e as que desejavam a dramatização trabalharam nesta parte. A professora foi um mero membro consultivo de cada grupo. Os membros do grupo da exibição escolheram os companheiros para fazerem os discursos explicativos. Estes foram escritos com o auxilio da professora. A comissão da dramatização logo descobriu que já haviam dramatizado as partes mais importantes de cada historia, em cada divisão. Viram a necessidade de juntar as divisões por meio de curtas explicações, formando assim um todo harmonico. As canções e poesias escritas foram cantadas e lidas pelos seus autores.

Naturalmente os membros do grupo da arte foram tambem incluidos e ficaram muito contentes de tomar parte em dois grupos. Todas as crianças contribuiram um pouco para a representação. Escreveram programas e convites para os pais e para as outras classes.

O programa foi este:

Discurso de saudação

Canção — Bodo é um menino trigueiro das arvores — Dramatização — Como Bodo fez amizade com o fogo.

Dança da Caça

Poesias — Eu sou Bodo — Meia noite na floresta — Canção — Arde, fogo, arde!

Dramatização — Historia de Péveloz.

Poesias — O Diluvio — A Canção do regato.

Canção — Gorro branco construiu para si um pequeno bote.

Dramatização — Gorro branco conquista o mar.

A Dança dos hipopotamos

Poesias — Canção das gaivotas — Mãe — Oceano.

Gorro branco. O que os pinheiros diziam quando o vento soprava.

Durante todo o estudo as atividades das crianças foram numerosas e variadas. As mais importantes foram as seguintes:

Excursão ás proximidades do parque, em conexão com o estudo dos habitantes das arvores e do povo das cavernas.

Excursão imaginaria ás habitações dos povos estudados.

Narrativa de excursões campestres e visitas ao campo e á praia.

Preparação de programas para outras classes.

Exibição de trabalho artistico e manual.

Dramatizações

Confecção de frisas de papel para as paredes da sala — Confecção de livros de historia, poesias e quadros de pintura.

Discussões em classe

Tests

Representação da Ilha dos Hipopotamos no taboleiro de areia.

E' dificil controlar todas as realizações das crianças em uma unidade de trabalho, visto que as atividades são numerosas e variadas. Todavia, a verificação, de algum modo, é necessaria. Sem ela, a criança póde colocar-se passivamente durante o trabalho, sem que a atarefada professora o perceba.

Preparei para cada aluno um grande cartão individual, que deixava espaço para notas em baixo dos titulos e subtitulos.

Tests

Verdadeiro — Falso;

Complemento

Multipla — Escolha

Perguntas e respostas

Revisão oral

Trabalho escrito: Historias e poesias.

Arte

Trabalhos manuais.

Dramatização

Atitude para com o trabalho

Findo o estudo, haverá um sinal ou observação debaixo de cada titulo, e o resultado dará uma idéa clara do gosto e aptidão das crianças. Toda criança pertencente a este grau terá uma boa apreciação, pelo menos, debaixo de um daquêles titulos.

Muita correção póde ser feita durante o periodo de trabalho em grupo.

Convem lembrar que o sucesso é medido não pelas marcas nos tests, mas pela soma de trabalho creativo; não obstante, muitos tests foram dados. As crianças os apreciavam, e êles eram valiosos como revisão. Ainda que os resultados desta unidade de trabalho falhem em alcançar inteiramente os objetivos, ela teria valor se as crianças adquirirem uma apreciação dos principios do progresso humano, que as ajudará em seu trabalho futuro.

Exemplos de composições das crianças.

Adivinhações

Pé veloz veste-me. Ele finge que é um animal. Anthler fez de mim um agasalho. Quem sou eu? Resposta: Uma pele de urso.

Eu fico sózinho no alto da colina e vigio o perigo. Eu digo então aos outros: Corramos todos. Quem sou eu? Resposta: Uma sentinela.

A canção do regato

(Por uma criança)

Adeus, geleira, eu vou-me embora.
Eu vou descendo para o mar.
Eu sou apenas um riacho
Mas eu não tenho medo.

Eu sei achar o meu caminho
Para minha mãe — o Mar,
Adeus, geleira,
Não fique sózinha.

Quando eu fôr,
Outros riachos
Brotarão de seu gelo;
Mas eu vou correndo
Para minha mãe — o Mar.

O que os pinheiros diziam quando o vento soprava

(Pela classe, com o auxilio da professora)

Quando o vento frio do mar soprava,
Os altos pinheiros pendiam suas cabeças.
Eles gostavam do vento do mar.
Eles gostavam das gaivotas e das areias movediças.
Eles gostavam de sua morada na floresta.

Quando o vento frio do mar soprava,
Os pinheiros altos sorriam e diziam:
"Sopra com tanta força quanto puderes;
Nós gostamos de balouçar e balançar..."

Canção dos habitantes das arvores

(Pela classe)

Bodo é um trigueiro filho das arvores
Do longinquo passado.
Os grandes carvalhos são a alegria de Bodo.
Soprem brisas, soprem,
Quando o sol brilha no céu.

Bodo caça todo o dia;
Balançando nos altos ramos,
Bodo brinca, brinca,
Quando a lua vem baixando,

E rastejam os animais selvagens
Onde as frias aguas correm
Bodo dorme, dorme.

Uma revisão escrita

(Este test foi dado depois de terminada a unidade inteira).

1 — De que os habitantes das arvores tinham medo ?
2 — De que os animais tinham medo ?
3 — Qual foi a cousa mais importante para os povos primitivos ? Porque ?
4 — Que fazemos com as armas ?
5 — Que fazemos com os instrumentos ?
6 — De que foram feitos os primeiros instrumentos e as primeiras armas ?
7 — Quem primeiro travou conhecimento com o fogo ?
8 — Porque a inundação tornou os habitantes das cavernas tão medrosos quanto os habitantes das arvores o tinham sido ?
9 — Quem primeiro fez o fogo ?
10 — Quem primeiro viajou no mar em bote ?
11 — Quem primeiro reuniu seus irmãos e toda a tribu ?
12 — Que mudança sofreu o clima, do tempo dos habitantes das Arvores aos ultimos habitantes das Cavernas ?
13 — Que mudança isto trouxe á vida dos povos ?
14 — Porque os rebanhos se tornaram menores ?
15 — Quem teve o primeiro bote ?
16 — Que novos alimentos tiveram os povos maritimos ?
17 — Que veiu a ser das tribus que não foram para o mar ?
18 — Porque o Povo Maritimo foi para a Ilha dos Hipopotamos ?
19 — De quais povos aprendidos nestas historias vocês gostaram mais, e porque ?

Dois tests sobre os Povos Primitivos

Verdadeiro — Falso

Este test foi dado depois da primeira historia da divisão "O ultimo homem das cavernas".

Coloque o sinal mais (+) nas perguntas verdadeiras e (—) nas falsas.

1 — O homem das cavernas sabia menos que os habitantes das arvores.

2 — O povo pensava que Flaker tinha poder magico.

3 — Chew-Chew era uma mulher sábia.

4 — Os homens das cavernas fizeram pesadas lanças, porque estas eram melhores para caçar.

5 — O bisão seguia sempre um guia.

6 — Na primavera as mulheres das cavernas ajuntavam nozes.

7 — Péveloz não era bem tratado por Anthler.

8 — Fronteiras são rios ou colinas que separam as terras de caça.

Test para completar

Este test foi dado depois da ultima historia da divisão — "Primeiros Povos Maritimos".

1 — O sinal da Estrela da Tarde era um... no...

2 — O bote de Whitecap parecia um negro...

3 — O povo viu fumo no...

4 — Havia centenas de... na ilha.

5 — Eles construiram um... de... para desviar o mar.

6 — O bote de Solan era um...

7 — A Tribu dos Gansos tinha pratos de...

8 — A festa acabava com...

10 — Whitecap e Breaker estavam proximos em um...

IMPRENSA OFICIAL DE MINAS-GERAIS

Origem: Doação

8